

Das

saídas

que

moram

nas

palavras

Caderno de atividades



Olá, como você está?

Desde 2017, nós do grupo de pesquisa ***Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*** atuamos no Presídio Feminino de Florianópolis, fazendo oficinas de teatro. Mas nossas atividades foram suspensas desde o começo da pandemia, em 2020, por causa da necessidade do isolamento social.

Desenvolvemos este caderno de atividades, para abrir um espaço de encontro consigo e entre nós. Nossa inspiração foi um projeto chamado ***Mulheres Possíveis***. Esperamos que esse caderno seja também um alento nesses tempos, uma possibilidade de autopercepção e autocuidado, um espaço de expressão, de criação e de fazer arte.

Nossa vontade era criar pessoalmente com você, mas enquanto não pudermos, vamos compartilhando essas páginas, palavras, imagens e emoções.

**Que nossas palavras cheguem a você
como um abraço envolto em carinho!**

escreva acima como gostaria de ser chamada
(não precisa ser seu nome de verdade)

Concepção da proposta, organização e redação

Prof. Vicente Concilio (UDESC)

Prof^a. Caroline Vetori (UDESC)

Editoração

Prof^a. Anelize Zimmermann (UDESC)

Prof^a. Sara Copetti Klohn (UFRGS)

Projeto Gráfico

Prof^a. Anelize Zimmermann (UDESC)

Prof^a. Sara Copetti Klohn (UFRGS)

Bolsistas Clara Sohn e Fernanda Gonçalves (UDESC)

Contato do projeto

teatroepisao@gmail.com

vicente.concilio@udesc.br

Agradecimentos

Esse caderno é resultado de uma ação dos Programas de Extensão Pedagogia do Teatro e Processos de Criação e Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica, do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina e foi impresso com os recursos do Edital PAEX-PROCEU/UDESC nº 01/2019 a ser aplicado em 2020-2021. O caderno é de distribuição gratuita para os locais.

ISBN: 978-85-8404-260-9

Distribuição eletrônica gratuita:

HUCITEC EDITORA

Rua Dona Inácia Uchoa, 209

Vila Mariana - São Paulo, SP - 04110-020

55 11 3892-7772 11 3892-7776

huciteceditora.com.br

Esse caderno faz parte de uma Atividade Educacional Complementar. Então, você deverá devolver o caderno para que possamos acompanhar o que você fez.

Gostaríamos que suas produções sejam vistas por mais pessoas além dos muros. O seu nome não será utilizado, se você não quiser. Você pode escolher um outro nome para assinar seus trabalhos – por exemplo, a primeira letra do seu nome ou um nome artístico.

Você permite a utilização do seu material?

(☐) **sim**, autorizo o uso das minhas produções feitas no caderno de atividades Das saídas que moram nas palavras. O grupo de pesquisa Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância pode exibir o meu material em partes ou totalmente em suas pesquisas e produções artísticas.

Quero assinar meus trabalhos como _____.

(☐) **não** autorizo o uso das minhas produções feitas no caderno de atividades Das saídas que moram nas palavras.

_____, ____ de _____ de 20____.

Assinatura

Nome: _____

Orientações

1 Não existe certo ou ~~errado~~ errado.

Brinque com as palavras. Você pode se expressar do jeito que quiser: pode escrever, desenhar... Este caderno é seu!

2 A leitura também é um ato de criação.

A forma como você entende o exercício é a forma como ele deve ser feito. Os exercícios deste caderno podem ser recriados a partir da sua leitura, que é pessoal, ou seja, ninguém pode fazer por você.

3 Faça adaptações.

Transforme os exercícios como você puder no momento. Por exemplo, se você quer escrever em roxo, mas não tiver essa cor para escrever, você pode anotar ao lado: Gostaria que essa escrita fosse em roxo.

4 Tente entrar em contato com você mesma e com as outras pessoas.

As palavras, as brincadeiras podem ser chaves preciosas. Podem abrir portas pesadas e difíceis. Podem nos transportar para outros lugares.

5 Tome seu tempo.

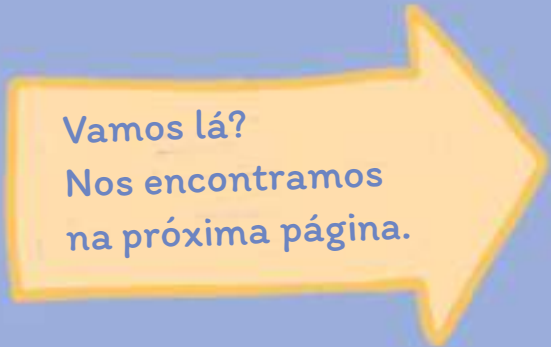
Não tenha pressa para terminar as atividades ou o caderno. Após cada exercício, pense sobre ele, perceba como te tocou, o que mexeu fisicamente, sensorialmente, emocionalmente. Se puder, compartilhe com uma companheira, converse sobre suas percepções, e escute as dela.

6 Use o caderno como um diário de experimentações, criações e aprendizados.

Coloque a data de cada atividade. Queremos muito saber sobre seu percurso criativo.

7 Você não precisa seguir a ordem das atividades.

Faça as atividades na sequência que achar mais interessante.



Vamos lá?
Nos encontramos
na próxima página.

Plantando palavras

*o amanhã está na esquina do tempo,
logo ali iremos nos encontrar
e nos deparar com um novo caminho,
novas estradas,
novas histórias,
novos encontros,
que demandaram o crescimento dos dias,
calendários antigos que abrem as folhas da manhã,
na palavra esperança há a espera
que da espera fazemos nossas danças*

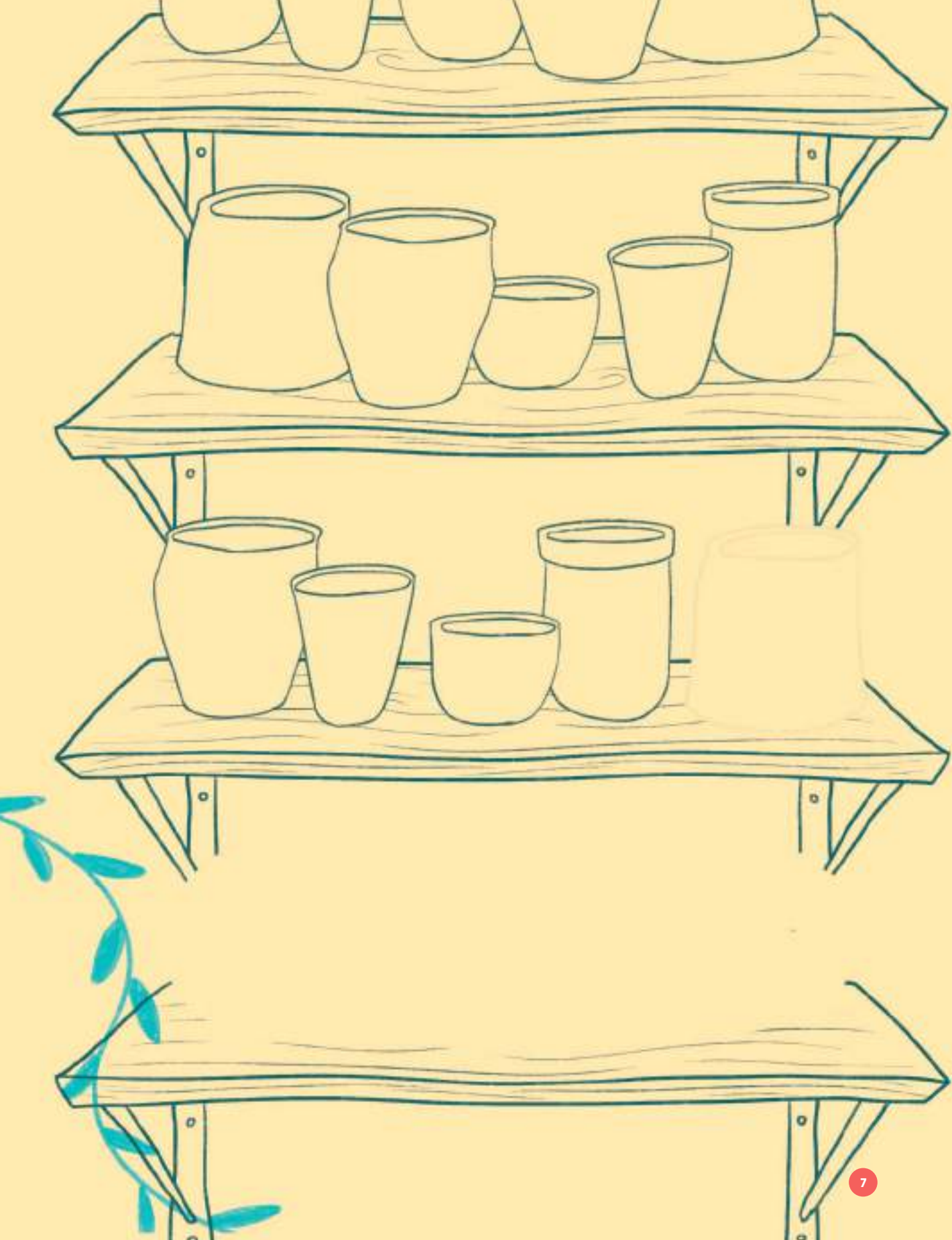
Uma página em branco é um universo
de possibilidades a ser criado.

Aqui, simbolicamente, lhe
convidamos a criar um amanhã.

Plante palavras que sejam sementes!

**Plante palavras-sentimentos-
-vontades nesse terreno fértil.**





Uma carta para o futuro

O que você gostaria de dizer?
Quais são os **planos**, os **desejos**,
os **sonhos**, os **conselhos**...?

Não pare tanto para pensar,
deixe os pensamentos tomarem
forma de **palavras** e/ou **desenhos**
no papel sem julgamento... Deixe fluir.



Escreva uma carta para:
você do futuro

Querida,

Somos muitas

Quando nos apresentamos costumamos iniciar com a frase “**Eu sou...**”

Parece algo fechado, mas na verdade **somos muitas**, não é?

Saber como somos diferentes a cada momento, pode nos ajudar a nos libertar do que as pessoas pensam de nós, como se nossa existência fosse resumida a apenas ser uma...

Sabermos disso é o que nos torna **únicas...**

Exercício inspirado no livro de atividades: *mulheres possíveis*



Pensando nisso, nos conte:

Que mulheres você é?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11</																																																																																									

Eu sou, Eu não sou

Complete as frases com palavras ou desenhos:

Eu sou

Eu não sou

Todo mundo sabe que

Ninguém sabe que

Eu quero

Eu não quero

Eu brinco de

Eu canto

Se eu fosse um livro eu seria

Se eu fosse uma cor eu seria

se eu fosse uma
cor eu seria
vermelha

Eu tenho

Eu sei

Eu sonho

Eu torço

Se eu fosse

Se eu voasse

Se eu

Se eu fosse um objeto eu seria

Se eu fosse uma personagem
eu seria

Se eu pudesse...



No teatro, muitas vezes, nós usamos o chamado **"se"** mágico:

SE eu fosse outra pessoa?

SE eu pudesse fazer tal coisa?

O **"se"** mágico nos ajuda a voar no universo da imaginação e pode ser um ótimo companheiro.

Ele nos convida a imaginar outras situações e a viajar no mundo.

E **se** nós nos encontrássemos, frente a frente para nos conhecermos?

Como você se apresentaria?
O que você diria sobre você?

E o que você perguntaria?
O que gostaria de saber?

Escreva contando.

Olá, eu me chamo

Se eu encontrasse...

Agora, vamos mudar um pouco as personagens e o local desse encontro.

Imagine **se** a pessoa que estivesse na sua frente fosse uma pessoa muito famosa, que gostaria de entrevistar você.

Quem é essa pessoa que está te entrevistando?

Qual o programa, contexto ou local da entrevista?

Quais são as perguntas que essa pessoa famosa faz?

E o que você responde?

Aqui, nós começamos a brincar mais com a realidade (você) e a ficção (a pessoa famosa e o local da entrevista).

Você pode responder a partir da realidade e também inventar, brincar com a fantasia.

Olá, estamos aqui com a...

41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100
 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150
 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200
 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250
 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300
 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350
 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400
 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450
 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500
 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550
 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600
 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650
 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700
 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750
 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800
 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850
 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900
 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950
 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

Perguntas

Agora, pergunte a alguma colega o que ela acha interessante perguntar quando **encontra alguém pela primeira vez**.

Se possível, pergunte a outras colegas e anote o que elas falaram...

Anote as sugestões dela aqui:

Como foi o seu dia?

Agora você tem em seu caderno várias perguntas, certo?

Responda você mesma a essas perguntas no seu caderno.

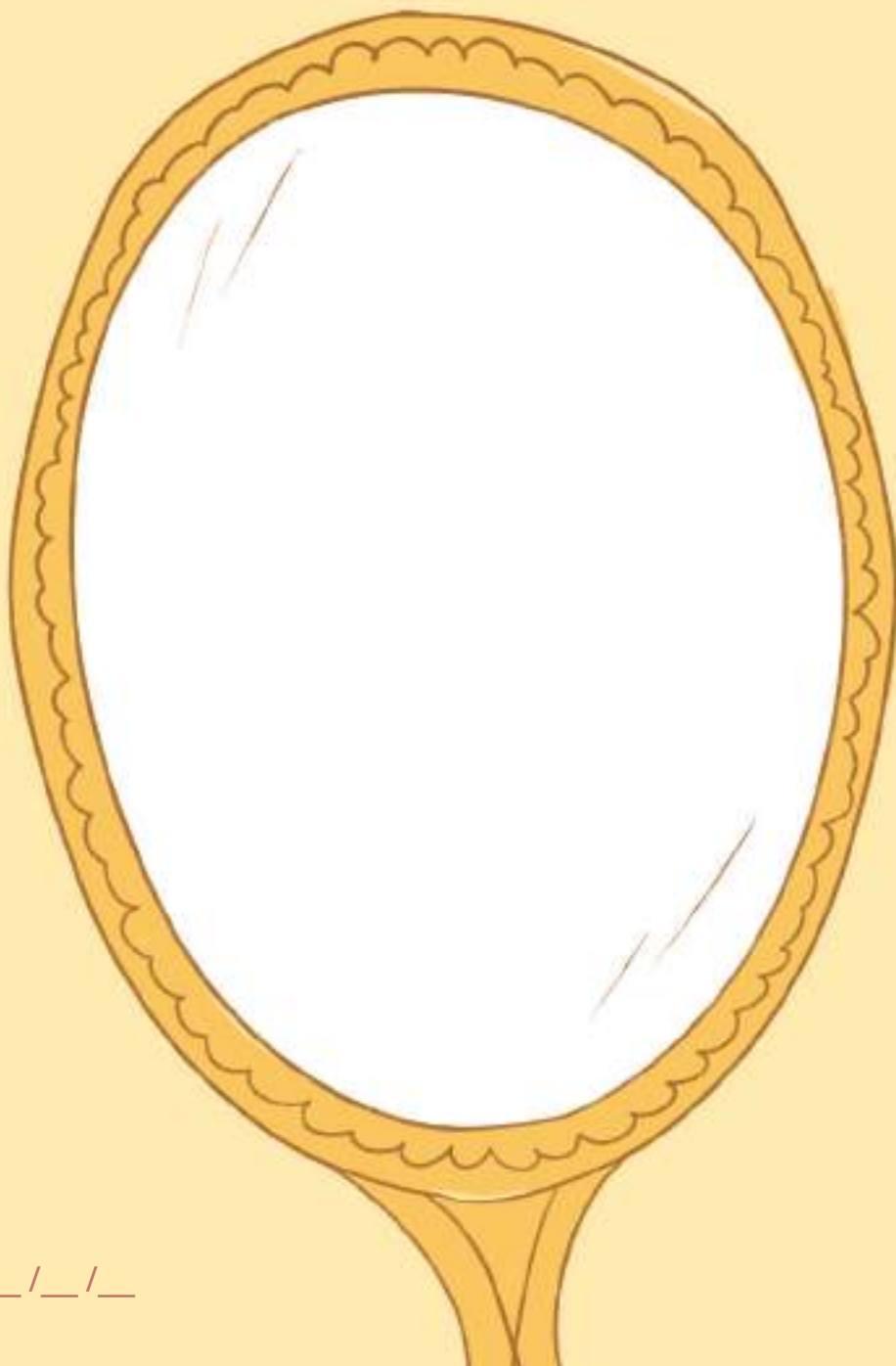
O que nunca me perguntaram antes

O que você quer contar que **nunca lhe perguntaram antes?**

Escreva as perguntas e as respostas.

Se desenha

Tente fazer um desenho de **si mesma**. Você já se desenhou? Tente aqui.



Se eu fosse um objeto

Pense em um objeto que descreva **você**.

Desenhe o objeto.

Agora, escreva sobre esse objeto,
como se você fosse ele.



Exemplo: Pensei em lápis.

Era uma vez um lápis,
um lápis que era de todas
as cores porque ele era...

___ / ___ / ___

Como se fosse água

“

*Do rio que tudo arrasta
se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas
as margens que o comprimem.*

Bertolt Brecht

Imagine que sua **trajetória de vida** até o dia de hoje é feita de água.

Desenhe o seu percurso
pensando nas perguntas:

- Por onde essas águas correram?
- Essa água foi rio? Cachoeira? Mar? Chuva?
- Essa água enfrentou barragens? Corredeiras?

Como se fosse chuva

Se imaginarmos que somos **gotas d'água** podemos brincar que outras pessoas também são, e o **encontro** dessas gotas forma a chuva, os rios, o mar, os lagos, as cachoeiras e as corredeiras.

Compartilhe seu percurso de vida com algumas companheiras.

Escreva ou desenhe esses encontros.



O que vocês possuem em comum?

E o que possuem de diferente?

Em que rios vocês já se encontraram?

Eu me torno



“ (...) por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação
Para encontrar a mim mesma
Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto
Mas o sujeito.
Torno-me aquela que descreve
E não a que é descrita
Eu me torno autora,
E a autoridade
Em minha própria história
Eu me torno a oposição absoluta
Ao que o projeto colonial predeterminou
Eu retorno a mim mesma
Eu me torno.

Trecho do texto *Enquanto eu escrevo*, traduzido por Anne Quiangala, da artista e teórica negra portuguesa Grada Kilomba.

Inspirada pelo texto, tente escrever sobre você como **protagonista**, ou seja, como a autora de sua própria vida. Só você sabe qual é a melhor forma de contar a **sua história**.

Convidamos que você inicie a sua escrita
com “Eu me torno...”

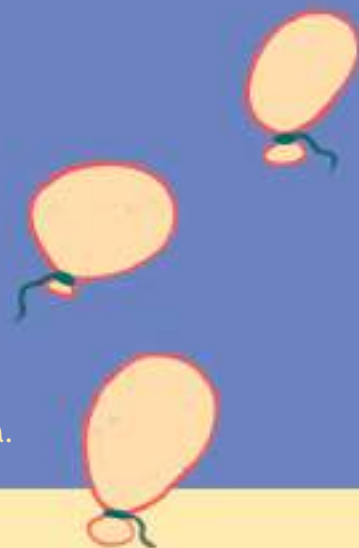
Eu me torno

Meus medos

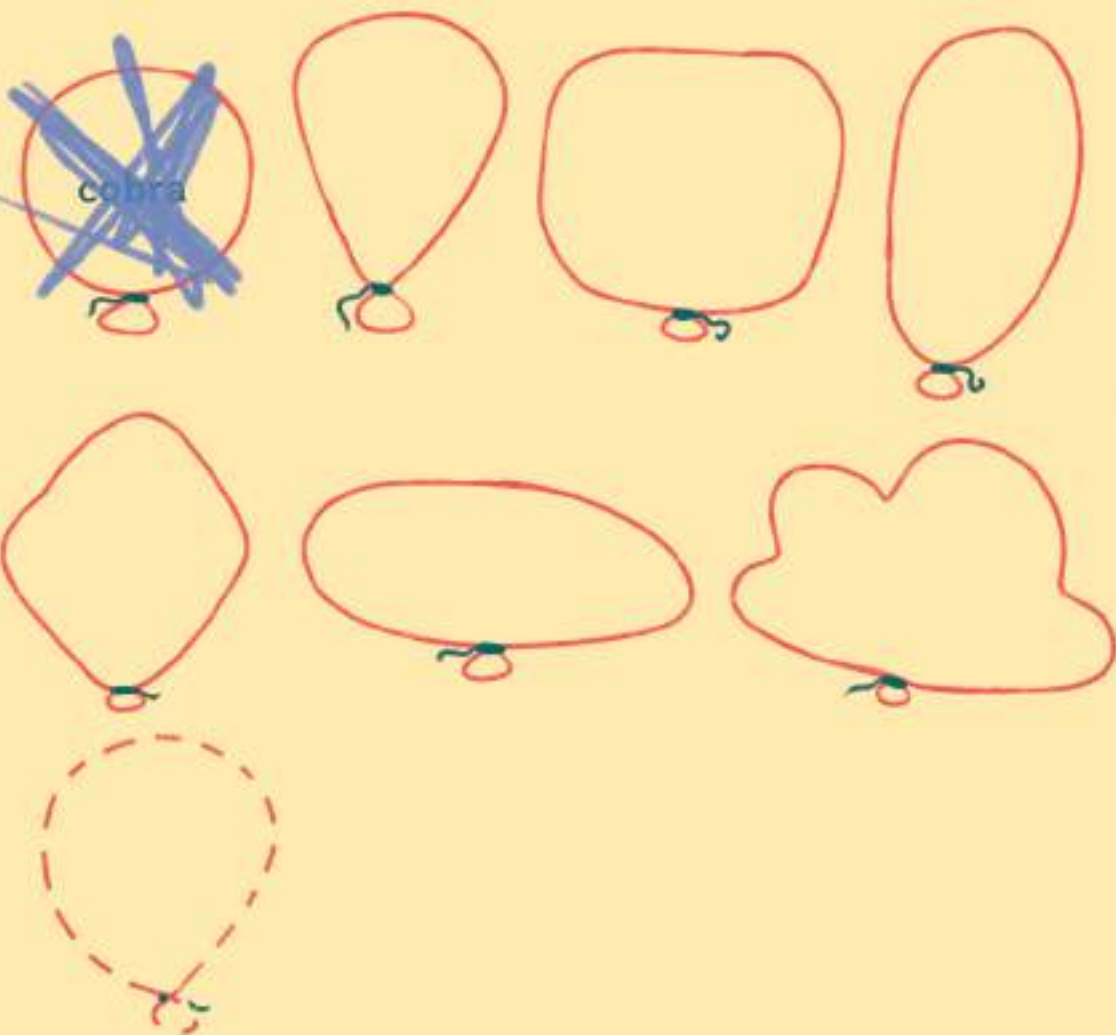
Imagine que você está enchendo os balões com os **seus medos**.

Escreva seus medos dentro dos balões.

Você também pode desenhar **mais balões** na página.



Agora, estoure os balões.



Como você está?

Às vezes, respondemos “Estou bem!” sem realmente estarmos. É uma resposta automática.

Observe como você está. Se quiser e puder, feche os olhos e se sinta.

Observe a respiração. Não precisa respirar diferente, só preste atenção. **Como ela está?**

Agora, observe **seu corpo**, como um todo.

E como está a sua **mente**?

Rápida?
Lenta?

Tenso?
Relaxado?

Silenciosa?
Barulhenta?

Escreva aqui como você está se sentindo,
sua respiração, seu corpo e sua mente.

Minha respiração está



Sentimentos em potes

Guarde sentimentos nos potes.

Esses sentimentos podem temperar suas escritas ou aquecer no inverno!

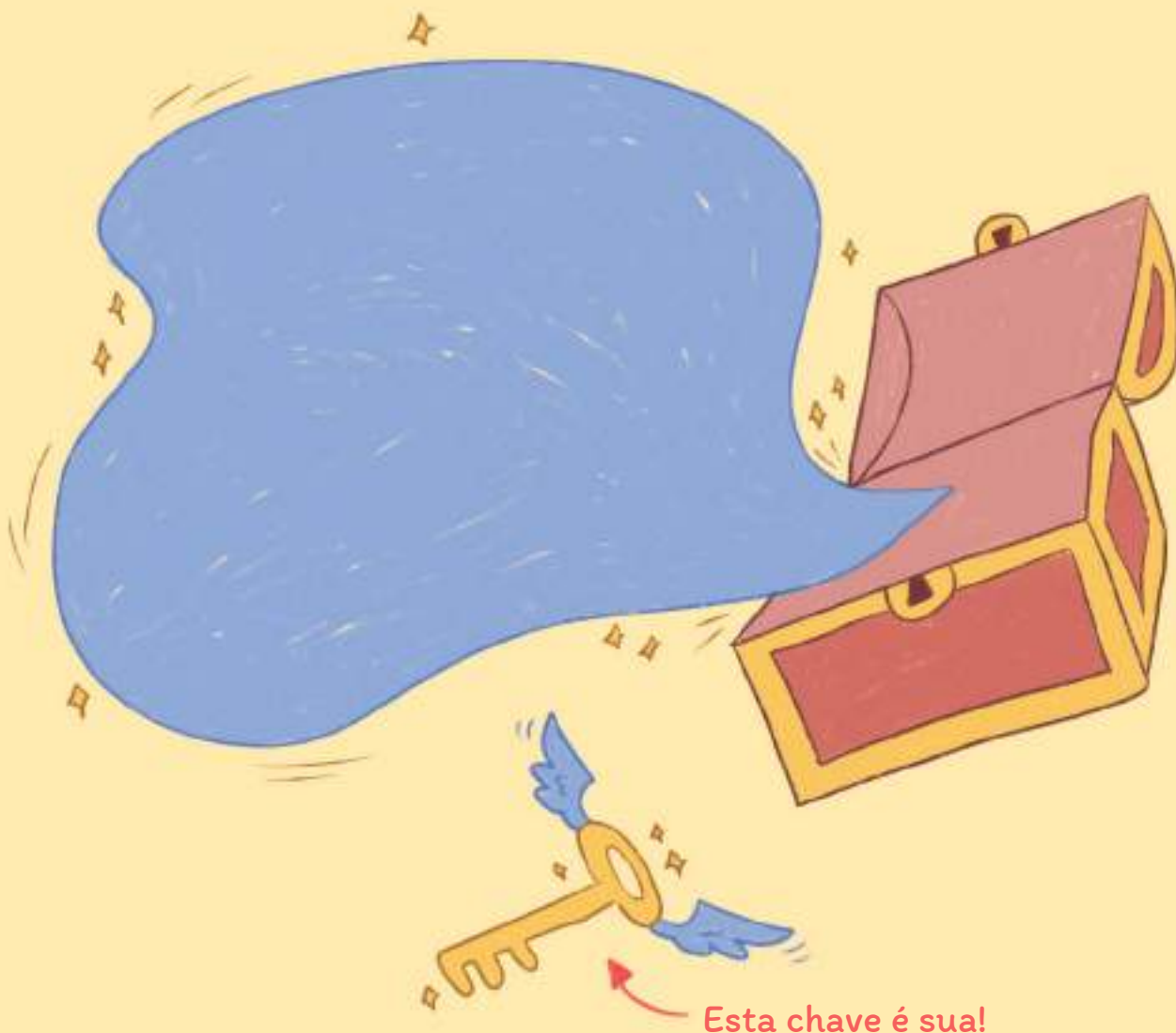
Inspirado no livro *Uma página de cada vez*.



Baú dos sentimentos

Imagine um momento de muita felicidade
e deixe essa sensação tomar todo seu corpo.

Guarde essa sensação no seu baú do tesouro.
Só você tem a chave para abri-lo!

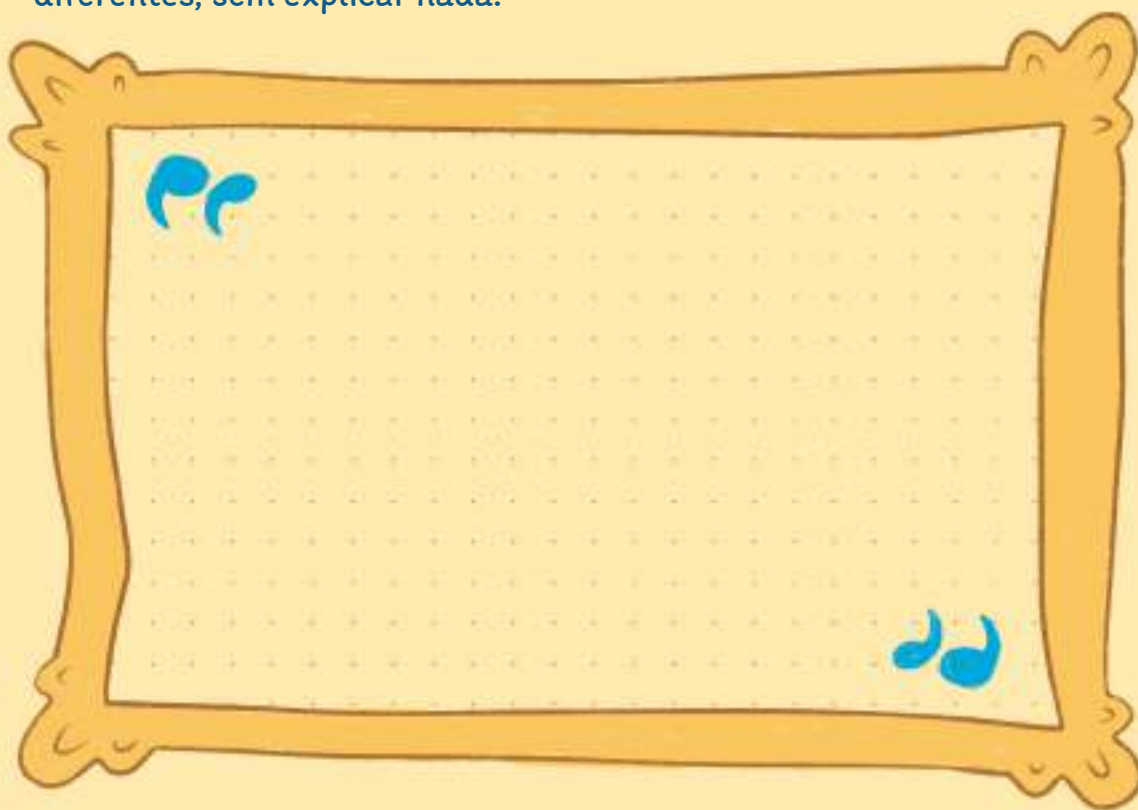


Palavras de carinho

Pense em uma **frase** que passe um sentimento de esperança, carinho e cuidado.

Escreva essa frase.

Agora diga esta frase a 3 pessoas diferentes, sem explicar nada.



Perceba o poder das suas palavras, como elas podem melhorar o dia de alguém.

Repita esse exercício sempre que sentir vontade. Inclusive, você não precisa ter o caderno em mãos para fazê-lo.

Exercício inspirado no livro de atividades: *mulheres possíveis*



Liste aquilo que lhe faz feliz

Pode ser cores, animais, comidas,
qualquer coisa que faça você se sentir bem.

1. **Carinho.**

2.

3.

4.

Nossos pés

Os pés são a superfície de apoio do peso do **nosso corpo**.

Seu formato é bastante inteligente para que possamos caminhar, dançar, correr e nos equilibrar.

Eles merecem **atenção especial**, carinho e cuidado.

Vamos movimentar e perceber nossos pés?

- 1 Sente-se de uma forma que você consiga **pegar um de seus pés** confortavelmente. Você também pode pedir a ajuda para uma companheira. Primeiro, faça todo o exercício em **apenas um dos pés**.
- 2 **Espreguice-se**, como quem acabou de acordar.
- 3 **Toque no seu pé** e sinta o contato das mãos com a pele: sinta as texturas, as partes mais macias; as partes mais grossas. Observe para reconhecê-lo no toque e na observação.
- 4 **Massageie todo o pé** como se estivesse amassando um pão, com a mão inteira.
- 5 Aprofunde o toque e **tente sentir seus ossos**. Você sabia que temos 26 ossos em cada pé? Aproveite para tentar sentir o formato dos ossos.
- 6 Encaixe seus **dedos da mão entre os dedos do pé**, como uma espécie de abraço entre essas partes do corpo, abrindo espaço entre os dedos.
- 7 Para finalizar, fique de pé, feche os olhos e **sinta a diferença entre os pés**, o que recebeu massagem e o que ainda não recebeu.
- 8 Agora, vamos voltar para a primeira etapa para cuidar do **outro pé**.

Exercício inspirado no livro de atividades: *mulheres possíveis*

Onde esses pés já andaram

Por onde seus pés já **andaram**?

Quais foram os **lugares**?

Na grama, na terra, na areia,
em troncos de árvores,
em um piso gelado, em um piso quente,
na lua, nas estrelas, no sol?

Escreva ou desenhe alguns desses lugares, que podem ser reais ou imaginários.

Meus pés já



Se esses pés falassem

A partir dos pés, vamos brincar com a escrita.

E se seus pés **falassem**, o que falaria?

Por onde **andaram**? Para onde querem andar?

Quando os passos **falharam**?

Quando ficaram na **ponta dos dedos?**

Quando criaram **raízes**?

Escreva como se os seus pés fossem os autores de uma história.

Uma vez...

Espaço



Observe seu entorno. **Escolha um ponto** do seu entorno, como um objeto por exemplo, e caminhe até ele. Ao chegar nele, escolha outro e caminhe.

Fique **bem perto**, tente perceber os detalhes.

Fique **bem longe** e perceba como seu ponto de vista modifica a percepção.

Vá deixando seu olhar ser **conduzido pelo espaço**, como alguém que busca reconhecê-lo. Você pode brincar com os níveis: se abaixar, ficar na ponta dos pés...

Agora, imagine que você quer **descrever** para alguém que não pode ver o local onde você se encontra...



Escreva ou desenhe contando sobre esse espaço.

A large grid of small squares for writing or drawing. The grid is composed of 10 rows and 20 columns of squares. The squares are light blue and have a thin black border. The grid is intended for the user to write or draw a description of the space they are in.



MuDanças

Imagine que você é um **lugar**.

Como é esse lugar?

Do que ele está **precisando**? De uma faxina?

Uma forma? Uma nova organização?

Que tal **abrir** essas janelas?

Hoje é um bom dia para **plantar** novas flores
nesse lugar?

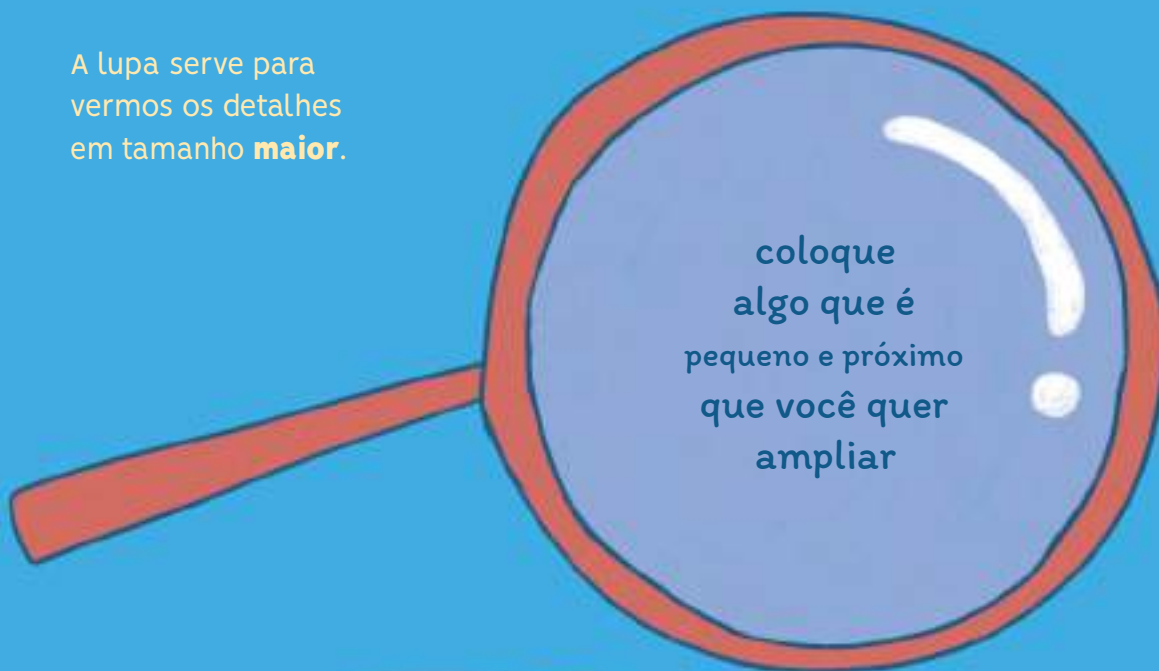
E o que você acha de pintá-lo? Com quais cores?

Escreva ou desenhe contando como é esse lugar
e quais mudanças você gostaria de fazer nesse lugar.

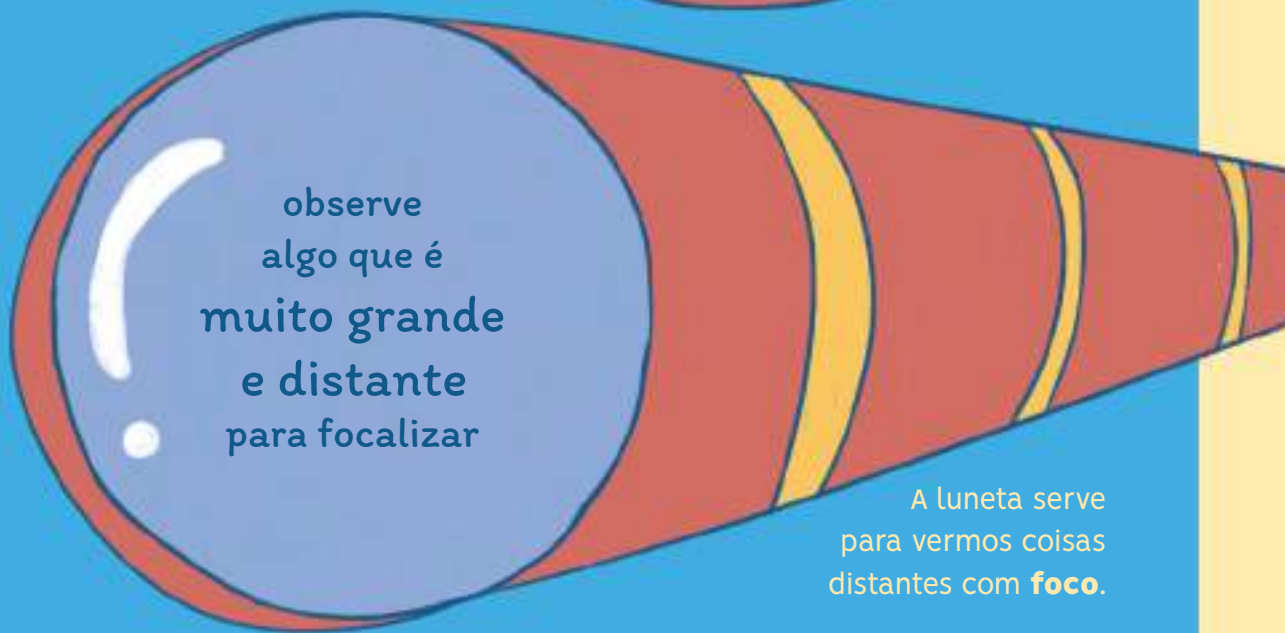


A lupa e a luneta

A lupa serve para
vermos os detalhes
em tamanho **maior**.



coloque
algo que é
pequeno e próximo
que você quer
ampliar



observe
algo que é
muito grande
e distante
para focalizar

A luneta serve
para vermos coisas
distantes com **foco**.

Perguntas do olhar

Quando **me** olhei?

Quando **olho**?

Quando **sou** olhada?

Quando os olhos **tocam**?

Quando um olhar é um abraço?

Quando em um olhar me **comunico**?

Quando **me demoro** olhando?

Quando **baixo** o olhar?



Que outras perguntas podemos fazer a partir desse sentido?

Escreva mais perguntas.

Quando meus olhos

É uma ação.

É também algo, o olhar.

O olhar de alguém que olha pra gente.

O olhar de alguém que a gente observa enquanto vê alguma coisa ou outro alguém.

É um órgão do SENTIDO.

Ver, ouvir, tocar, sentir cheiros e gostos.

É possível tocar alguém com o olhar?

Exercício inspirado no livro de atividades: *mulheres possíveis*



Podemos tocar

O que você ouve?



Quais sons estão **mais distantes**? Há sons repetitivos? Há sons humanos?

Soprando palavras

Nos ouvidos, podemos...

... soprar palavras **baixinho**...

... gritar palavras **bem alto**...

... cantar palavras **com melodia**...

... declarar palavras de **amor**..

Acrescente palavras aos desenhos
buscando passar os diferentes sentimentos.



Assoprando para longe

Inspire profundamente pelo nariz, solte o ar pela boca, deixando sair o som de um **AAAAAAAAAAAA** suave.

Mais uma vez.

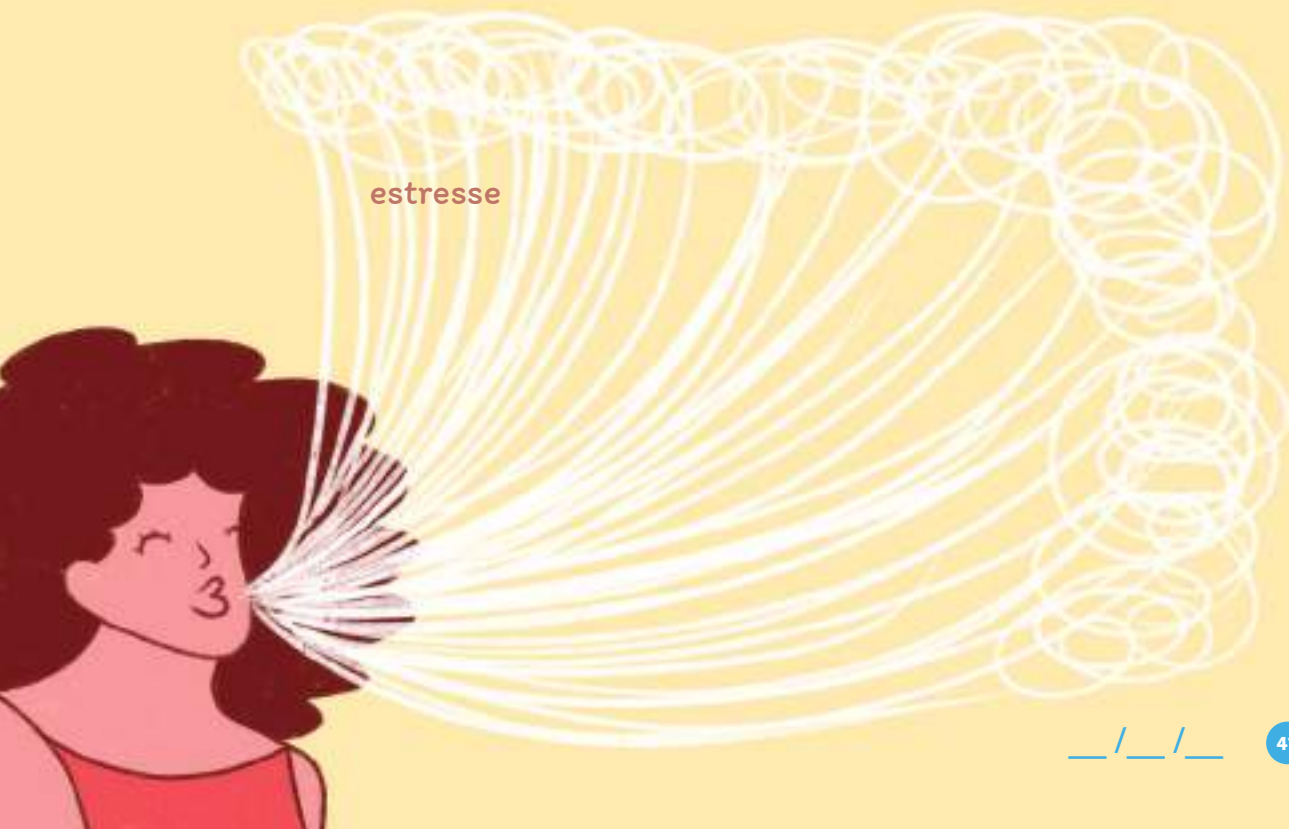
Agora, inspire elevando os ombros e quando for soltar o ar deixe os ombros relaxarem.

Mais uma vez.

Deixe sair um **AAAAAAAAAA** maior. Você pode abrir mais a boca para fazer o exercício.

Imagine que quando o ar sair nesse **AAAAAAA** você está tirando de dentro do seu corpo tudo o que você não quer mais.

Complete o desenho com tudo aquilo que você quer assoprar para bem longe de você.



Quem sabe escutar?

“ Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular.

Trecho do texto *Escutatória*, do escritor Rubem Alves

O autor do texto brinca com a dificuldade da escuta.
Por que será?

Quando **escuto**?

Para além dos **ouvidos** como órgãos, como escuto?

Quando **não** escuto?

O que **não** escuto?

Quando **me** escutam?

Quando **não me** escutam?

O que **não** escutam?

Se escute e a partir das perguntas anteriores escreva um texto.

Pode deixar as palavras saírem sem pensar muito, expressando em linhas ou palavras soltas, de forma abstrata e desorganizada.





Espinha dorsal

Algumas pessoas preferem usar o termo “espinha dorsal”, e não “coluna vertebral”, para essa nossa linha de pequenos ossinhos que fica nas nossas costas. Ela é toda cheia de nervos, por onde passa a medula, e tem bolsinhas pequeninas de líquido lubrificante entre cada uma das vértebras. A preferência para essa palavra é a seguinte: nossa espinha é toda articulada, podemos movimentá-la de várias formas, ela enrola, estende, torce. A palavra coluna, pelo contrário, nos remete a algo rígido, como um pilar mesmo de uma construção.

Você já teve problemas de dores, torcicolos e “travas” na sua espinha dorsal? Então vamos cuidar um pouco dela?

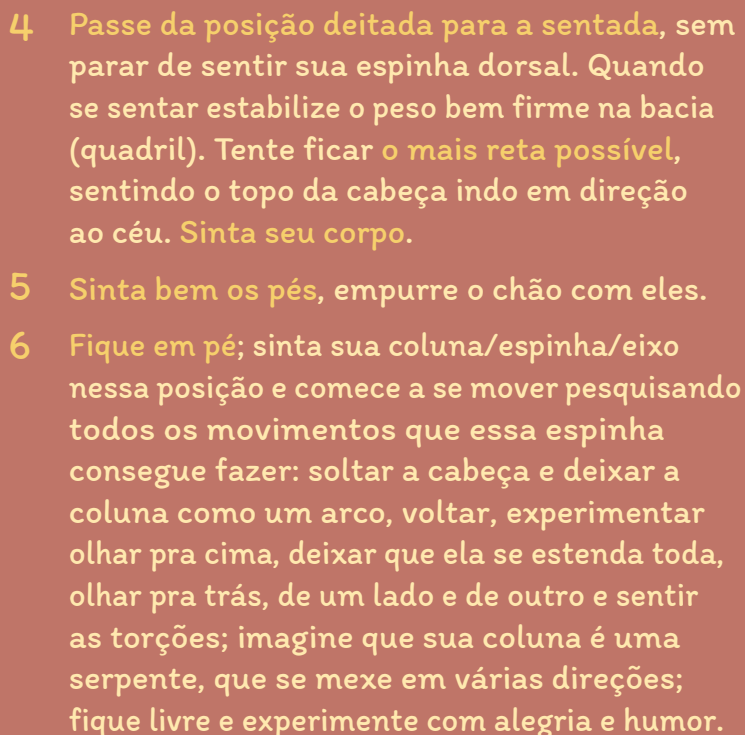
Você pode fazer esse passo a passo sozinha ou pode guiar alguma companheira.



- 1 Para começar toque as **extremidades dessa espinha dorsal**: ela começa junto da cabeça. Coloque com cuidado seus dedos e descubra onde está a **primeira vértebra que encaixa no crânio**;
- 2 A seguir vá até a outra extremidade e encontre a **pontinha do cóccix**, que é a extremidade onde poderia continuar uma cauda.

- 3 Deite-se na sua cama ou numa superfície mais dura. **Relaxe totalmente seu peso**, entregue para a terra, sem receio, sem segurar nada, só respire soltando cada vez mais o peso em direção ao chão; e **sinta sua espinha toda**, desde o pescoço até o cóccix.





Conte quais foram as sensações despertadas nessa atividade.

Escreva ou desenhe.

45

Mãos-pincéis

“Imagine que suas mãos são pincéis e que você vai pintar o espaço ao redor com movimentos verticais, horizontais, circulares, espirais.... Imagine ou cante uma música, sozinha ou com uma companheira, e dance “pintando o espaço” enquanto se desloca no ritmo da canção!

Exercício inspirado no livro de atividades: mulheres possíveis

Dance.

dance d e v a g a r

dance de olhos fechados

dance rápido

dance o mais esquisito
que conseguir

dance na ponta dos pés

Caretas

Vamos movimentar o rosto?

Faça caretas.

Vá -ri- as caretas.

Sorria.



Mande beijinhos estalados.



Beijinho de bebê.



Imite o som de uma turbina, deixando os lábios bem soltos: prprpr! vvvrrrrrr!



Nossas marcas

Tudo tem, todos temos, rosto e marcas. O cão e a serpente e as gaivotas e você e eu, quem vive e quem viveu e todos os que caminham, se arrastam ou voam: todos temos rosto e marcas. Os maias acreditam nisso. E acreditam que as marcas, invisíveis, são mais rosto que o rosto visível. Pela marca conhecem você.

Eduardo Galeano

Quais são suas marcas visíveis e invisíveis?

Escreva a partir dessa pergunta/reflexão.



As palavras curam



Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida.

Clarice Lispector

A
M
O
R

Escreva, respondendo
essas perguntas

Podem ser palavras soltas,
frases ou versos.

Se palavras curassem...

A partir dessa frase da autora imagine:
Se as palavras fossem medicinais,
o que curariam?
Se as palavras fossem capazes
de remendar feridas, quais seriam?
Se as palavras pudessem consertar
a vida, o que elas diriam?

Explorando a cabeça e o rosto

Com as mãos abertas toque no seu rosto.
Explore o toque em toda sua cabeça,
percebendo as formas e as texturas.

Com as mãos abertas, como se estivesse
bagunçando o cabelo, comece fazendo uma
massagem no couro cabeludo, buscando
relaxar através do toque. Você pode fazer
em si ou convidar uma companheira;

Ainda no couro cabeludo, faça movimentos
delicadamente com a ponta dos dedos.

No rosto, com a ponta dos dedos procure suas
diferentes texturas, identificando as marcas
físicas, os volumes, a temperatura, onde você
consegue tocar.

Observe se tem alguma marca ou volume,
retorne a ela. Por que essa parte te chamou
atenção? Alguma memória? É gostoso o toque?

Procure formas de mexer nesse volume
ou marca, como se você estivesse moldando uma
argila. Perceba, se aconteceu alguma mudança:
ele está mais relaxado? Você se sente diferente?

Investigue movimentos que causam
relaxamento. Massageie seu rosto,
dando carinho a ele, através
do toque transformando-o.



Palavras em caixas

“*Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas. Numa verde, as palavras amantes. Em caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia. Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que aconteceu e anunciam o que acontecerá.*

Eduardo Galeano

Guarde também suas palavras em caixas.





palavras neutras



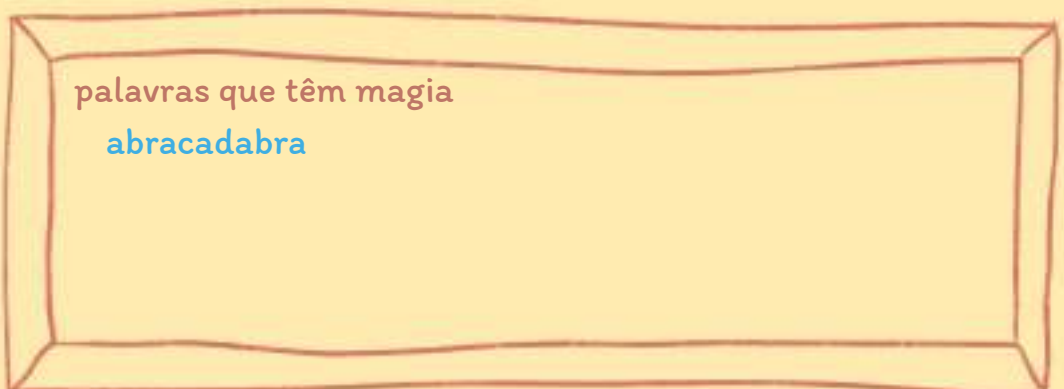
palavras amantes



palavras tristes



palavras furiosas



palavras que têm magia
abracadabra

Encontro

Pense em uma **personagem**.

Pode ser uma personagem inventada, por exemplo uma personagem de uma novela que você assiste ou de um livro que você já leu; mas, também, pode ser real, como uma pessoa que você conhece.

Peça para uma colega pensar em um **lugar**, real ou imaginário.

Agora, imagine que você **encontra** essa personagem, nesse lugar.



Escreva um diálogo com essa personagem nesse lugar.

— Que bom que lhe encontrei aqui!

Escreva aqui o nome da personagem

Escreva aqui qual é esse lugar

Anote as ações:

2.

3.

4.

5

Após formadas as cinco duplas, escreva uma pequena história a partir de cada combinação.

De palavra em palavra se faz poesia

Peça para alguém lhe falar cinco palavras aleatórias. Anote essas palavras.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Procure mais uma pessoa e peça outras cinco. Anote.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Fale com outra pessoa e peça mais cinco palavras. Anote.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Olhe para essas quinze palavras e invente combinações entre elas.

Podem ser pequenas frases ou poesias. Não pense muito, deixe a escrita fluir, sem julgamentos.

POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA
POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA	POESIA	DE	PA	LA	VA	RA

Improvizando: Quem? Onde? O quê?

No teatro nós trabalhamos com improvisações que usam **QUEM? ONDE?** e **O QUÊ?**

Por exemplo: FULANA e FULANA (quem) se encontram em TAL LUGAR (onde) e ACONTECE TAL COISA (o quê).

Escolha quem serão as pessoas da sua história, onde a história se passa e o quê acontece.



Escreva a partir dessas escolhas.

Era uma vez...

Uma história em 7 passos

Agora, vamos brincar com **sete passos** para escrever uma história.

Use esses sete itens para escrever uma história, preenchendo as suas lacunas.

Os passos são:

A história pode ser real ou inventada. Ou, até mesmo, real e inventada.

1. Era uma vez

2. E todos os dias

3. Até que um dia

4. E aí, por causa disso

5. E também por causa disso

6. Até que finalmente

7. E foi assim

Histórias de vida

Peça para alguém contar uma **história** vivida por ela. Escute com atenção.

Depois, reescreva essa história,
podendo mexer em sua narrativa.

Você pode mudar as personagens, os lugares,
as datas e ainda pode misturar o real e o ficcional.

Etapa 1: Tente escrever como se
você estivesse contando a história
de alguém;

Etapa 2: Tente escrever como se você
fosse a protagonista da história,
como se fosse a sua própria história.



Handwriting practice area with a grid of dashed lines on a yellow background. The grid consists of 10 rows and 20 columns of dashed lines, providing a guide for letter height and placement. The first row is slightly taller than the others, serving as a header space. The remaining rows are uniform in height, with each row containing 20 dashed lines.

Memórias



Pense agora em uma história **SUA**.

A **memória** é um ato de criação do presente.

Nesse presente nós damos **significados** ao passado, podendo **construir** outras narrativas a partir do que nos **aconteceu**.

Deixe as suas memórias escreverem o texto a partir do seu momento presente.

Podem surgir novos significados e motivações para o que já passou.

Eu me lembro...

A stylized illustration of a vintage television set. The TV has a dark green or teal body with a large yellow screen. To the right of the screen is a red circular dial and a smaller red rectangular button. Below these are several horizontal lines representing a speaker grille. The TV sits on a red base. Two thin black lines extend from the top, representing antenna wires. The background is a solid light blue.

Escreva a respeito.

Eu iria para...

Por que escrevo?



“

Por que sou levada a escrever? Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Trecho de texto de Gloria Anzaldúa, escritora e teórica chicana, ou seja, nascida nos Estados Unidos mas filha de imigrantes mexicanos.

Escreva suas reflexões a partir da leitura do texto.
Como ele te tocou? Quais as aproximações que posso fazer com as palavras da autora?

Nos conte, o que te leva a escrever?

Eu escrevo porque...

(Re)começos

Iniciamos nosso primeiro percurso de troca com um desejo para nosso futuro. Algo se finaliza para que outra coisa inicie. Um fim cheio de (re)começos.

“

*Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens [e também as pessoas trans e não binárias] não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o **ethos*** que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas - mulheres e homens, [pessoas transgênero, independente das orientações sexuais] - autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos ‘iguais na criação’. Aproxime-se. Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a de todos nós. Aproxime-se e aprenda, na fonte, o que é o movimento feminista. Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo.*

*ethos, palavra grega, significa um conjunto dos costumes e hábitos de comportamento e da cultura característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

Trecho de texto de bell hooks, pensadora negra estadunidense.

Imagine você também o seu mundo ideal e escreva, aqui, em fluxo, deixando sair como um sonho, sem pensar muito, só imagine o seu mundo melhor.

Exercício do livro de atividades: mulheres possíveis



A large grid of small, light blue squares on a white background, intended for writing or drawing.



Como foi a experiência?

Gostaríamos muito de saber como foi para você essa nossa primeira experiência.

O que você achou **mais interessante**? Por quê?

Teve alguma **dificuldade**? Qual?

O que você não **gostou de fazer**? Por quê?

Você teria **sugestões** para próximos cadernos e exercícios?

E você ou suas colegas teriam alguma ideia de exercício para **compartilhar**?



Escreva contando.



Aqui deixamos duas páginas em branco, páginas em aberto para você criar como quiser: desenhar, escrever, fazer anotações, escrever poesias ou textos.

Aproveite este espaço seu!

A large rectangular area filled with a grid of small, evenly spaced yellow dots, intended for drawing or writing.





UDESC INGRESSO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
TRANSPARÊNCIA COMUNICAÇÃO UNIDADES

NOTÍCIA

08/04/2022-18h13

Udesc Ceart lança livro destinado para mulheres em privação de liberdade na segunda-feira

Livro foi organizado por programas de extensão da Udesc Ceart e tem caráter performático. O lançamento será por live no YouTube.

Curtir

Compartilhar

Postar

WhatsApp



Lançamento do livro acontecerá em evento no YouTube. Imagem: REMIR/Divulgação.

Os Programas de Extensão "Pedagogia do Teatro e Processos de Criação" e "Entre Livros, Tipos e Desenhos" do Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), lançam em parceria, o livro **"Das saídas que moram nas palavras - caderno de atividades"**, que mescla propostas de autopercepção, autocuidado e escrita performativa, elaborado para mulheres que cumprem pena de privação de liberdade. O

lançamento acontece na segunda-feira (11), por meio de uma live no YouTube.

O livro é um caderno de atividades, que por meio da literatura convida a leitora a escrever e a se perceber, o que o torna

notícias relacionadas

31/03/2022

Udesc Ceart abre vagas para grupo de estudos em Teatro de Animação



11/11/2021

Coletivo de teatro da Udesc Ceart lança livro sobre a vida de mulheres encarceradas

performático. A ideia se desenvolveu durante o período de isolamento provocado pela pandemia da Covid-19, quando as atividades teatrais não estavam sendo realizadas presencialmente nas unidades penais, onde os programas realizam as ações.

Segundo o professor do Departamento de Artes Cênicas (DAC) e coordenador do programa de extensão Pedagogia do Teatro e Processos de Criação, Vicente Concílio, o livro serve como atividade de leitura e estratégia de remição de pena pela leitura, uma atividade que busca estabelecer contato entre quem vive dentro da prisão e educadores e educadoras do lado de fora. "Foram produzidos 350 livros, que serão distribuídos como atividade educacional complementar para mulheres de diversas unidades penais, pois assim não ficamos restritos apenas ao presídio de Florianópolis", conta ele.

A professora Anelise Zimmermann, coordenadora do Entre Livros, Tipos e Desenhos, trabalhou a parte ilustrativa da publicação. De acordo com ela, essa parte do projeto quis deixar a ilustração mais convidativa: "'Tentamos fazer uma coisa mais bonita, interessante e que fosse menos intimidatório do que uma folha de papel em branco, para pessoas que nem sempre estão habituadas com esse tipo de atividade", afirma a professora do Departamento de Design (DDE).

O lançamento do livro, acontecerá na live "Universidade no Cárcere", no dia 11 de abril, às 19h, no canal do YouTube do **REMIR (Rede de estudos e extensão em contexto de privação)**, que possui o foco nas ações da região Sul do Brasil. O evento contará com uma roda de conversa com a participação de professoras com ações de extensão, ensino e pesquisa dentro de unidades penais. Entre eles estão Cristiane Checchia e Mario Torres da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), da Luciana Vinhas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Vicente Concílio da Udesc e da Caroline Vetori da Udesc/ Universidade Estadual do Paraná (Unespar), onde irão expor as ações realizadas no âmbito do Ceart, com foco no livro.

Sobre os Programas de Extensão

O programa Pedagogia do Teatro e Processos de Criação foi criado em 2015, com o objetivo de levar oficinas de teatro para lugares sem acesso. Coordenado pelo professor Vicente Concílio, em 2017 iniciaram as oficinas no Presídio Feminino de Florianópolis, com a proposta de aulas de iniciação ao teatro e a construção artística. As oficinas funcionam como atividade educacional complementar para



as mulheres privadas de liberdade.

O Programa de extensão Entre Livros, Tipos e Desenho: interlocuções da cultura gráfica, coordenado pela professora Anelise Zimmermann, tem como objetivo promover atividades interdisciplinares que envolvam os livros, a tipografia e o desenho como expressão cultural, comunicacional e artística no cenário catarinense, e interlocução com outros cenários, integrando a universidade, professores, pesquisadores e etc. Sua primeira edição aconteceu de março de 2018 a dezembro de 2019. O Programa possui parceria com o Instituto Casa Cleber Teixeira (Acervo da Editora Noa Noa) e com a Biblioteca Cleber Teixeira, espaços abertos à comunidade na troca de conhecimentos teóricos e práticos relacionados à cultura gráfica.

O livro esta disponível em e-book. Acesse **aqui**.

Mais informações podem ser solicitadas pelo e-mail **teatroprisao@gmail.com** ou pelo telefone (48) 99982-8180.

Assessoria de Comunicação da Udesc Ceart

E-mail: **comunicacao.ceart@udesc.br**

Telefone/WhatsApp: +55 (48) 3664-8350



galeria de downloads

galeria de imagens



ENDEREÇO

Av. Madre Benvenuta, 2007
Itacorubi, Florianópolis / SC
CEP: 88.035-901

CONTATO

Telefone: (48) 3664-8000
E-mail: comunicacao@udesc.br
Horário de atendimento: 13h às 19h

MAPA DO PORTAL

©2016-UDESC



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Centro de Artes, Design e Moda

CEART INGRESSO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

TRANSPARÊNCIA COMUNICAÇÃO CONTATOS

NOTÍCIA

25/11/2022-17h38

Projetos de Design da Udesc são finalistas e premiados em concurso nacional

Curtir

Compartilhar

Postar

WhatsApp



Três projetos de Design realizados por estudantes do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) foram premiados no 9º **Prêmio Bornancini de Design**, que aconteceu no último sábado, 19, em Porto Alegre. "Brasileiras", série de animações que busca dar visibilidade a

designers gráficas no cenário brasileiro, recebeu o prêmio prata na categoria "Design Digital – Estudante"; já "Ukai", luminária multifuncional inspirada na cultura japonesa, e o protetor facial "Soma" para profissionais de saúde, receberam o prêmio bronze em suas respectivas categorias.

Além destes, outros cinco projetos da Udesc também foram finalistas e concorreram à premiação, entre eles os projetos de agenda permanente e de sinalização da Udesc Ceart; e os projetos editoriais "Das Saídas que Moram nas Palavras", um caderno de atividades para mulheres que cumprem pena de privação de liberdade; "Com amor, café", livro de receitas envolvendo a temática

notícias relacionadas

21/11/2022

Udesc Ceart tem Artes Visuais, Design, Moda, Música e Teatro no Vestibular de Verão 2022

**10/11/2022**

Estudantes de Design da Udesc concorrem a prêmio brasileiro de design

13/04/2022

Programa de Pós-Graduação em Design da Udesc prorroga inscrições até 29 de abril

22/03/2022

Curso de Design da Udesc discute reestruturação do currículo em encontro com docentes

do café; e "Arte Milenar Japonesa: Sumi-ê Sato - Edição Especial", uma releitura do livro Sumi-ê Sato, obra publicada em 1999.

O evento, criado em 2006 em Porto Alegre pela Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul (Apdesign), é uma homenagem ao profissional gaúcho José Carlos Mário Bornancini, importante referência do design brasileiro. Em 2022 foram mais de 700 projetos inscritos, entre as mais de 10 categorias, como por exemplo Branding, Design Gráfico, Design de Ambientes, Design de Embalagem, Design de Moda, Design de Produto, Design Digital, Impacto Positivo etc.

O julgamento contou com um corpo de jurados de diferentes instituições do Brasil, responsáveis por avaliar critérios de excelência quanto ao processo, briefing, aplicabilidade e originalidade dos projetos.

Anelise Zimmermann, chefe do Departamento de Design da Udesc, destaca que os projetos finalistas são de alta qualidade e excelência. "No caso dos projetos desenvolvidos pelos acadêmicos do curso de Design da Udesc, termos oito projetos finalistas e três premiados é um ótimo sinal, que mostra a qualidade e a diversidade dos trabalhos que nossos alunos vem desenvolvendo ao longo dos semestres e o seu empenho em compartilhar com a comunidade o que é produzido na Instituição", complementa.

Em 2020, outros dois projetos desenvolvidos na Udesc também foram premiados no Prêmio Bornancini de Design: a nova identidade visual e a sinalização dos espaços físicos da Biblioteca Universitária da Udesc. E recentemente, outros projetos de Design da Udesc Ceart também foram selecionados para o 12º Brasil Design Award.

Brasileiras

"Brasileiras" recebeu o título prata na categoria "Design Digital – Estudante" (subcategoria "Motion: Animações, Vídeos, Infográficos Animados"). Realizado pela acadêmica Bruna Costa Cim na disciplina de Projeto de Graduação em Design Gráfico, contou com a orientação dos professores Maurício Dick, Gabriela Mager, Anelise Zimmermann e André Kaercher.

"Brasileiras" é uma série de animações informativas e atrativas que dá visibilidade a designers gráficas no cenário brasileiro. Para o seu



desenvolvimento, Bruna utilizou apenas criadoras mulheres com o intuito de promovê-las, fortalecendo o cenário criativo do Brasil. Por meio do projeto, estudantes e profissionais da área terão acesso a um material acessível e simplificado sobre mulheres que contribuem diretamente para a profissão no país.

Ukai

Outro projeto premiado, “Ukai” recebeu o bronze na categoria “Design de Produto – Estudante” (subcategoria (Equipamento para habitação e iluminação). Realizado pela estudante Karine Song, com orientação do professor Elton Nickel, foi desenvolvido na disciplina de Prática Projetual em Design Industrial VI. “Ukai” é uma proposta de luminária multifuncional inspirada na pesca milenar japonesa chamada Ukai, onde pássaros eram utilizados para a pesca.

Com o aumento do trabalho em home office, a estudante percebeu a necessidade das pessoas terem uma iluminação adequada em suas residências, que pudesse ajudar a separar o ambiente “casa” do ambiente de “trabalho”. Com isso, surgiu a luminária, na qual com ela é possível direcionar a luz em vários sentidos (indireto, semi-indireto, direto ou semidireto) de forma fácil e rápida. Além disso, ela vem com um botão para controlar a intensidade da luz.



Soma: protetor facial

Já o projeto “Soma: protetor facial”, foi outro premiado com o bronze na categoria “Design de Produto – Estudante”, inscrito na modalidade de equipamentos hospitalares, home care e tecnologias assistidas. Projetado por Maria Carolina Papst e Karine Song, teve orientação dos professores Fabiola Reinert e Elton Nickel na disciplina de Prática Projetual em Design Industrial V.

“Soma” é um projeto de *face shield* que tem como objetivo trazer uma alternativa aos profissionais de saúde que necessitam utilizar o equipamento de proteção por horas seguidas e podem se beneficiar de um produto com conforto e segurança. O equipamento é composto por um capacete vazado que oferece conforto térmico e se ajusta a cada usuário; e por um visor que também possui diferentes ajustes dependendo do tamanho de rosto e de máscara de cada usuário.

O formato oval também facilita o uso de máscara N95, por dar mais

espaço à parte de baixo do visor, assim como possibilita maior circulação de ar, evitando que o mesmo fique embaçado. O capacete também possibilita o acoplamento do elástico da máscara facial, evitando que ela pressione diretamente a cabeça.

Demais projetos

Saiba mais sobre os outros cinco projetos, selecionados para a shortlist do prêmio e que também foram finalistas no último sábado, 19.

◦ **Agenda permanente CEART**

Projeto de agenda para o Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Udesc.

Acadêmicas: Fernanda Martins Gonçalves, Agnes Desirée Fiedler e Helena Correa

Orientação de Projeto Gráfico: Profa. Anelise Zimmerann

Orientação de concepção de projeto: Heloíse Guesser – coordenadora do Núcleo de Comunicação do Ceart

Categoria: Design Gráfico - Estudante | *Subcategoria:* Design Editorial



◦ **Sinalização do Centro de Artes, Design e Moda | CEART**

Projeto de sinalização para o Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Udesc.

Acadêmicos: Luís Mortari , Mariana Pinheiro, Ana Clara Villani, Fernanda Gonçalves e Giovanna Nunes

Orientação: Profa. Anelise Zimmerann

Categoria: Design de Ambientes – Estudante | *Subcategoria:*

Ambientação, Sinalização e Exposições

◦ **Das Saídas que Moram nas Palavras**

Caderno de atividades para mulheres que cumprem pena de privação de liberdade.

Acadêmicas: Fernanda Martins Gonçalves e Clara Sohn

Orientação de Projeto Gráfico: Profa. Anelise Zimmerann e Profa. Sara Copeti Klohn

Concepção da proposta, organização e redação: Prof. Vicente Concilio e Profa. Caroline Vetori

Categoria: Impacto Positivo – Estudante | *Subcategoria:* Social

◦ **Com amor, café**

Livro de receitas envolvendo a temática do café.

Acadêmica: Cinthia Godoy

Orientação: Prof. Maurício Dick, Prof. André Kaercher e Profa.

Anelise Zimmerann

Categoria: Design Gráfico - Estudante | *Subcategoria:* Design Editorial

◦ **Arte Milenar Japonesa: Sumi-ê Sato - Edição Especial**

Uma “edição especial” impressa do livro Sumi-ê Sato, obra publicada em 1999 e escrita por Toshiko Shinzato e Kaichi Sato, com intuito de difundir a arte milenar japonesa de sumi-ê no Brasil e estabelecer uma ponte entre culturas distintas.

Acadêmico: Fabian Shinzato

Ilustrações e conteúdo: Toshiko Ohoishi Shinzato e Kaichi Sato

Orientação: Prof. André Kaercher e Prof. Maurício Dick

Categoria: Design Gráfico - Estudante | *Subcategoria:* Design Editorial

Assessoria de Comunicação da Udesc Ceart

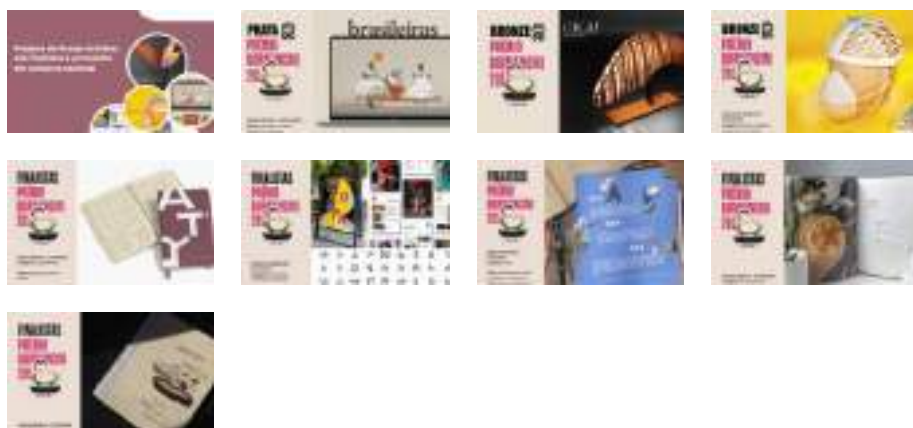
E-mail: comunicacao.ceart@udesc.br

Telefone/WhatsApp: +55 (48) 3664-835



galeria de downloads

galeria de imagens



ENDEREÇO

Av. Madre Benvenuta, 1907
Itacorubi, Florianópolis / SC
CEP: 88.035-901

CONTATO

Telefone: (48) 3664-8300
E-mail: comunicacao.ceart@udesc.br
Horário de atendimento: 07h às 19h

MAPA DO PORTAL

©2016-UDESC



Diário de uma detenta: usos da escrita por mulheres em espaços de encarceramento feminino

The diary of an inmate: female uses of writing in prison environments

Diario de una detenida: usos de la escritura por parte de las mujeres en espacios de encarcelamiento femenino

Ana Claudia Ferreira Godinho¹

RESUMO

O artigo investiga as práticas de letramento de mulheres privadas de liberdade, a fim de compreender os usos que elas fazem da escrita acerca da sua experiência de encarceramento feminino. É pequeno o número de publicações assinadas por detentas em comparação com o de homens, maior desde o sucesso da música “Diário de um detento”, dos Racionais MCs. O estudo qualitativo situa-se na epistemologia feminista, na pesquisa documental quanto aos procedimentos de coleta de dados e na análise de conteúdo para abordar os textos autobiográficos das mulheres. Com base teórica nos novos estudos sobre letramento, os resultados mostram que as autoras reconhecem as relações entre linguagem e poder, ao eleger os temas a abordar e a omitir. Elas têm consciência de que seus leitores imediatos são os que detêm o poder de avaliar quem está apto à progressão de regime. Nessas condições de escrita, elas almejam sensibilizar os operadores da execução penal em busca da liberdade.

Palavras-chave: Letramento. Encarceramento Feminino. Usos da Escrita. Educação em Contextos de Privação de Liberdade.

ABSTRACT

This article investigates the literacy practices of women who are deprived of freedom in order to understand their uses of writing regarding their experience in prison environments. The number of publications signed by female inmates is small compared to that of men, which grew larger after the rap hit “Diário de um detento” by Racionais MCs. This qualitative study is based on feminist epistemology, documentary research on specific data collection procedures, and content analysis to address the issue of women’s autobiographical texts. Based on new studies in the field of literacy, the results indicate that the authors recognize the relationship between language and power by choosing which topics to address and which topics to omit. These women are aware that their immediate readers have the power to assess who is fit for regime progression. Within these writing conditions, these inmate women aim to sensitize criminal enforcement operators in their search for freedom.

Keywords: Literacy. Prison Environments. Uses of Writing. Deprived of Freedom Education.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: anaclaudia.godinho@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-4655-5875>

RESUMEN

El artículo investiga las prácticas de literacidad de mujeres privadas de libertad, con el fin de comprender los usos de la escritura por parte de mujeres sobre su experiencia de encarcelamiento femenino. El número de publicaciones firmadas por reclusas es pequeño en comparación con el de los hombres, mayor desde el éxito de la canción *Diário de um Detento*, de Racionais MCs. El estudio cualitativo se basa en la epistemología feminista, la investigación documental sobre los procedimientos de recolección de datos y el análisis de contenido para abordar los textos autobiográficos de las mujeres. Con base en nuevos estudios sobre lectoescritura, los resultados indican que los autores reconocen la relación entre lenguaje y poder, al elegir los temas a abordar y cuáles omitir. Son conscientes de que sus lectores inmediatos son quienes tienen el poder de evaluar quién está apto para la progresión del régimen. En estas condiciones de escritura, pretenden sensibilizar a los operadores de la ejecución penal en busca de la libertad.

Palabras clave: Literacidad. Usos de la Escritura. Educación en Contextos de Encarcelamiento.

INTRODUÇÃO

O título deste artigo faz referência à música da banda Racionais MCs, intitulada “Diário de um detento”, que fez grande sucesso no lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno*, em 1997. A letra narra o cotidiano do Carandiru em 1º de outubro de 1992 (véspera da chacina conhecida como Massacre do Carandiru) e inspirou-se nos diários de Jocenir, escritos dentro do cárcere. A visibilidade da banda foi um dos fatores que impulsionou a publicação do livro homônimo (Prado, 2001) e de vários outros, assinados por detentos ou egressos do Carandiru (Mendes, 2001; Ramos, 2001; Rap, 2002; Indarte, 2003).

Muitos homens fizeram uso da escrita para produzirem narrativas autobiográficas sobre suas experiências de privação de liberdade e sobre as condições de vida dentro do sistema prisional neste e em outros momentos históricos, desde o período colonial (Poli Junior, 2009). E as mulheres? E o “Diário de uma detenta”, alguém escreveu? Ao observar o que as mulheres escreveram no mesmo período — anos 2000 — em que os homens produziam suas narrativas sobre a experiência de privação de liberdade, encontrei apenas duas obras, em que as mulheres eram narradas por terceiros. Os documentos eram testemunhos de terceiros, ou seja, pessoas que não passaram pela experiência do encarceramento, mas se colocaram como testemunhas solidárias¹ (Salgueiro, 2015). Esses testemunhos registraram as condições de sobrevivência em presídios femininos, por meio de documentário (Sulzbach, 2005) ou de um livro de crônicas inspiradas nos relatos de vida recolhidos em unidades prisionais brasileiras (Prado, 2003).

Ao revisar as pesquisas acadêmicas sobre narrativas de testemunho² de pessoas privadas de liberdade no Brasil, também ali as mulheres estavam ausentes. A escrita de mulheres que vivem ou viveram o encarceramento raramente consta na produção acadêmica: resumem-se aos estudos de

1 Segundo Salgueiro (2015): “Testemunho é o relato, o depoimento, o documento, o registro (escrito, oral, pictórico, fílmico, em quadradinhos etc.). A testemunha, por excelência, é aquela que viveu a experiência, é um supérstite (superstes) — sobrevivente. Há outros graus de testemunha: há o testis, que se põe como terstis (terceiro) — , que presenciou, que viu, que ‘testemunhou’. E há, com o alargamento dos estudos de testemunho, a consideração da testemunha solidária (...)” (p. 123-124).

2 Conforme Salgueiro (2012): “A noção de testemunho vem da chamada ‘literatura do Holocausto’, emblematicamente pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, como as (...) narrativas de Primo Levi e a poesia de Paul Celan. O alargamento desta noção inclui também sua utilização em direção ao passado, como, por exemplo, em relação aos genocídios e massacres contra índios e negros; ou em relação a misérias e opressões, desigualdades econômicas, preconceitos étnicos e sexuais do cotidiano em todo o mundo” (p. 291).

Bezerra (2004) e Pavani (2009) sobre *Inventário do medo*, de Lara de Lemos (1997), ou a biografia de Pagu (Teixeira e Ferraz, 2010), na qual consta o texto “Verdade e liberdade”, de Pagu (1950).³ Por quê? Somente elas duas escreveram sobre o encarceramento feminino?

Instigada por esses questionamentos, realizei um estudo qualitativo baseado na análise documental de livros escritos por mulheres privadas de liberdade no Brasil, com o objetivo de compreender os usos da escrita por mulheres privadas de liberdade para narrarem suas experiências de encarceramento feminino. Busquei inicialmente obras de autoria de mulheres que se encontrassem privadas de liberdade ou fossem egressas do sistema prisional.

O levantamento mostrou que são escassas as obras de autoria feminina: das 56 obras catalogadas até junho de 2023, as mulheres escreveram apenas cinco e participaram de 13 coletâneas, das quais seis tinham textos produzidos por homens e mulheres e sete foram escritas exclusivamente por mulheres.⁴

A escassez de livros assinados por mulheres acerca das próprias experiências de encarceramento feminino, somada à escassez de produções acadêmicas sobre seus escritos, evidencia a segregação e o silenciamento deste grupo social, ainda que a pesquisa sobre encarceramento feminino tenha aumentado nos últimos anos (Ribeiro e Godinho, 2021). O silêncio acerca da experiência de encarceramento feminino soma-se ao isolamento imposto pelos obstáculos burocráticos que o sistema prisional cria para o acesso de pesquisadores/as, bem como o de ativistas de direitos humanos, como frequentemente denuncia a Pastoral Carcerária.⁵

Para estudar o tema, que se situa na área da educação, busquei os novos estudos sobre letramento e a educação popular. A investigação situa-se no paradigma qualitativo e baseou-se nos procedimentos de análise documental. Para a seleção do *corpus*, foram selecionados textos escritos durante a reclusão em espaços de encarceramento feminino. Para a interpretação dos dados, adotou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2016), a fim de decodificar e interpretar unidades temáticas das obras que compõem o *corpus* do estudo.

O artigo está organizado em cinco seções: na primeira, apresento a metodologia do estudo; na segunda, discuto a escrita de autoria feminina em prisões enquanto prática de letramento, pela perspectiva dos novos estudos sobre letramento e da educação popular; na terceira parte, contextualizo as condições de produção dos textos analisados apoiada na realidade do encarceramento feminino brasileiro e das propostas educativas em que os textos foram produzidos; na quarta seção, desenvolvo a análise temática deles com base nas categorias que emergiram dos textos e como elas permitem compreender os usos da escrita que estas mulheres fizeram nos textos analisados. Nas considerações finais, indico algumas contribuições e lacunas do artigo para o debate sobre a relação entre letramento e direito à educação em espaços de encarceramento feminino.

METODOLOGIA

Orientada pela epistemologia feminista, articulada à interseccionalidade (Crenshaw, 2002), considero que a produção de conhecimento é atravessada pelas desigualdades e opressões de gênero, raça e classe, influenciando todo o processo de investigação, ao assumir o compromisso com o enfrentamento das opressões e violências desta ordem. Tal influência revela-se na definição do problema de pesquisa, voltado à compreensão dos usos da escrita por mulheres privadas de liberdade sobre o encarceramento feminino. Esse recorte está vinculado à compreensão de que

3 Pagu é considerada a primeira presa política brasileira, segundo sua biógrafa, Lúcia Teixeira (2022).

4 As coletâneas de textos de autoria feminina são o resultado de oficinas e projetos de escrita realizados por universidades, editores ou pela equipe do presídio ou cadeia pública em que as mulheres se encontravam privadas de liberdade.

5 Para conhecer mais a respeito, recomenda-se ler as denúncias da pastoral carcerária disponíveis em: <https://carceraria.org.br/mulher-encarcerada>. Acesso em: 17 jun. 2023.

existem inúmeras experiências de opressão enfrentadas pelas mulheres e, portanto, conhecer o que narram mulheres encarceradas dá pistas sobre as especificidades das violências e violações de direitos vivenciadas por grupos cujos direitos fundamentais são historicamente negligenciados pelo Estado, contando com a conivência da sociedade em geral. Esse ponto de vista epistemológico aproxima-se do que Carvalho e Mayorga (2017) consideram uma das contribuições feministas para o estudo do encarceramento feminino:

Analisar e compreender o crescente encarceramento feminino a partir de uma perspectiva feminista pode nos permitir compreender os imperativos de seletividade e controle que caracterizam o nosso sistema penal, forjando naturalizações e encobrindo processos sócio-históricos que contribuem para o encarceramento de determinadas mulheres, sem, entretanto, restringir-se a elas. Nesse contexto, podemos afirmar que a teoria feminista não é uma teoria sobre as mulheres; é uma teoria sobre a sociedade a partir das experiências de mulheres. Em tais experiências, é possível identificarmos os efeitos das relações de poder, sustentadas por visões e lógicas masculinas, classistas, racistas e sexistas e que são produtoras de subjetividades (Ochy CURIEL, 2007), contribuindo para o aprisionamento de um número cada vez maior de determinadas mulheres. (p. 110)

A investigação que originou este artigo situa-se no paradigma qualitativo e baseou-se no método de análise documental. Cellard (2008) define documento como

(...) tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’, como é mais comum dizer atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc. (p. 297)

Os textos de autoria de mulheres privadas de liberdade são uma das únicas fontes para conhecer as experiências e os modos como essas mulheres atribuem sentido ao que vivem ou viveram na unidade prisional. Sendo assim, os livros analisados neste artigo são um tipo de documento que “(...) permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente” (Cellard, 2008, p. 295).

Todos esses aspectos confluíram para a escolha da pesquisa documental como “procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009, p. 5).

Conforme Flick (2009),

Ao decidir-se pela utilização de documentos em um estudo, deve-se sempre vê-los como meios de comunicação. O pesquisador deverá também perguntar-se acerca de: quem produziu esse documento, com que objetivo e para quem? Quais eram as intenções pessoais ou institucionais com a produção e o provimento desse documento ou dessa espécie de documento? Os documentos não são, portanto, apenas simples dados que se pode usar como recurso para pesquisa. Uma vez que comece a utilizá-los para a pesquisa, ao mesmo tempo o pesquisador deve sempre focalizar esses documentos enquanto um tópico de pesquisa: quais são suas características, em que condições específicas foram produzidos, e assim por diante. (p. 232-233)

Por essa perspectiva, na seleção de documentos, os critérios adotados foram:

- Quanto à autoria — somente textos escritos por mulheres privadas de liberdade foram selecionados, excluindo-se, portanto, os livros publicados por terceiros acerca das histórias de vida das detentas. Trata-se, portanto, de fontes primárias, definidas por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) como “dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador(a) que analisa” (p. 6);
- Quanto à acessibilidade — a seleção contemplou somente documentos públicos, disponíveis em livros impressos ou digitais, por editoras ou gráficas;
- Quanto ao contexto de escrita — a seleção abrangeu somente os textos escritos durante o cumprimento da pena em regime fechado.

As buscas ocorreram em acervos de bibliotecas, bem como em ferramentas de busca, como Google e Bing, com os seguintes descritores (em cruzamentos diversos por meio dos operadores booleanos AND e OR): escrita, narrativas, literatura, mulheres, detentas, prisão, cárcere, sistema prisional. O resultado obtido nas buscas realizadas de março de 2019 até junho de 2023 foi:

- Coletânea de textos autobiográficos escritos exclusivamente por mulheres em espaços de privação de liberdade — 4;
- Coletânea de textos autobiográficos escritos por mulheres e homens egressos do sistema prisional — 3;
- Livros de autoria única:
 - Diário escrito por mulher egressa do sistema prisional — 1;
 - Livro de poemas, escrito por mulher egressa do sistema prisional — 1;
 - Romance escrito por mulher egressa do sistema prisional — 2;
 - Texto autobiográfico (crônica?) — 1.

Os textos destas mulheres que vivem ou viveram o encarceramento feminino são de diferentes gêneros: contos, crônicas, cartas, relatos autobiográficos, diário e romance.

Para compor o *corpus* do estudo, selecionei os livros onde há texto(s) de autoria de mulheres que se encontravam em espaços de encarceramento feminino no momento da escrita. São 98 textos, distribuídos em seis coletâneas: quatro delas apresentam textos de autoria feminina exclusivamente e duas coletâneas são mistas (nelas, selecionei apenas os textos de autoria feminina).

Analiso essas publicações porque me interessa compreender o que as mulheres privadas de liberdade escrevem sobre o cárcere enquanto estão vivendo essa experiência, que é marcada pela vigilância e pela interdição da sua palavra. Por isso, excluí do escopo as obras redigidas por egressas da prisão — *Verdade e liberdade* (Galvão, 2010), *Inventário do medo* (Lemos, 1997), *Quem saberia perder?* (Trajano, 2021), *Quem saberia perder* vol. 2 (Trajano, 2022) e *Minha carne* (Ferreira, 2020), ainda que esta última tenha sido parcialmente escrita durante a reclusão.

Para a interpretação dos dados, utilizei a análise de conteúdo, a fim de decodificar e interpretar unidades temáticas das obras que compõem o *corpus* do estudo. A análise de conteúdo é definida por Bardin (2016, p. 48) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Divide-se em três fases: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, realizou-se a primeira leitura dos materiais obtidos no levantamento, o que Bardin (2016) define como leitura flutuante para a definição do *corpus* do estudo. Nesse processo de escolha dos documentos, aplicam-se as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Definido o *corpus*, passa-se à formulação de hipóteses e objetivos, à elaboração de

indicadores e à preparação do material, que consiste em fazer fichamentos dos textos e buscar dados complementares sobre os projetos ou atividades educativas em que a escrita aconteceu.

Na etapa de exploração do material, realizam-se as “operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2016, p. 131). A codificação, conforme a autora, “corresponde a uma transformação — efetuada segundo regras precisas — dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão (...)” (p. 133).

Neste processo, é necessário estabelecer as unidades de registro e unidades de contexto utilizadas para codificar o *corpus*. As unidades de registro foram a unidade de gênero, para a codificação dos materiais por gênero (contos, poemas e relatos autobiográficos); e o tema, uma vez que se procedeu à análise temática. A unidade de contexto, por sua vez, corresponde à “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro” (Bardin, 2016, p. 137) e, na pesquisa que originou este artigo, está relacionada ao projeto ou atividade educativa que solicitou ou suscitou a escrita pelas detentas.

A última etapa, de tratamento dos resultados e interpretação, é a responsável pela confrontação dos materiais codificados com as hipóteses e os objetivos de estudo para a elaboração de inferências, que podem ser de dois tipos: inferências específicas ou inferências gerais. Conforme Bardin (2016, p. 170), as inferências “podem ser obtidas a partir de um ou vários entre os seguintes índices: unidades lexicais, coocorrências lexicais, estruturas sintáticas, características formais diversas, pausas, erros, expressões gestuais ou posturas”.

ESCRITA DE AUTORIA DE MULHERES NA PRISÃO

A autoria de mulheres privadas de liberdade é um tema que me instiga há algum tempo. Desde que comecei a desenvolver projetos de pesquisa e extensão universitária em presídios femininos, busco compreender os usos da leitura e da escrita por mulheres privadas de liberdade como práticas de letramento, definidas por Kleiman (1995, p. 18-19) como “(...) um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (conferir Scribner e Cole, 1981)”.

Pela abordagem teórica dos novos estudos sobre letramento, é possível afirmar que as mulheres privadas de liberdade constituem um grupo social cujos usos da leitura e da escrita são influenciados pelo contexto de encarceramento em que se encontram. Dada a baixa escolaridade da maioria da população prisional, é presumível que essas práticas de letramento não correspondam às de grupos escolarizados, e tais diferenças exigem de quem pesquisa uma visão crítica sobre o modelo autônomo de letramento (Street, 2013; 2014), centrado no domínio de habilidades de leitura e escrita próprias de grupos escolarizados e baseados no que Graff (2016) definiu como mito do letramento.⁶

Em oposição a esse modelo, os novos estudos sobre letramento “representa[m] uma nova tradição no estudo da natureza do letramento, enfocando não tanto a aquisição de habilidades, como acontece nas abordagens dominantes, mas sim o que significa pensar o letramento como prática social (Street, 1984)” (Street, 2013, p. 52). Além disso, representam uma ruptura com o enfoque etnocêntrico, presente em muitos estudos, que desvaloriza a diversidade cultural ao estabelecer como universal aquilo que é a prática dos grupos sociais dominantes, enquanto outros grupos são invisibilizados e suas práticas são julgadas como não letradas. Desse modo, corroboram

⁶ Segundo Graff (2016), nos primeiros estudos sobre letramento, a crença na superioridade da escrita em relação à oralidade estava ligada a uma outra, de que o uso da escrita acarretaria mudanças cognitivas individuais e coletivas. Estas ideias baseavam a teoria da grande divisão, segundo Street (2014).

a naturalização de hierarquias que, por séculos, justificaram desigualdades, opressão e violência próprias do colonialismo (Street, 2014).

Para exemplificar o modelo autônomo de letramento, Street (2013) afirma:

Introduzir o letramento para as crianças na escola, para pessoas “iletradas” em vilarejos e para jovens pobres em áreas urbanas, entre outros, teria o efeito de intensificar suas habilidades cognitivas, melhorar suas perspectivas econômicas, torná-los cidadãos melhores, independentemente das condições sociais e econômicas que respondem pelo seu “iletrismo”, em primeiro lugar. (p. 53)

Essa foi a concepção de letramento predominante nos programas governamentais de alfabetização ou elevação de escolaridade na América Latina após a 2ª Guerra Mundial, segundo Zamora (2019). O autor considera que, movidos por uma ingenuidade bem-intencionada, muitos projetos “fetichizam o livro e a leitura, atribuindo-lhes uma suposta superioridade moral e cultural (Hernandez, 2006a; 2006b), diante da urgência de sobreviver à desesperança destes tempos” (p. 3).

Em oposição a essa abordagem, os novos estudos sobre letramento propõem o modelo ideológico de letramento, que reconhece a relação entre linguagem e poder implícita na hierarquização entre oralidade e escrita, baseada na teoria da grande divisão. No lugar disso, o que os novos estudos sobre letramento propõem é que existem práticas de letramento que variam de acordo com aspectos sócio-históricos e culturais. Entende-se que, assim como há variação linguística entre falantes de uma língua, também há variação de usos da leitura e da escrita, ou seja, do letramento. Nesse sentido, assim como a sociolinguística estuda as variantes linguísticas, é pertinente estudar as variantes do letramento, justificando assim o uso do termo letramentos, no plural (Street, 2013).

Esse referencial teórico conduz ao estudo das práticas de letramento das mulheres privadas de liberdade, segundo a definição apresentada por Zamora (2019):

desde un punto de vista sociocultural, ser letrado implica no solo dominar un sistema de escritura, sino también el conjunto de valores, creencias y prácticas indispensables para adoptar y actuar una identidad dentro de discursos sociales específicos (Gee, 2004), por ejemplo, discursos de género, nacionalidad, religión, ideología, política, profesión, clase social, etnicidad, escolaridad, etc. (p. 5)

Essa abordagem pressupõe, portanto, considerar essas mulheres como sujeitos que se apropriam da escrita como sistema simbólico e como tecnologia em um contexto de privação de liberdade. Segundo Kleiman e Santos-Marques (2023), para relacionar educação e letramento no contexto do encarceramento feminino, é necessário buscar novas maneiras de abordar as práticas de leitura e escrita dessas mulheres e assim constituir processos educativos decoloniais:

Pensar nessa pedagogia implica abandonar os critérios conservadores das instituições educativas sobre o que conta como conhecimento e admitir a possibilidade de outras epistemologias que não apenas respeitem, por exemplo, a fala do vulnerável, mas que lhe abram espaço no programa como opção legítima de expressão. Não basta denunciar aquilo que ainda carregamos como colonizados que fomos, é preciso também constituir outras formas de pensar e produzir conhecimento. (p. 5)

E essas formas precisam colocar o sujeito da educação no centro do processo educativo. No contexto de privação de liberdade, esse posicionamento implica fazer o enfrentamento de estereótipos sobre a mulher privada de liberdade. A esse respeito, o debate sobre a educação

em contextos de privação de liberdade tem enfatizado a importância de processos educativos emancipatórios, que confrontem esses estereótipos e contribuam para o reconhecimento de si como sujeito, sem reduzi-lo ao crime cometido (De Maeyer, 2013), mas, sim, que tomem como objeto de conhecimento os saberes e experiências de vida dessas mulheres.

OS USOS DA ESCRITA POR MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

Algumas marcas do contexto prisional interferem diretamente nas práticas de letramento na prisão, conforme analisei em estudos anteriores (Godinho e Julião, 2019; 2022):

- A interdição do uso dos meios de comunicação mais usados fora da prisão, como redes sociais, whatsapp, telefone celular, *e-mail*, buscadores (Google, Bing etc.) E *sites*;
- A vigilância da comunicação, que se dá pela presença de operadores da execução penal durante a interação das apenadas com familiares em dias de visita, com professores/as durante as aulas (nos presídios em que há oferta escolar) ou pela leitura das cartas enviadas a familiares ou amigos, assim como as recebidas pelas detentas, o que pode acarretar a retenção da carta pela equipe de segurança;
- A oferta de atividades educativas, que no país é restrita a cerca de 15% da população prisional, embora 60% tenham, no máximo, ensino fundamental completo e necessitem, portanto, de vagas para completar a escolaridade básica (SISDEPEN, 2022). O perfil educacional de quem ocupa o sistema carcerário indica uma defasagem significativa entre oferta e demanda educacional;
- A ênfase na oferta educativa em projetos de remição pela leitura, que vêm aumentando (e em muitas unidades são a única atividade educativa disponível) desde que o Conselho Nacional de Justiça publicou a recomendação n. 44/2013 (Brasil, 2013), que estabeleceu diretrizes e regras para que os sistemas prisionais dos estados e do DF criassem projetos de remição pela leitura, à semelhança do que ocorrera no Sistema Prisional Federal, no ano anterior, com a publicação da portaria conjunta 276/2012 (Brasil, 2012).

Nessas condições, os usos da leitura e da escrita assumem finalidades específicas, e uma delas — objeto de análise neste artigo — é a de narrar a própria experiência de privação de liberdade e publicizar esta experiência para uma sociedade punitivista, que segrega e invisibiliza cada vez mais mulheres pobres e, em sua maioria, negras: pretas e pardas representam 67,2% das presas em celas físicas e 76% das mulheres em prisão domiciliar (SISDEPEN, 2023).

A escrita por mulheres privadas de liberdade, nesse contexto, representa um contraponto ao discurso punitivista que tenta justificar o encarceramento em massa (Borges, 2019). Essas autoras mostram quem são para além da prisão e que têm uma história de vida anterior ao encarceramento. Este é o foco dos textos de Câmara (2001), uma das pioneiras no Brasil em atividades de escrita de si em espaços de privação de liberdade:

A história de vida contada pelo prisioneiro tende a centrar-se no passado. É esperado que assim seja, porque permite que se estampem informações que estão presentes apenas na escolha do transgressor. Recordar a procedência, a vida em família, é uma maneira de reinserir-se na sociedade que o isolou. Como possível compreensão ao acontecimento, o prisioneiro escreve para o juiz, para políticos, solicitando providências quanto à sua liberdade, contando sua história de vida partilhada com as dificuldades dos familiares. Tais atitudes são consideradas importantes pelo prisioneiro, uma vez que, durante a realização do inquérito para a formação da prova e posterior julgamento, só a confissão do delito parece importar. (p. 199)

Além de apresentar quem escreve, é importante contextualizar as condições em que essas pessoas escrevem. Não são poucos os projetos de leitura e escrita em espaços de privação de liberdade, desde a recomendação do Conselho Nacional de Justiça para que os estados criassem projetos de remição de pena pela leitura, conforme estudo anterior (Godinho e Julião, 2022). Trata-se de publicações disponíveis para compra em livrarias,⁷ cujos textos foram produzidos em presídios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, por meio de atividades não escolares organizadas por diferentes iniciativas: duas editoras independentes de São Paulo, uma organização não governamental (ONG), uma universidade pública, a equipe técnica de uma cadeia pública feminina e, em um caso, da Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul — SUSEPE-RS.

Para caracterizar o formato e as diretrizes pedagógicas presentes nessas atividades, retomo a definição de Kleiman e Santos-Marques (2023) sobre o projeto “Escrivências de mulheres sobreviventes do cárcere”, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) pela coautora do artigo:

um projeto de letramento é uma organização didática em que estudantes e professores são agentes cada um segundo seus interesses e capacidades. O uso da escrita tem lugar central nas suas atividades: a leitura envolve textos do interesse dos participantes, considerando suas capacidades, desejos, (pres)sentimentos e experiências vividas; a escrita tem propósitos definidos, está relacionada à realidade sócio-histórica dos participantes do projeto, a serviço da resolução dos problemas do grupo e dá suporte à agência dos participantes. (p. 12)

Cabe a ressalva de que, com equipes formadas por profissionais de diferentes áreas e níveis de formação variados, é compreensível que tais projetos sejam bastante distintos entre si no que se refere à sua intencionalidade pedagógica. De qualquer modo, este é o conjunto de condições materiais e simbólicas em que as mulheres privadas de liberdade se depararam com a proposta de escrever narrativas autobiográficas, contos, cartas e poemas.

Os textos analisados neste artigo são resultado de atividades educativas não escolares desenvolvidas nos presídios. Em apenas dois casos (o de uma editora e o da SUSEPE-RS) se realizou um concurso, e os textos publicados foram produzidos espontaneamente pelas detentas e encaminhados para o setor responsável com a mediação de servidores da unidade prisional. Nesses casos, o livro contém textos de mulheres e homens, juntos. As publicações não mencionam dados étnico-raciais das autoras, o que impede a análise da representatividade das mulheres negras. A seguir, apresento brevemente cada uma das coletâneas:

1. *Letras de liberdade* (Vários Autores, 2000). Segundo Braga (2000), na apresentação do livro, trata-se da primeira publicação de textos escritos por “reeducandos no Complexo do Carandiru” (p. 11). Por iniciativa do editor Wagner Costa, realizou-se um concurso homônimo ao livro, que recebeu 345 inscrições de 98 candidatos/as, majoritariamente de textos biográficos e autobiográficos (Costa, 2000, p. 9). Dos 15 textos selecionados, apenas três são de autoria de mulheres. Na seção “Participantes do concurso”, constam 11 concorrentes mulheres, e cada uma delas submeteu apenas um texto. A competição não propunha um tema específico e, por isso, as autoras escreveram contos baseados em experiências autobiográficas.

⁷ Os textos analisados neste artigo não fazem parte do projeto de extensão que desenvolvo. Por isso, não foi possível identificar alguns dados das autoras, como autodeclaração de raça, nível de escolaridade, condições socioeconômicas nem se são mulheres cis ou trans.

2. *Mulheres poéticas — a poesia no cárcere* (Giostri, 2017). A publicação reuniu os poemas produzidos por detentas do Presídio Regional de Mafra-SC, à ocasião das oficinas de escrita literária coordenadas por Alex Giostri, editor responsável da Giostri Editora. O livro tem 12 autoras, e cada uma escreveu cinco textos, à exceção de Maria de Lourdes Neves, que escreveu 15 textos, de Roseli Camargo, que escreveu três, e de Tajamara Villabruna, que escreveu seis. Os temas abordados são: amigos, vida no cárcere, infância, família e futuro. Esta coincidência sugere que as oficinas de escrita literária definiram os temas que as autoras deveriam abordar.
3. *Narrativas femininas no cárcere — minha história de vida* (Giostri, 2021). Dezesseis autoras participam desta coletânea, organizada por Alex Giostri com os resultados das oficinas literárias que ele desenvolveu na Penitenciária Industrial de Joinville-SC, em 2019.
4. *Mulheres encarceradas — quando a estrela do Natal não brilha* (Ursi, Chaga e Silva, 2022). O projeto foi desenvolvido na Cadeia Pública Feminina de Londrina-PR, e a publicação conta com dez textos autobiográficos de mulheres que cumprem pena nesta unidade prisional. Uma das organizadoras é policial penal e diretora da unidade prisional onde se realizaram as oficinas de escrita onde as autoras produziram os textos.
5. *História(s) da chuva: escrevendo história(s) com mulheres encarceradas* (Concilio e Vetori, 2021). O livro sistematiza resultados de um projeto de extensão universitária desenvolvido no Presídio Feminino de Florianópolis-SC pelo professor Vicente Concílio, do Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina — UDESC, e a então mestranda Caroline Vetori. Das três seções do livro, encontram-se na primeira os textos produzidos exclusivamente pelas detentas. Trata-se de cartas redigidas em exercícios de escrita, em que se solicitou às mulheres escrever para “o futuro, a mulher que desejam se tornar” (p. 12).
6. *Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento* (Medeiros *et al.*, 2019). O livro apresenta textos, desenhos e fotografias produzidos no projeto coordenado por Medeiros. Alguns materiais não têm autoria definida, impossibilitando identificar se foram escritos pelas detentas ou por educadoras. Apenas os textos manuscritos e digitalizados, com autoria mencionada, foram considerados na análise.

A análise temática levou à categorização dos textos em: infância; juventude, relacionamentos afetivos e maternidade; prisão; e expectativa pela saída.

Nos relatos da infância, predomina a figura da mãe guerreira, descrita como uma pessoa forte, muito trabalhadora e dedicada aos filhos. Os relatos caracterizam famílias monoparentais, em que a rede de apoio da mulher, quando existe, é formada por outras mulheres: a própria mãe e, eventualmente, irmãs e vizinhas.

Esta característica diferencia-se do que Ireland e Lucena (2013) encontraram no estudo biográfico de mulheres privadas de liberdade em um presídio de João Pessoa-PB. Os autores destacaram, além da ausência da figura paterna, também a ausência da mãe:

No eixo família, as ausências do pai e/ou da mãe marcaram a vida dessas mulheres e influenciaram em suas trajetórias. Quase todas não conheceram o pai por motivo de morte ou de abandono. Mas a grande ausência centrou-se na figura da mãe, que parece ter sido determinante para que essas mulheres tivessem seguido rumos diferentes dos que desejavam. (Ireland e Lucena, 2013, p. 123)

Os dados obtidos pelos autores também se diferenciam dos textos que analisei no que se refere ao motivo da ausência do pai. Nestes, a ausência do pai nem sequer é mencionada, ele simplesmente não existe. Também com pouca frequência, no conjunto das narrativas, há mulheres

que narraram uma infância marcada pela violência doméstica e pelo abandono e/ou a vivência da situação de rua para escapar a um ambiente familiar violento.

Em alguns textos, há uma idealização da família e da infância, retratadas como um passado idílico, cuja harmonia é rompida na juventude, quando a narradora busca experiências sociais novas, como festas, relacionamentos afetivos e maior liberdade em relação aos seus responsáveis. Este é o primeiro momento de virada na narrativa de um grupo significativo de mulheres, que inicia o uso de entorpecentes. Com o passar do tempo, a dependência química leva-as a cometerem pequenos furtos ou ao envolvimento com o tráfico de drogas.

A experiência afetiva da juventude é cheia de expectativas até o nascimento de filho(s), quando a violência doméstica ou o envolvimento do companheiro com o tráfico leva ao fim do relacionamento ou ao envolvimento das mulheres com o uso de drogas.

Os relacionamentos afetivos são narrados com uma idealização e uma busca pelo amor romântico. Este parece mover a escrita de muitas destas mulheres. Mesmo ao relatarem uma sequência de separações e retomadas de relacionamentos violentos, existe uma esperança de que a nova tentativa tenha sucesso, sob o argumento de que o amor supera todas as dificuldades, que “o amor vencerá”, como no texto de Oliveira (Giostri, 2021):

Até que um dia, um amigo me apresentou um rapaz, achei ele muito lindo, foi paixão à primeira vista. No começo, era tudo às mil maravilhas. Então resolvemos morar juntos. Foi quando eu descobri que ele tinha acabado de sair da cadeia. Era um ex-presidiário! Mas tudo bem! Para mim isso não importava! O que interessava e interessa é o meu ponto de vista e não o que os outros pensam. Logo fiquei grávida, fiquei muito feliz. (p. 18)

Este é apenas um dos exemplos de relacionamentos que foram narrados como “paixão à primeira vista” ou que reproduzem a ideia de homem dos sonhos, alma gêmea etc. A recorrência dessas associações entre relacionamento e símbolos do amor romântico suscita algumas indagações: este uso da escrita está atrelado a experiências de leitura de *best-sellers* ou de telenovelas que reproduzem o mito do amor romântico? Ou este realmente é o horizonte de suas experiências afetivas, em que elas buscam viver o amor romântico, em que a feminilidade e o papel da mulher idealizados por narrativas literárias do Romantismo tornam-se fonte de frustração nos relacionamentos afetivos vividos pelas mulheres, como analisa Kehl (2017), pela perspectiva da psicanálise?

Pelas limitações da pesquisa documental, o estudo não pode responder a essas questões, pois seria necessário entrevistar as autoras, conhecer mais suas experiências de leitura de textos literários e o processo de escrita nas oficinas de que elas participaram. De qualquer modo, entendo que o mito do amor romântico influencia a escrita destas mulheres, assim como sua leitura de mundo, uma vez que as narrativas frequentemente recorrem à imagem do amor como um elemento mágico, capaz de superar qualquer adversidade da vida material e/ou do comportamento abusivo em relacionamentos afetivos.

Além do amor romântico, também a idealização da maternidade é bastante presente nos textos de mulheres privadas de liberdade. Os filhos e a maternidade são apresentados como a grande realização pessoal das mulheres. As autoras, ao atingirem a vida adulta, mostram a repetição do modelo familiar vivido na infância: tornam-se mães solo, passam por diversos trabalhos precários para sustentar os filhos sozinhas e contam com uma rede de apoio formada exclusiva ou majoritariamente por mulheres, e suas mães — agora no papel de avós — permanecem com as incumbências de cuidado de crianças. Por ser essa mulher a única provedora dos filhos e, em alguns casos, de netos, isso implica que, no momento de sua prisão, o núcleo familiar se desfaz, o que reforça a preocupação com a subsistência e com o cuidado das crianças.

As configurações familiares narradas por essas mulheres assemelham-se às histórias de vida de detentas da região metropolitana de Minas Gerais, transcritas por Ribeiro e Godinho (2021):

Responsáveis pela criação dos filhos, as mulheres expressam um dos motivos mais relatados para o envolvimento criminal: a necessidade financeira. O tema das drogas está presente em todas as histórias, com exceção de uma. Nelas, o uso e o comércio de drogas, a dependência e o tráfico se mostram lados de um fenômeno complexo e de difícil distinção (p. 505)

Assim como nas histórias transcritas pelas autoras, os textos que analisei também apresentam majoritariamente um contexto familiar que está relacionado ao envolvimento com atos ilícitos. Nesse aspecto, Ribeiro e Godinho (2021) relacionam a feminização da pobreza com o crescente encarceramento feminino:

Trata-se de trajetórias de vidas de diferentes mulheres igualmente permeadas por desigualdades estruturais, privadas do acesso a recursos sociais e direitos — individuais, sociais e políticos, incluindo trabalho protegido, proteção social, justiça, integridade física, existência política e convívio com os seus. A leitura de suas histórias possibilita vislumbrar como se personifica, na prática, a feminização da pobreza, e como o sistema de justiça criminal e a política penal constituem mecanismos importantes de sua reprodução. (p. 505)

Outro momento de virada na vida das mulheres é o ingresso na prisão, que representa um lugar onde a vida termina e é preciso “começar do zero”, se for considerado que, para as mulheres em cujo núcleo familiar elas eram as únicas adultas, este se desfaz no momento da prisão. Nesses casos, a mulher não perde apenas o direito de ir e vir, mas também o direito à moradia e à guarda das crianças, que vão para a casa de uma avó, uma tia ou são encaminhadas para o acolhimento institucional. Essa dissolução do núcleo familiar e o afastamento dos filhos é mencionado por autoras de todas as coletâneas analisadas como uma das principais preocupações e causas de sofrimento:

Meu mundo desabou, eu não tive coragem de me entregar, minha filha era uma criança e dependia de mim para tudo, mamava no peito e já tinha dois anos que eu estava foragida, trabalhando em casa e na casa de algumas clientes, fazendo cabelo. Fiquei mais de dois anos assim e o que eu mais queria era resolver minha situação, pois penso muito em minhas filhas, no futuro delas, elas são minha vida, meu motivo para viver. (Maria, 2022, p. 120)

Também recorrente nos relatos das mulheres é o abandono pelos companheiros e familiares. A rejeição causa arrependimento e vergonha em relação à mãe ou aos pais. Os sentimentos provocados nesse contexto aproximam-se dos dados obtidos por Ribeiro e Godinho (2021): “As histórias desvelam percepções ambivalentes da experiência prisional: penitência, reflexão e mudança; revolta, humilhação e ausência de direitos. Os relatos mais negativos residem, com efeito, no sistema prisional” (p. 15).

A busca de amparo psicológico para suportar o distanciamento dos filhos conduz muitas mulheres à religiosidade e à figura de Deus como salvação. Este é um momento de virada nas narrativas, em que o desespero é amenizado pela esperança em Deus para interceder pela sua liberdade. Essa característica se acentua no livro *Mulheres encarceradas*, em que a conclusão de nove dos dez textos é um pedido a Deus ou uma referência à esperança de ser liberada para passar o Natal com a família. O trecho a seguir apresenta a referência a Deus, recorrente nos textos:

Estou orando a Deus por todos que estão me ajudando, acreditando em mim, com certeza não as decepcionarei. Que Deus abraque o coração do promotor, juiz e membros judiciários. Está nas mãos de Deus e nele confio, com remissão, bom comportamento e todo apoio que estou tendo dará tudo certo e passarei esse Natal com meus 2 filhos amados. (p. 64)

Outros apelos são direcionados explicitamente a juízes e operadores da execução penal. É recorrente o uso do vocativo como apelo às autoridades para reconsiderar seu processo, como em: “Olha pra nós, juiz” (Dreher, 2015); “Srs. da lei, eu, enquanto estive presa, sempre tive um bom comportamento, fui trabalhar na cozinha” (Scheibel, 2021, p. 37). Desse modo, elas demonstram compreender dois aspectos centrais do processo de escrita: a intencionalidade de quem escreve e a interação entre autor e leitor. Ao pressupor quem fará a leitura do seu texto, a autora define um objetivo específico para sua escrita e seleciona o que dizer, assim como decide o que silenciar e quais elementos enfatizar a fim de alcançar esse objetivo.

A expectativa pela saída é mencionada nos contos, poemas e relatos autobiográficos, associada à esperança de serem vistas por essas autoridades a quem cabe decidir sua progressão de regime ou sua saída em liberdade. Com raras exceções, os textos destacam seu desejo de cumprir os papéis socialmente atribuídos à mulher, como os de mãe e esposa, restritos ao espaço doméstico. Assim, as autoras ressaltam o que a criminologia feminista considera uma especificidade dos mecanismos de opressão da sociedade punitivista sobre as mulheres:

observamos que, sobre as mulheres que ousam cometer práticas tipificadas como criminosas, recai uma dupla punição: as sanções penais previstas nas leis e nos códigos, mas, também, os imperativos das normativas de gênero, com as suas definições e prescrições do que é — ou deveria ser — a Mulher. Da pena capital à privação da liberdade, muitas mulheres foram julgadas pelos seus atos, mas condenadas por suas paixões, por seus instintos, anomalias, enfermidades, inaptações ou, até mesmo, pela hereditariedade. (Carvalho e Mayorga, 2017, p. 102)

Ao atrelarem sua perspectiva de futuro ao cuidado dos filhos e ao cumprimento dos papéis atribuídos às mulheres, essas mulheres afirmam que a prisão cumpriu sua função e, portanto, elas já estão prontas para voltar ao convívio social. Dentre os vários exemplos disso, destaco uma carta escrita para si mesma no futuro por uma das participantes do projeto de Concílio e Vetori (2021):

Para seu futuro. Valeu a pena passar por todos os obstáculos e dificuldades que você passou, pois só assim você aprendeu a dar valor às pessoas e às pequenas coisas, principalmente a vida. Hoje sou uma boa filha, uma boa mãe, realizei todos os meus sonhos e nunca mais irei cometer os erros do meu passado. (p. 50)

A autora, ao destacar o que “aprendeu”, passa o recado de que está resignada a cumprir seu papel. Entretanto, essa projeção de um retorno à família, às vezes, implica recompor o núcleo familiar, dissolvido com a sua prisão e, em alguns casos, esse retorno é inviável, pois a perda da guarda do(s) filho(s) ocorreu antes ou durante o aprisionamento.

Em todas as coletâneas, o uso da escrita foi influenciado pela consciência de que os textos poderiam ser lidos pela equipe diretiva da unidade prisional. Diante desse fato, ao escrever, cada autora levou em consideração quem é o leitor. Contar sua história para quem tem poder de

autorizar ou vetar sua progressão de regime foi certamente um dos principais fatores considerados a cada decisão destas autoras. O que pode ser dito e o que é arriscado dizer? Para que escrever? Esses questionamentos internos moldaram, em alguma medida, os textos. Possivelmente esse foi um dos motivos pelos quais as autoras priorizaram:

- Narrar suas histórias de vida até o momento da prisão;
- Silenciar em relação à sua história de vida a partir do momento em que foram presas;
- Omitir suas experiências de privação de liberdade; e
- Passar direto das memórias do passado para a expectativa de saída em liberdade.

No entanto, nas escolhas sobre o que narrar e o que omitir, chama atenção que o silêncio em relação aos conflitos e maus tratos no sistema prisional tenha sido rompido nos projetos desenvolvidos por editores independentes. A denúncia de maus-tratos na unidade prisional é um aspecto que diferencia esses dois livros dos demais, pois as mulheres se sentiram confiantes para narrar situações de conflito, castigo e transferências para prolongar castigos (Vários Autores, 2000; Giostri, 2021).

Neles, as mulheres narram aspectos do cotidiano silenciados nos outros livros: violência, castigos e outras violações de direitos humanos, além de conflitos entre as detentas faccionadas. Uma das denúncias mais graves é a de Cruz (2021), ao relatar uma sequência de castigos, ausência de alimentação e um colchão para dividir entre cinco mulheres:

Eu já estava há seis meses sem sol, só de castigo, já estava chapada de grade, magra, enlouquecida, mas tudo o que eu queria era ficar em um lugar melhor. Foi então que o Juiz de Tijucas, em uma visita com a diretora, entrou no castigo e eu expliquei o que acontecia comigo (...) Foi então que aos 28 dias do meu castigo, pelas 13h, fui retirada para falar com a diretora, que me perguntou se eu teria interesse em trabalhar na cozinha, que, se eu tivesse, ela conseguiria minha permanência em Tijucas. (p. 41)

O que a autora conta é a violação da regra 31 das Regras de Bangkok:⁸ “31. As penas corporais, a colocação em ‘segredo escuro’ bem como todas as punições cruéis, desumanas ou degradantes devem ser completamente proibidas como sanções disciplinares” (CNJ, 2016). Embora denúncias como esta sejam feitas frequentemente por ativistas de direitos humanos, elas são raras nos textos produzidos durante o encarceramento, especialmente nos livros organizados por policial penal ou por gestores do sistema prisional estadual. Nestes, as situações vividas na prisão são poucas e se restringem a mencionar o trabalho e as visitas.

O silêncio sobre a superlotação, as condições insalubres, a violação de direitos humanos atesta que estas autoras têm consciência de que, entre seus leitores, estão a equipe técnica, a direção, o juiz da Vara de Execuções Criminais (VEC) e possivelmente policiais penais com quem elas convivem no cotidiano da prisão. Ou seja, elas evitam o risco de sanção pelo que escreverem. Não há dúvida de que muitos projetos se fundamentem em princípios e diretrizes político-pedagógicas da educação popular e da educação decolonial. No entanto, a vigilância já foi incorporada pelas mulheres (Foucault, 1997), e o encarceramento lhes ensinou que a confidencialidade e a privacidade não fazem parte do cotidiano de quem está reclusa. Sendo assim, não há controle sobre as mãos em que os textos podem parar.

Nessas condições, escrever é um exercício perigoso, que poderá antecipar ou adiar a passagem para o regime semiaberto, além de influenciar o acesso a regalias ou à punição, de acordo com os

8 Documento elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) que estabelece regras mínimas para o tratamento de mulheres presas, em tratado de que o Brasil é signatário.

temas escolhidos e o modo de abordá-los. A finalidade da escrita, portanto, é atender à solicitação das mediadoras ou educadoras — a obediência é um valor importante no sistema de privilégios das instituições totais (Goffman, 2015) — e, ao mesmo tempo, tentar garantir que sua escrita sensibilize estas primeiras leitoras, enfatizando o seu comprometimento com a ressocialização e seu desejo de retomar os vínculos familiares prejudicados pelo seu afastamento, o que muitas vezes implica a dissolução do núcleo familiar e o encaminhamento dos filhos para a casa de familiares, amigas ou para acolhimento institucional e, em alguns casos, para adoção.

Essa observação não visa questionar a legitimidade do sofrimento de tais mulheres ou colocar em dúvida a sinceridade da sua escrita. O que se quer ressaltar é que um dos principais usos da escrita autobiográfica por elas foi o de sensibilizar os operadores da execução penal. O destinatário prioritário desses textos, portanto, não é o público em geral, que poderá acessá-los pela aquisição do livro, mas, sim, as pessoas com poder para reavaliar suas condições de progressão de regime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os usos da escrita por mulheres privadas de liberdade permite conhecer elementos de experiências marcadas pelo abandono, a separação dos filhos e a perda do núcleo familiar, bem como representa mais uma etapa de um processo de precarização das condições de sobrevivência de pessoas cujas trajetórias de vida são marcadas pela omissão do Poder Público em relação a direitos fundamentais. A baixa escolaridade da maioria da população prisional brasileira, inclusive as autoras dos textos analisados, explicita a negligência do Estado, da sociedade e da família na garantia do direito à educação na infância e adolescência dessas mulheres, ainda que o paradigma da proteção integral, em que se sustenta o Estatuto da Criança e do Adolescente, esteja em vigência desde 1990 no Brasil.

O presente artigo não esgota a discussão do tema e suscita novos questionamentos, a serem explorados em estudos futuros: como o exercício da escrita autobiográfica influencia a reflexão dessas mulheres sobre as próprias experiências de vida? Escrever provoca releituras do passado, do presente e de si mesmas?

Espero, com as reflexões desenvolvidas neste artigo, contribuir para a produção de conhecimento e a elaboração de práticas pedagógicas emancipatórias com mulheres privadas de liberdade, que suscitem o reconhecimento de si como sujeitos de direitos e como pessoas, para além do estereótipo de criminosas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2016.

BEZERRA, Kátia da Costa. Lara De Lemos: o tenso rememorar da Ditadura Militar no Brasil. **Graphos**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 85-94, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9537/5185>. Acesso em: 18 jun. 2023.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

BRAGA, Paulo. Apresentação. In: Autores Diversos. **Letras de liberdade**. São Paulo: WB Editores, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002. PL 634/1975.

BRASIL. **Recomendação n. 44**. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. Atos administrativos, Brasília, DF, 2013. (10811332). Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1907>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CÂMARA, Heleusa Figueira. **Além dos muros e das grades (discursos prisionais)**. São Paulo: Educ Fapesp, 2001.

CARVALHO, Daniela Tiffany Prado de; MAYORGA, Claudia. Contribuições feministas para os estudos sobre aprisionamento feminino. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 99-116, jan.-abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TwwdJTXpCkH4BV95BNKMwdL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIERE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Alvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CONCILIO, Vicente; VETORI, Caroline (org.). **História(s) da chuva: escrevendo história(s) com mulheres encarceradas**. São Paulo: Hucitec, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Regras de Bangkok**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça. 2016. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/a9426e51735a4d0d8501f06a4ba8b4de.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

COSTA, Wagner. Palavras do Editor. In: VÁRIOS AUTORES. **Letras de liberdade**. São Paulo: WB Editores, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, n. 1. p. 171-188, 2002.

DE MAEYER, Marc. A educação na prisão não é uma mera atividade. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/30702>. Acesso em: 20 set. 2024.

FERREIRA, Preta. **Minha carne – diário de uma prisão**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALVÃO, Patrícia. Verdade e liberdade. In: TEIXEIRA, Lúcia Maria; FERRAZ, Geraldo Galvão. **Viva Pagu: fotobiografia de Patrícia Galvão**. Santos: Unisanta, 2010.

GIOSTRI, Alex (org.). **Mulheres poéticas – a poesia no cárcere**. Bela Vista: Giostri, 2017.

GIOSTRI, Alex (org.). **Narrativas femininas no cárcere – minha história de vida**. Bela Vista: Giostri, 2021.

GODINHO, Ana Claudia Ferreira; JULIÃO, Elionaldo Fernandes. O direito à leitura na prisão: uma experiência não escolar em presídio feminino no Brasil. **Imagens da Educação**, v. 1, p. 75-91, 2019. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v9i1.43525>

GODINHO, Ana Claudia Ferreira; JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Remição de pena pela leitura no Brasil: o direito à educação em disputa**. Jundiá: Paco Editorial, 2022.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GRAFF, Harvey J. Em busca do letramento: as origens sociais e intelectuais dos estudos sobre letramento. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 1, p. 233-252, 2016. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v16i1.775.1.pt>.

INDARTE, Horácio. **Zé Contente**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

IRELAND, Timothy D.; LUCENA, Helen Halinne Rodrigues de. O presídio feminino como espaço de aprendizagens. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 113-136, jan.-mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/sX4Hd5wtjskvSbhzmdVvBk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2023.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino** – a mulher freudiana na passagem da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2017.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento** – uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela Bustos; SANTOS-MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo. Letramentos de mulheres sobreviventes do sistema prisional em processo de remição de pena: uma perspectiva decolonial. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 31, n. 51, 2023. <https://doi.org/10.14507/epaa.31.7561>

LE MOS, Lara de. **Inventário do medo**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.

MEDEIROS, Vânia. **Mulheres possíveis: corpo, gênero e encarceramento**. São Paulo: Ed. Rumos, 2019.

MENDES, Luiz Alberto. **Diário de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Nana. **Ausência**. Rio de Janeiro: Nau, 2022.

O CÁRCERE E A RUA. Direção: Liliana Sulzbach. Documentário. [S.l: s.n.], 2005. 1 vídeo 80min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U4xPhUvktg>. Acesso em: 29 jun. 2023.

PAVANI, Cinara Ferreira. A memória dos anos de chumbo em Inventário do medo, de Lara de Lemos. **Diadorim**, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7938/0>. Acesso em: 24 jun. 2023.

POLI JUNIOR, Ovidio. **A pena e o cadafalso: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo**. 2009. 189 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-01122009-112205/publico/OVIDIO_POLI_JUNIOR.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

PRADO, Jocenir. **Diário de um detento**. São Paulo: Laboreditorial, 2001.

PRADO, Antonio Carlos. **Cela forte mulher**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2003.

RAMOS, Hosmany. **Pavilhão 9** – paixão e morte no Carandiru. São Paulo: Geração Territorial, 2001.

RAP, André du. **Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)**. São Paulo: Hedra, 2002.

RIBEIRO, Fernanda Silva de Assis; GODINHO, Letícia. Histórias de vida de mulheres em situação de aprisionamento. **Dilemas, Revista Estudos sobre Conflito Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 489-508, maio-ago./2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/KqvSTQFCnRKJ3PFSHqWV85j/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, p. 1-14, jul. 2009. ISSN: 2175-3423

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284-303, jul./dez. 2012.

SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. **RevistaMoara**, n. 44, p. 120-139, jul.-dez. 2015. <https://doi.org/10.18542/moara.v1i44.3432>

SCHEIBEL, S. Sem título. In: GIOSTRI, Alex. (org.). **Narrativas femininas no cárcere**. São Paulo: Giostri Editora, 2021. p. 37-39.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL (SISDEPEN). **Dados Estatísticos sobre o Sistema Prisional**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 23 set. 2024.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL (SISDEPEN). **Apri-sionamento feminino e faixa etária dos filhos que estão nos estabelecimentos**. Período de julho a dezembro de 2022. 2023. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoINTFk-ZDA5MDEtZmJmNi00YjRhLTlkOTUtYWUxZjE3NWE3NDU5IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtN-DNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9&pageName=ReportSectionf330443a7e0c245a2804>. Acesso em: 20 jun. 2023.

STREET, Brian V. Políticas e Práticas de Letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51-71, jan.-abr. 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622013000100004>

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Lúcia Maria; FERRAZ, Geraldo Galvão. **Viva Pagu**: fotobiografia de Patrícia Galvão. Santos: Unisanta, 2010.

TEIXEIRA, Lúcia Maria. **Biógrafa responde a Ruy Castro sobre Pagu e Oswald após 1930**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/em-cadernos-ineditos-pagu-traca-seus-passos-e-de-oswald-depois-da-revolucao-de-30.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2023.

TRAJANO, Gih. **Quem saberia perder?** São Paulo: Selin Trovoar, 2021.

TRAJANO, Gih. **Quem saberia perder?** v. 2. São Paulo: Selin Trovoar, 2022.

URSI, Soraia Soria Salles; CHAGA, Juliana Maria de Camargo; SILVA, Cecília Teixeira da (orgs.). **Mulheres encarceradas** – quando a estrela de Natal não brilha. Curitiba: CRV, 2022.

VÁRIOS AUTORES. **Letras de liberdade**. São Paulo: WB Editores, 2000.

ZAMORA, Gregorio Hernández. Íkala. De los Nuevos Estudios de Literacidad a las perspectivas decoloniales en la investigación sobre literacidad. **Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura**, Medellín, v. 24, n. 2, p. 1-24, 2019. <https://doi.org/10.17533/udea.ikala.v24n01a10>

Como citar este artigo: GODINHO, Ana Claudia Ferreira. Diário de uma detenta: usos da escrita por mulheres em espaços de encarceramento feminino. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, e290107, 2024. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782024290107>

Conflitos de interesse: A autora declara que não possui nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

SOBRE A AUTORA

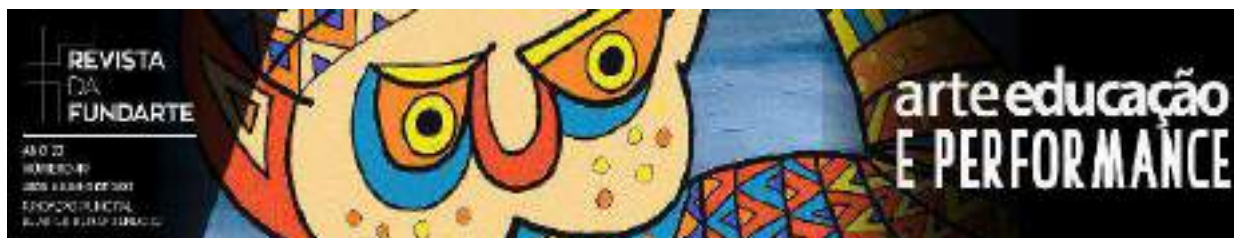
ANA CLAUDIA FERREIRA GODINHO é doutora em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Recebido em 29 de junho de 2023

Revisado em 15 de agosto de 2023

Aprovado em 22 de agosto de 2023





AS SAÍDAS MORAM NAS PALAVRAS? AS SAÍDAS PODEM MORAR NAS PALAVRAS?: ESCRITA ENQUANTO ENCONTRO COM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

Caroline Vetori de Souza

Resumo: Neste ensaio irei me debruçar na interlocução da proposta de um caderno de exercícios de escrita criativa, intitulado *Das saídas que moram nas palavras*, destinado às mulheres que cumprem pena no Presídio Feminino de Florianópolis, com escritos que tratam da literatura (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) e da escrita como ato de “tornar-se” (KILOMBA, 2020). A proposição objetiva o diálogo artístico e poético com as mulheres que estão privadas de liberdade, tendo como hipótese principal a geração de procedimentos de escuta, nos quais as suas vozes possam ecoar. Ainda, ansiamos que as palavras gerem encontros (delas consigo mesmas, com suas companheiras, com o mundo). No momento como ainda não temos acesso as produções instigadas a partir do caderno, julgo pertinente a análise da proposta, seus atravessamentos teóricos, visando o compartilhamento de seu processo de feitura que pode, inclusive, inspirar outras proposições e projetos. Muitas são as perguntas, as dúvidas e iniciar com uma convoca justamente a força das palavras na abertura de mundos – questão que está no horizonte deste ensaio.

Palavras-chave: Teatro com mulheres privadas de liberdade. Literatura. Leitura. Escrita.

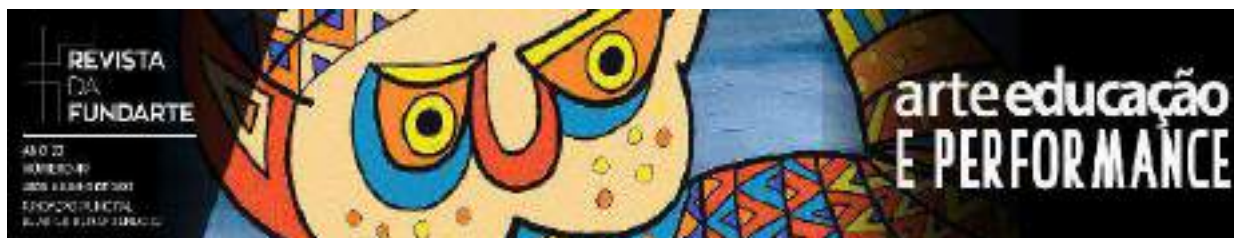
DO THE OUTPUTS LIVE IN THE WORDS? CAN THE OUTINGS LIVE IN THE WORDS?: WRITING WHILE MEETING WOMEN DEPRIVED OF FREEDOM

Abstract: In this essay, I will focus on the interlocution of the proposal for a creative writing exercise book, entitled *Das saídas que moram nas palavras*, for women who are serving sentences in the Female Prison of Florianópolis, with writings that deal with literature (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) and writing as an act of “becoming” (KILOMBA, 2020). The proposition aims at the artistic and poetic dialogue with women who are deprived of freedom, having as its main hypothesis the generation of listening procedures, in which their voices can echo. Still, we long for words to generate encounters (them with themselves, with their companions, with the world). At the moment, as we still do not have access to the productions instigated from the notebook, I think it is pertinent to analyze the proposal, its theoretical crossings, aiming to share its production process, which can even inspire other proposals and projects. There are many questions, doubts and starting with one, as the force of words in the opening of worlds calls for – a question that is on the horizon of this essay.

Keywords: Theater with women deprived of liberty. Literature. Reading. Writing.

¿LAS SALIDAS VIVEN EN LAS PALABRAS? ¿LAS SALIDAS PUEDEN VIVIR EN LAS PALABRAS?: ESCRIBIR MIENTRAS SE ENCUENTRA CON MUJERES PRIVADAS DE LIBERTAD

Resumen: En este ensayo me centraré en la interlocución de la propuesta de un cuaderno de ejercicios de escritura creativa, titulado *Das saídas que moram nas palavras*, dirigido a mujeres que cumplen condena en la Cárcel de Mujeres de Florianópolis, con escritos que abordan la literatura



(ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) y la escritura como acto de “devenir” (KILOMBA, 2020). La propuesta apunta al diálogo artístico y poético con mujeres privadas de libertad, teniendo como hipótesis principal la generación de procedimientos de escucha, en los que resuenan sus voces. Aún así, anhelamos las palabras para generar encuentros (ellos consigo mismos, con sus compañeros, con el mundo). De momento, como todavía no tenemos acceso a las producciones instigadas desde el cuaderno, creo que es pertinente analizar la propuesta, sus cruces teóricos, con el objetivo de compartir su proceso de producción, que puede incluso inspirar otras propuestas y proyectos. Son muchas las preguntas, las dudas y empezar por una, como lo pide la fuerza de las palabras en la apertura de los mundos, una pregunta que está en el horizonte de este ensayo.

Palabras clave: Teatro con mujeres privadas de libertad. Literatura. Leer. Escribiendo.

As saídas moram nas palavras? As saídas podem morar nas palavras?

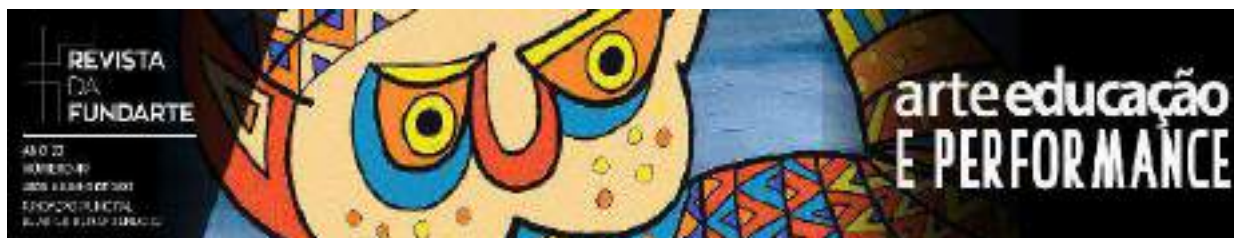
Como o próprio título explicita o foco da presente escritura são os questionamentos, muitos mais que possíveis respostas. Questões que justamente se expandem em novas interrogações, que movimentam teoria e prática. Então, eis um pouco das (minhas?) movimentações enquanto professora artista.

Ambas as perguntas reúnem em seu cerne duas temáticas focais em minha pesquisa de doutorado¹, por ora em fase inicial, duas instâncias que pretendo pôr em diálogo no presente ensaio: as palavras, que habitam a escrita e a oralidade, e as saídas, os lampejos de liberdade, físicas e/ou simbólicas. Além de marcar diretamente esses vetores de proposição e análise, faz-se necessário explicitar com quem dialogo: mulheres que cumprem pena de privação de liberdade.

Neste ensaio irei me debruçar na interlocução da proposta de um caderno de exercícios de escrita criativa, intitulado *Das saídas que moram nas palavras*, destinado às mulheres que cumprem pena no Presídio Feminino de Florianópolis, com escritos que tratam da literatura (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) e da escrita como ato de “tornar-se” (KILOMBA, 2020), buscando articulações possíveis com minha área de formação e atuação: a(s) Pedagogia(s) das Artes Cênicas.

Vicente Concilio desenvolve um trabalho contínuo na instituição desde 2017, através do projeto de extensão *Pedagogia do Teatro e Processos de Criação*, e mais

Ingressei no Doutorado em Teatro, no Programa de Pós-Graduação da UDESC, no segundo semestre de 2020, com uma pesquisa voltada ao diálogo entre o teatro e o cárcere, sobretudo focando em ações artístico-pedagógicas com mulheres que estão privadas de liberdade. A pesquisa é orientada pelo prof. Dr. Vicente Concilio.



recentemente do projeto de pesquisa *Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*. Ao longo dos anos diversas pessoas participaram das ações desenvolvidas, licenciandas, mestrandas e doutorandas, colaborando para a materialização das práticas, bem como colocando em diálogo o tripé ensino, pesquisa e extensão.

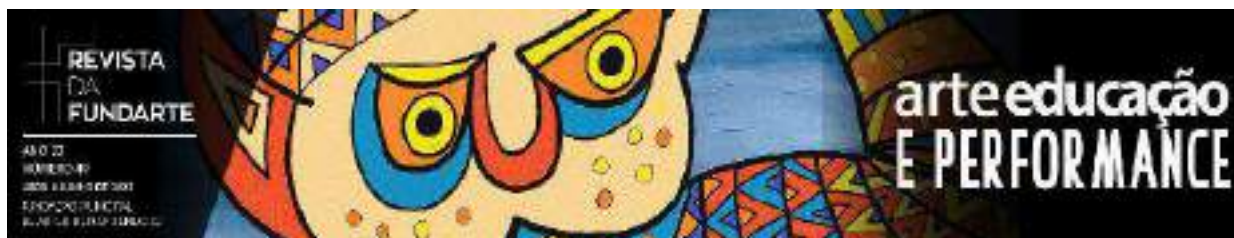
Em 2019 comecei a trabalhar na instituição, desenvolvendo parte das proposições do mestrado, orientado por Concilio, que desembocou na dissertação *Estendemos nossas memórias ao sol: caminhos para uma dramaturgia da escuta* (2020).

Desde março de 2020, as oficinas de teatro no Presídio Feminino de Florianópolis encontram-se suspensas, visto que podemos ser vetores de transmissão do covid-19, ou seja, nossas ações que se caracterizam pelo encontro e pela presencialidade necessitaram ser adaptadas para outros suportes.

Em 2021, em diálogo com a instituição delineamos como proposta, inspirada no projeto *Mulheres possíveis*², um caderno de exercícios de escrita criativa - proposição que configura uma das metodologias provocadas pela pandemia, sendo uma forma de acessar as mulheres que estão na instituição, mesmo à distância. Diferentemente de outros públicos e contextos, no qual o teatro foi transportado e tensionado às novas tecnologias, não dispúnhamos da possibilidade de acesso via ambiente virtual. Assim, o caderno foi a saída possível de proposição.

No momento, já estruturei o conteúdo e estamos em diálogo com a profa. Anelise Zimmermann, do Departamento de Design da UDESC, coordenadora do programa de extensão *Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica*, que, juntamente a profa. Sara Copetti e as bolsistas Clara Sohn e Fernanda Gonçalves, estão delineando todo o projeto gráfico e de editoração. Na relação de parceria estabelecida, saliento que estamos aprendendo muito sobre a forma, na

² A partir da reunião de algumas pessoas que compõem os coletivos Teatro Dodecafônico e Rubro Obsceno formou-se um grupo que trabalha junto às mulheres da PFC, Penitenciária Feminina da Capital, desde 2016, a partir do projeto Mulheres Possíveis. Disponível em: <<http://vaniamedeiros.com/mulheres-possiveis>>. Acesso em: 09 de julho de 2021.



qual o conteúdo se apresenta em uma proposta dessa natureza, fruto direto do diálogo com as pesquisadoras do campo do Design, sendo futuramente interessante analisar o caderno a partir dessa ótica.

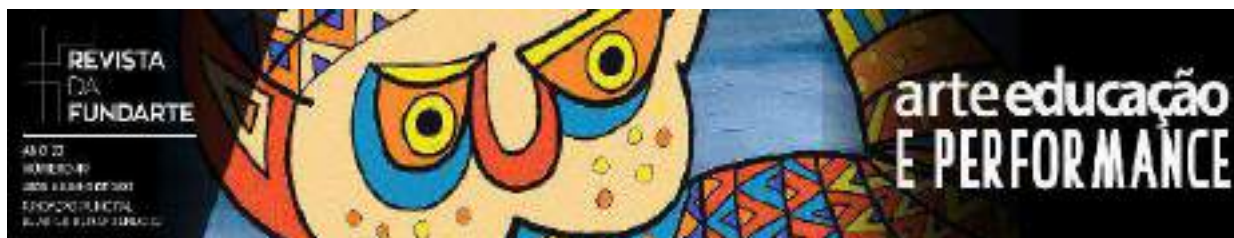
A previsão é que em outubro de 2021, o caderno entre na instituição, seja entregue às mulheres e após retorne a nós para que possamos achar formas de dialogar sobre essa primeira experiência também com elas.

O caderno coaduna a leitura, seja o próprio ato de ler suas instruções e seus convites, tráfegar e/ou mergulhar nos exercícios, seja através dos excertos literários, e a escrita, em um movimento de retroalimentação. Interessante que a proposição se alinha ao que Jorge Larrosa aponta como função das e dos docentes: “O professor [...] é, fundamentalmente, um selecionador de textos (uma espécie de curador) e um inventor de exercício” (2018, p.173).

A proposição objetiva o diálogo artístico e poético com as mulheres que estão privadas de liberdade, tendo como hipótese principal a geração de procedimentos de escuta, nos quais as suas vozes possam ecoar, a partir da pesquisa que iniciei no mestrado sobre dramaturgia da escuta. No momento como ainda não temos acesso as produções instigadas a partir do caderno, julgo pertinente a análise da proposta, seus atravessamentos teóricos, visando o compartilhamento de seu processo de feitura que pode, inclusive, inspirar outras proposições e projetos.

Antonio Candido, em *O direito à literatura*, como já anuncia o título, defende como direito inalienável a fruição da literatura e da arte, nas mais distintas modalidades e níveis. É pertinente pontuar que a visão do autor de literatura é expandida, abarcando “(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura [...]” (CANDIDO, 2011, p.176). A continuidade de nossa atuação na instituição, através do caderno, também caminha ao encontro de assegurar esse direito, tantas vezes escanteado na rotina dentro de uma instituição prisional.

Durante seu percurso argumentativo, Candido aponta que a literatura (e explicito a extensão à arte, apesar de nesses pontos não estar colocada diretamente no texto de Candido) é uma manifestação universal, que “não há povo e não há



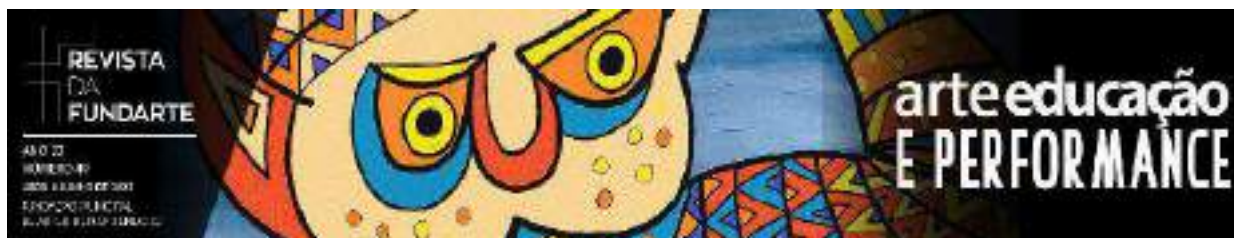
homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 176). Desta forma, o que nos une (ou unirá?), o que nos é comum, no sentido da criação de uma comunidade, é a fabulação? Estamos todas as pessoas ligadas a essa necessidade e força inventiva, que não esgota o mundo em si, mas o expande reiteradamente? E seria ainda mais fundamental para a sobrevivência e resistência nos tempos que estamos vivendo essa possibilidade criativa?

Ester Maria Dreher Heuser (2010) salienta que Candido trata a literatura como sinônimo da necessidade de fabulação. Assim, o caderno de exercícios de escrita criativa pode ser compreendido como um convite a fabulação, uma ação pontual, mas que versa sobre o asseguramento de um direito (de fabular, de sonhar, de imaginar) - dado que, apesar de ser uma necessidade, a organização social brasileira, alicerçada na estratificação, cerceia as possibilidades de fruição artística e literária (CANDIDO, 2011), o que fica explicitado com as mulheres que são aprisionadas.

María Teresa Andruetto (2012), em *Por uma literatura sem adjetivos*, inicia o texto interrogando o sentido da ficção, chegando à questão da necessidade, mesma palavra empregada por Candido (2011), de acessarmos outros mundos, através de uma interrupção de

nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas que *já foram*, que são passado, posto que são narradas. [...] Possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros. (ANDRUETTO, 2012, p. 55, grifo da autora).

A ideia de fabulação faz-se presente no que a autora tece, esta emerge do contato com a alteridade, revelando as relações como imprescindíveis - onde o eu torna-se nós. Ao pensar sobre o trabalho com mulheres encarceradas, ou seja, retiradas do convívio social e com as poucas relações possíveis vigiadas, quadro que se complexificou durante a pandemia, visto que durante um considerável



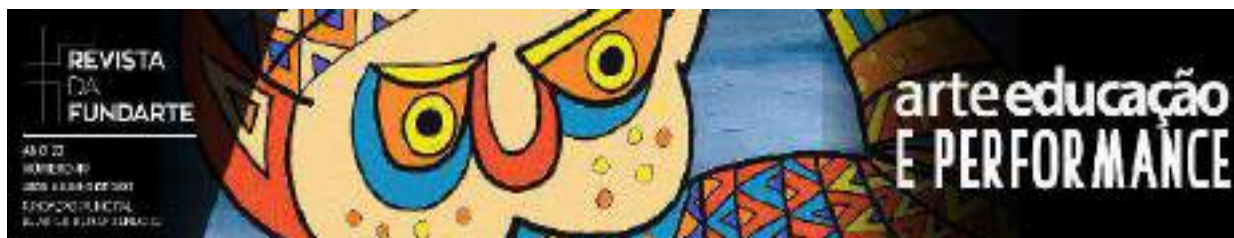
período até as visitas de familiares foram suspensas, como nas ações desenvolvidas criamos essas pontes de contato?

Alinhada a essas questões, uma das escolhas na composição do caderno foi trazer um considerável número de excertos, em relação a extensão do material, de diferentes autoras e autores, como Bertolt Brecht, Grada Kilomba, Rubem Alves, Eduardo Galeano, Clarice Lispector e Gloria Anzaldúa³, para que elas possam entrar em contato com diversas construções de mundo (ANDRUETTO, 2012), fomentando a ampliação, desta forma, de suas visões e compreensões de mundo. Ainda, é importante pontuar que há uma cisão imposta pela geografia do cárcere da relação intrapessoal, sendo fundamental o estímulo a essa conexão nos exercícios - como ir ao encontro do mundo, se o encontro consigo está interrompido? Então, no caderno propomos exercícios de autopercepção, sensibilidade, pequenas práticas de cuidado.

Em todo o processo de movimentação em relação à leitura há uma característica marcante: a pausa. Uma interrupção grávida e grave de possibilidades. A suspensão da realidade elencada tanto por Candido (2011), quanto por Andruetto (2012), pode ser lida no contexto de mulheres privadas de liberdade como uma estratégia de sobrevivência, visto que auxilia o transcurso do tempo naquele espaço, dando passagem a outros contextos, como uma saída imaginativa; de resistência, pois interrompe temporariamente as imposições e processos de desumanização/objetificação, uma vez que o percurso da leitura e da escrita é criativo, desviante, irruptivo; e de luta, por outros imaginários, narrativas, visualidades, autorias.

No contexto em que se encontram as mulheres para as quais o caderno foi pensado, radicaliza-se a necessidade da fabulação, visto que as condições físicas, os acessos são extremamente restritos e controlados. Também, há questões subjetivas, como as imposições narrativas: que histórias são enfatizadas nesse contexto de privação da liberdade, visto que as histórias dessas pessoas acabam

³ Autoras e autores elencados conforme a ordem que aparecem no caderno.



sendo tecidas por outras? Dado o contexto de julgamento, por exemplo, há um esvaziamento das suas singularidades, buscando reduzir aquelas pessoas a uma categoria - a de criminosas. Soma-se a logística da prisão, na qual ao ingressar essas mulheres tem como imposição, dentre tantas outras coisas, um número, que acaba por sobrepor seus nomes dentro da instituição⁴.

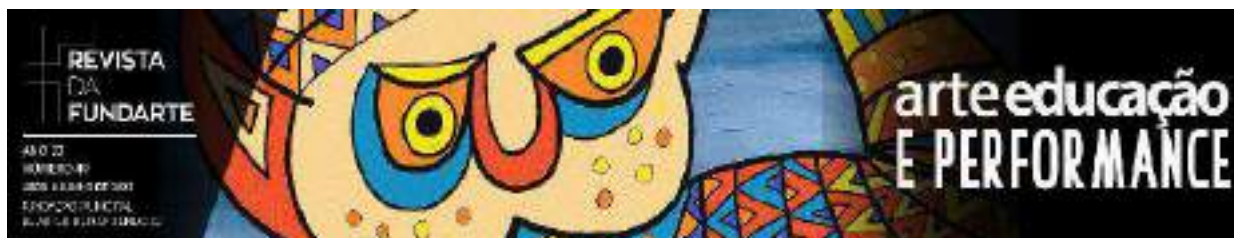
Não acredito na humanização da prisão, visto que compreendo essa ideia reformista como um modo de manutenção do próprio sistema, mas sei da importância de, enquanto caminha-se para outra configuração social, achar modos de fomentar a humanização das pessoas que encontro, bem como a minha nessa relação. A humanização, para Candido (2011), é um processo que a literatura desenvolve, incidindo numa abertura à sociedade e às pessoas, à alteridade. Assim sendo, a proposição do caderno fomenta a humanidade, sobretudo em um campo em que várias forças operam para a desumanização.

As palavras presentes e a serem presentificadas, pelo ato da escrita das mulheres que dialogarem com a proposta, podem ser saídas? A julgar pela fabulação sim, ofertam (abrem?) saídas. Saídas, temporárias e pontuais, do *modus operandi* da prisão, principalmente da submissão a uma relação objetal.

[...] sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p.42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos.” (hooks, 1989, p.42). Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político. (KILOMBA, 2020, p.28).

Ao terem acesso, através do caderno, a excertos de autoras que tomam a escrita como um “ato de tornar-se” (KILOMBA, 2020, p. 28), as narradoras e as escritoras de suas próprias realidades, as autoras e as autoridades de suas próprias

⁴ Durante o mestrado desenvolvi um trabalho junto às mulheres que cumpriam pena no mesmo Presídio em 2019, que culminou no espetáculo *Estendemos nossas memórias ao sol*. Uma das cenas mais fortes, a meu ver, é quando elas tiravam as camisas dos uniformes, nas quais havia o número, e terminavam a cena dizendo que não eram/são um número.



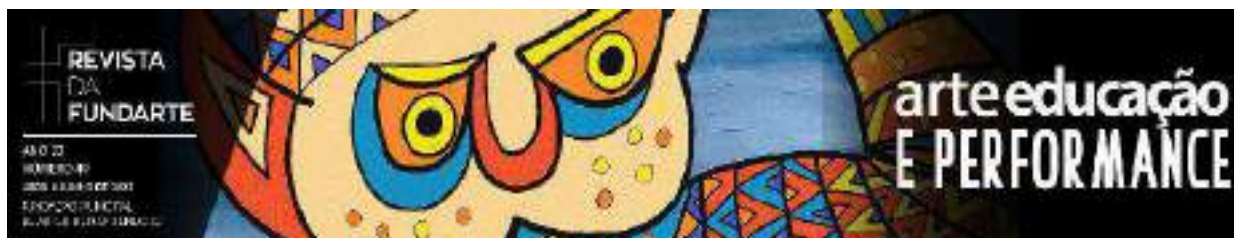
histórias (KILOMBA, 2020), abre-se a possibilidade de fabulação de suas próprias vidas, nas quais estas são convidadas no caderno a ocupar seus espaços, a tornarem-se.

No caderno um dos movimentos é convidá-las a marcarem esses lugares, como sujeitas, na compreensão, cuidado e reinvenção de si, assumindo as narrativas, tendo como substrato a potência desestabilizadora da fabulação, que é uma necessidade universal, mas tem nessa especificidade urgência (para que haja vida).

Os pequenos textos costurados ao longo de todo o caderno são acompanhados sempre de exercícios, não no sentido da interpretação das palavras e sentidos, mas salientando de característica de expansão, de estímulo à criação. Estendo o que Flávio Desgranges (2012, p.19) articula sobre ato de leitura da cena para a literatura, visto que há em ambos a convocação para a produção, ou seja, a criação - “exige uma produção de sentidos que se efetiva necessariamente como ato pessoal e intransferível”.

Esse movimento, de leitura e criação explícita, pode ser colocado ao lado do binômio experiência e sentido (LARROSA, 2016). Na concepção compartilhada, de que a leitura se configura como ato de criação (ou o mais acertado seria: só se efetiva no ato de criação?), esse processo só acontece quando há experiência, mas “[...] as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências [...]” (LARROSA, 2016, p.30). Assim, o movimento proposto no caderno convoca o par experiência/sentido, porque demanda uma elaboração.

Segundo Andruetto (2012, p. 70), “(...) a literatura de um país não é feita só com escritores, mas também com pesquisadores, formadores e críticos e, sobretudo, é feita, com leitores que, dialogando com as obras já escritas, vão construindo uma obra para o futuro”. Alinhada a essa compreensão, o estímulo dessas cápsulas de leitura, presentes ao longo do caderno, que chamam, explicitamente a construção de significados, para a ampliação das possibilidades de leitura de mundo por parte de mulheres encarceradas, incide na construção dessa



“obra para o futuro”, no ato do presente rascunha-se, enuncia-se, anuncia-se o futuro.

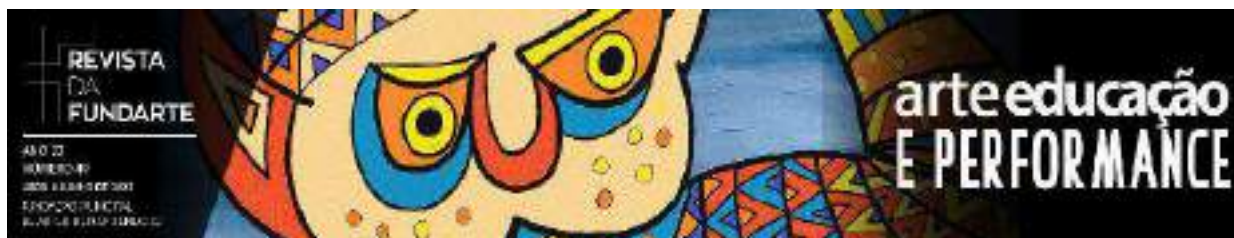
A fabulação e a humanidade fomentadas pelo caderno, a partir dos pressupostos elencados, não se encerram nas mulheres privadas de liberdade. As produções engendradas nele serão de alguma forma tornadas públicas⁵, cuidando e respeitando todas as pessoas envolvidas no processo. Conforme explicita Juliana Borges (2020), o silêncio estrutura o sistema prisional, sendo um dos primeiros passos “romper o silêncio” (BORGES, 2020, p. 12). O compartilhamento do caderno pode ser uma forma de ruptura do silêncio.

Mas não se fala sobre prisões e pessoas que se encontram encarceradas? Nas grandes mídias pululam imagens e narrativas sobre a instituição prisão e pessoas que são atravessadas por ela, em uma roupagem estigmatizante e simplista, corroborando para a justificação do sistema prisional. Estamos falando de um campo de batalha simbólico em torno das representações, como aponta João Freire Filho (2004), no qual transitam “variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para ‘falar por’ ou ‘falar sobre’ categorias ou grupos sociais” (2004, p.45).

Vicente Concilio tem, em suas últimas falas públicas e produções sobre o trabalho desenvolvido, apontado uma relação com o conceito imagens de controle. As imagens de controle

São a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são construídos para que permaneçam no poder. (BUENO, 2019, p. 69).

⁵ Ainda não sei como isso se dará, mas trabalharei com as produções a partir da ideia de dramaturgia da escuta, possivelmente desembocando em um texto dramático que reunirá essas diferentes vozes e existências. Na composição do caderno há explicitada a possibilidade de utilização do material, assim como a autorização para tanto a ser ou não preenchida, conforme escolha de cada uma das mulheres.



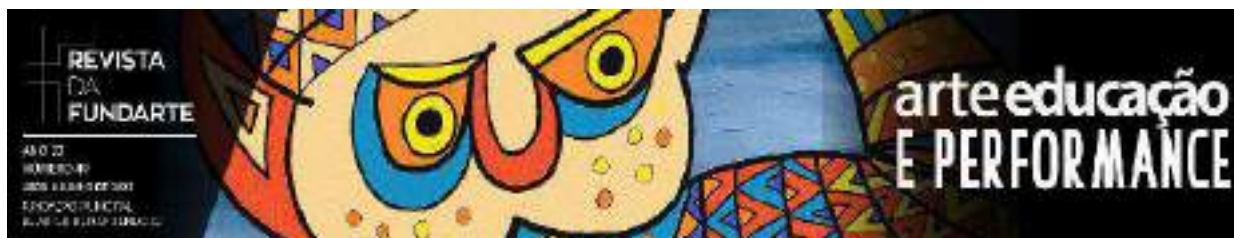
Esse conceito, segundo Concilio, pode dialogar com as imagens constituídas em torno de pessoas que são encarceradas, visto que revelam a dimensão ideológica do racismo, do sexismo, do classicismo e, ainda, agenciam o modo de perpetuação do sistema através da instituição prisão. Desta forma, julgamos necessário tensionar e resistir às imagens de controle, sendo o terreno das artes um espaço fortuito para o fomento à autodefinição de pessoas que, na maioria dos casos, são destituídas até mesmo da narrativa de suas vidas. Um dos mecanismos de resistência às imagens de controle é justamente a autodefinição (BUENO, 2019), incentivada no caderno.

Ao elucubrar sobre as potencialidades dos escritos a partir do caderno, vislumbro questionamentos cheios de força para romper com a relação objetual, quebrar com as imagens de controle, sendo as palavras as saídas do imaginário imposto. Como compartilha Andruetto

A escrita é sempre um questionamento, porque a imagem que aparece sempre como um problema, uma necessidade de olhar mais a fundo no personagem ou na situação, olha por debaixo de seu preconceito que, na maioria das vezes, é também o nosso preconceito, para tentar enxergar o que há além. Trata-se de duvidar, de romper com o que se veio pensando, para conhecer num sentido profundo. (ANDRUETTO, 2012, p. 68).

Saída dos estigmas, preconceitos, imagens e narrativas impostas que se dá pela reivindicação da palavra, da autoria de suas vidas e histórias pelas mulheres que se encontram encarceradas. Não a partir da prescrição, mas da criação própria da literatura (e digo da arte), enquanto “território da dúvida” (ANDRUETTO, 2012, p. 68).

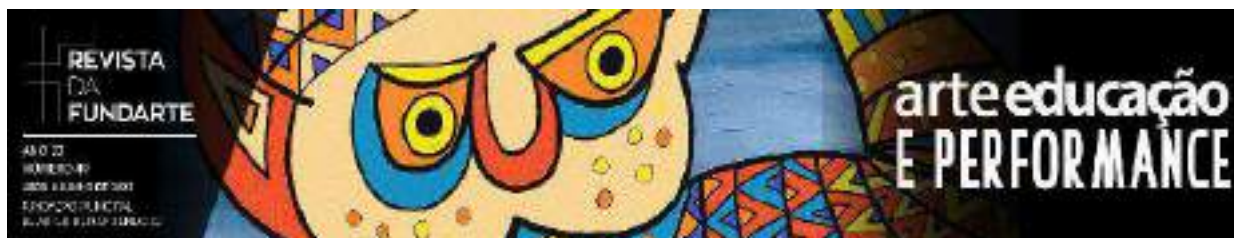
Esse movimento caminha ao encontro da ação necessária que é romper com o silêncio, e, ao buscar essa ruptura a escuta/a leitura é fundamental para que não caiamos primeiramente em “falar sobre”, “falar de”, ou pior, “falar por”, e, ainda, compreender qual o contexto e responsabilização de nossa fala (em diálogo com as demais), de nossa existência. O exercício de alteridade e consequente humanidade irrompe - que se infiltre nas densas paredes, que vão ainda ruir!



Lembremos, contudo, que para que possamos acessar os sentidos prementes e as potencialidades profundas que podem raiar a partir dos escritos, precisamos criar condições de experiência, de suspensões e aberturas. Em consonância, compartilho um escrito desenvolvido no percurso da disciplina *Seminário Temático I: A experiência artística e a prática do ensino de artes na escola (abordagens metodológicas)*, ministrada pela profa. Dra. Heloise Vidor, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UDESC, da qual algumas das inquietações aqui reunidas foram germinadas, que versa sobre as experiências:

Reivindico as experiências, aquilo que não tem forma, aquilo que não conforma, aquilo que não é um aquilo, que não é aqueles, que não é daquele... aqui, um respiro, ainda respiro, em específico no campo no qual atuo, a prática artística-pedagógica, porque acredito que é a partir delas, as experiências, que poderemos nos salvar da medíocre forma de estar no mundo, ensimesmadas, apartadas, ilhadas em nós mesmas, em estado de sob vivência: localizadas no subsolo da vida, *voyeur* e sanguessuga... *voyeur* e sanguessuga Ainda respiro? E nós? Pinga, pinga, pinga, pinga, infiltra. Para ruir. Minha reivindicação se faz na busca de outres que também a reivindicam: porque somente através de um nós que, acredito, ela possa florescer, atravessar, rasgar, infiltrar, amanhecer, tecer... É no encontro, o radical encontro, com mulheres privadas de liberdade que fomento que possamos abrir frestas no concreto denso, material e imaterial, que sufoca possibilidades de vida. Experiências de suspensão? Nossos corpos contra a supressão. Experiências de poder dizer não? Que os corpos possam ser, e não apenas um senão na maquinaria capitalista prisão. Experiências de saída? De estar viva? Me coloco a mais aberta que posso à escuta, e busco que ensaiemos uma língua nossa, o encontro boca, pouco, outra, ouça, ouça, ouça, se dizer não oca, para dizer as suas próprias palavras, para quebrar as palavras mordidas, dizer para acabar com os nós, dizer para tecer um nós, que rascunhemos movimentos de experiência, existência e resistência.

A criação de uma proposta que funcione mesmo sem a nossa presencialidade também dialoga com a necessidade de garantir a continuidade do projeto após a



pandemia. Sabemos que um dos desafios do teatro dentro da prisão é sua entrada, mas ainda mais sua permanência (CONCILIO, 2008). Então, as palavras são resistência também nesse sentido.

Sobre resistência, também, faz-se importante explicitar novamente que nossa prática se dá através da relação entre universidade e cárcere. As universidades públicas brasileiras têm atuado dentro do ambiente prisional, como é o nosso caso, com o desenvolvimento de pesquisas diversas que lançam um olhar crítico à instituição, assim como através de plurais e frutíferas ações de extensão que fissuram os ditames do sistema punitivista.

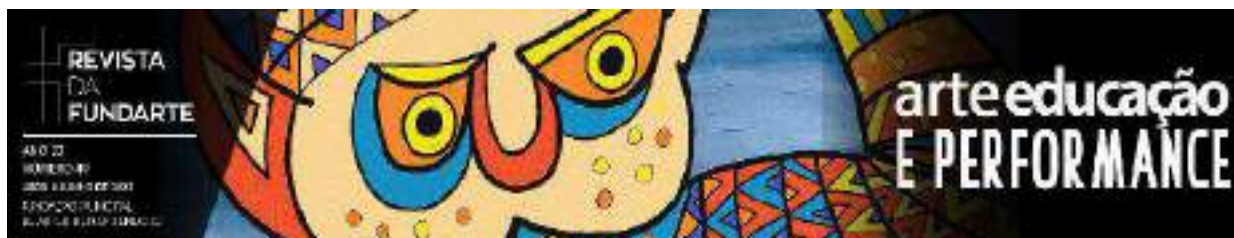
Nosso trabalho estava rumando em 2020 para a continuidade e tivemos essa interrupção, justamente em um momento que estávamos avançando metodologicamente, investigando modos de incluir as mulheres também na análise das pesquisas desenvolvidas. O caderno, ansiamos, possa ser um procedimento que auxiliará nesta relação e mesmo alimentar as futuras práticas artístico-pedagógicas que vão acontecer presencialmente.

Como aponta a estudiosa Angela Davis, “o desafio mais difícil e urgente hoje é explorar de maneira criativa novos terrenos para a justiça nos quais a prisão não seja mais nossa principal âncora” (2018, p. 22). É interessante, nesse sentido, pontuar também que temos intensificado a seguinte reflexão: o trabalho que fazemos deve ser mais um braço para discutirmos a prisão, o punitivismo e nos contrapormos a ele, justamente através da abertura de novos sentidos, outras possibilidades de relação e, decorrente, outros mundos. E, por meio do caderno, quem diretamente está esgarçando novos sentidos são as pessoas atravessadas pelo cárcere que resistem à sua aniquilação.

Podemos enunciar/anunciar outros mundos?

Referências:

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.



BORGES, Juliana. *Prisões: espelhos de nós*. São Paulo: Todavia, 2020.

BUENO, Winnie de Campos. *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, p. 169, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20à%20Literatura.pdf. Acesso em: 01 de julho de 2021.

CONCILIO, Vicente. *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística*. São Paulo, Hucitec, 2008.

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?*. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DESGRANGES, Flávio. *A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec, 2012.

FILHO, João Freire. Mídia, esteriótipo e representação das minorias. *Revista ECO-Pós*, v.7, n.2, p.1-27, 2009.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Fábula da existência seguida de Notas sobre Fabulação. In: *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura* - Sandra Mara Corazza (org). Porto Alegre: Sulina, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge; RECHIA Karen. *P de Professor*. São Carlos: Pedro João Editores, 2018.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIDOR, Heloise. Sobre alguma rede a tramar...entre teatro, escolas e universidade. In. *Pedagogias do Desterro – Práticas de pesquisa em Artes Cênicas*. São Paulo: Hucitec / FAPESC, 2020.

Vicente Concilio
Universidade do Estado de Santa Catarina

March 8, 2025

RE: *Escaping Into Words: A Creative Writing Workbook*

Dear Dr. Concilio,

The University of Michigan would like to invite you to participate in offering several weeks of creative writing workshops in Michigan prisons during the month of July 2025. We hope that you and your collaborator Dr. Caroline Vetori, who wrote the book *Das saídas que moram nas palavras* with you, will be able to travel to Michigan to celebrate the book's publication in English as *Escaping Into Words: A Creative Writing Workbook*, translated by Ashley Lucas and published by University of Michigan Publishing Services. We are printing 1,500 copies of the book to be distributed for free in Michigan prisons through the Prison Creative Arts Project, and we would like for you and Dr. Vetori to join me in offering a series of creative writing workshops in which we would use exercises from the book and distribute copies of the book to incarcerated writers.

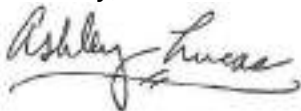
We plan to offer workshops at the following prisons in July 2025, though the exact dates might be subject to change:

- July 12: Baraga Correctional Facility
- July 13: Marquette Correctional Facility
- July 14: Alger Correctional Facility
- July 15: Oaks Correctional Facility
- July 16: Muskegeon Correctional Facility
- July 17: Brooks Correctional Facility
- July 18: St. Louis Correctional Facility
- July 19: Brooks Correctional Facility
- July 20: Carson City Correctional Facility
- July 21: Ionia Correctional Facility
- July 22: Handlon Correctional Facility
- July 23: Bellamy Creek Correctional Facility
- July 24: Woodland Center Correctional Facility
- July 29: Lakeland Correctional Facility

As we may not be able to schedule all the prison workshops as efficiently as outlined above, we hope that you could leave Brazil to come to Michigan on July 10 and return to Brazil on July 31, 2025. This would give us a sufficient window of time to get to all the prisons listed above, give out copies of the book, and hold writing workshops for the people inside.

We hope that you can join us in July to continue the collaborations that we have been engaging in as an international research team since 2015.

Sincerely,



Dr. Ashley Lucas
Professor of Theatre & Drama, Residential College, English, and Art & Design
Former Director of the Prison Creative Arts Project
Former Director of the Latina/o Studies Program

English Translation of *Das saídas que moram nas palavras: Caderno de atividades*
Working title: *Escaping Into Words: A Creative Writing Workbook*

PAGE 1

Hello! How are you?

Since 2017, our group of faculty and students from the state university of Santa Catarina (UDESC) in Southern Brazil has been offering theatre workshops inside the women's prison in the city of Florianópolis. In Portuguese our group is called *Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*, which in English would be something like *Theatre and Prison: Practices of Performing Arts Infiltration in Detention Spaces*. Our activities were suspended in 2020 at the start of the Covid-19 pandemic when volunteers were no longer allowed into the prison.

We developed this workbook as a way to stay connected to the women in the prison and to each other. We took inspiration from a project called Women with Possibilities (*Mulheres Possíveis*). We hope that this workbook can give us all a chance to breathe in these times, possibilities for self-perception and self-care, a space for expression, creation, and art making.

Our friends in the United States at the Prison Creative Arts Project (PCAP) at the University of Michigan asked our permission to translate this book into English and share it with people there. We are very glad that this book can now reach people in another nation and another language.

We would love to create with you in person, but when we cannot be together, we can still share these pages, words, images, and emotions.

May our words reach you like a hug, wrapped up in warmth!

write here the name you'd like to use
(it doesn't have to be your real name)

PAGE 2

Conceived, organized, and written by
Professor Vicente Concilio (UDESC)
Professor Caroline Vetori (UDESC)

Edited by
Professor Anelise Zimmermann (UDESC)
Professor Sara Copetti Klohn (UFRGS)

Graphic design by
Professor Anelise Zimmermann (UDESC)
Professor Sara Copetti Klohn (UFRGS)

Clara Sohn (UDESC)
Fernanda Gonçalves (UDESC)

English translation by
Professor Ashley Lucas (University of Michigan)

Contact information for *Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*
teatroeprisao@gmail.com

Contact information for the Prison Creative Arts Project
pcapinfo@umich.edu

Acknowledgements

This workbook is indebted to the university community engagement programs *Programas de Extensão Pedagogia de Teatro e Processos de Criação* and *Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica* at the Centro das Artes at the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). It was printed in Brazil with resources from *Editais PAEX-PROCEU/UDESC* in 2020 and 2021, and the original edition in Portuguese was distributed in Brazil for free to people and organizations in the state of Santa Catarina.

The English edition was supported by the Public Engagement Faculty Fellows program at the University of Michigan, the UM Brazil Initiative, and Michigan Publishing Services. This edition was printed in Michigan and distributed for free in prisons throughout the state.

PAGE 3

Call for Writing by Incarcerated Writers in Michigan

The *Michigan Review of Prisoner Creative Writing* showcases the talent and diversity of writers who are currently incarcerated in Michigan. This annual review serves as one facet of the University of Michigan's Prison Creative Arts Project, which brings those impacted by the justice system together with the University of Michigan community for artistic collaboration, mutual learning, and growth. As PCAP's literary review, it features short stories, poems, essays, and maybe even short plays from both beginning and experienced writers. It offers writing that comes from the heart and is unique, well-crafted, and lively. We can only accept submissions from people currently incarcerated in the state of Michigan.

The *Michigan Review of Prisoner Creative Writing* is accepting submissions of poetry, fictions, plays, and short essays year-round. We tend to do most of the reading during the school year, and acceptance/ rejection letters go out at the end of the semesters (so if you send something during the summer, you may not hear back about it until December). Please do not send novel- or novella-length works or other whole books, as we cannot publish them. Please accompany your submission with a note that includes any pen names you want us to use, your MDOC or BOP ID number, and your current address. The place to send them is:

Attn: John F. Buckley

Prison Creative Arts Project
East Quad/Residential College
701 E. University Ave.
Ann Arbor, MI 48109-1245

PAGE 4

Guidelines

1. There is no right or ~~wrong~~ wrong.

Play with the words. You can express yourself any way that you want. You can write or draw. This workbook is yours!

2. Reading is also an act of creation.

The way in which you understand an activity is the way it should be done. The exercises in this book can be recreated in whatever way you read them, which is personal. That is to say, no one can do this for you.

3. Make adaptations.

Transform these exercises as you see fit in the moment. For example, if you wanted to write in purple but don't have that color ink, you could write a note in the margin, saying: "I would have liked to write this in purple."

4. Try to get in touch with yourself and with others.

These words, these games can be precious keys. They can open heavy and difficult doors. They can transport us to other places.

PAGE 5

5. Take your time.

Don't rush to finish the activities or the workbook.
After each exercise, think about it. Notice how it moved you,
what it did to you physically, sensorially, emotionally.
If you can, share it with a partner. Talk about
your feelings and listen to theirs.

6. Use the workbook like a diary of experiments, creations, and things you have learned.

Please include the date of each activity. It can be nice to know when you wrote something and track your progress over time.

7. You don't need to do the activities in order.

Do the activities in the order that you find most interesting.

For the text that's inside the arrow:

Let's go!

We'll see you on the next page.

PAGE 6

Planting Words

tomorrow is at the corner of time,
we will meet there soon
and come across a new path,
fresh starts,
new encounters,
that demand days of growth,
ancient calendars that open the leaves of the morning,
in the word hope there is waiting
let us wait and dance our dances

A blank page is a universe
of possibilities to be created.

Here, symbolically, we
invite you to create a new day.

Plant words that can be seeds!
Plant words—feelings—desires in this fertile ground.

On the pot with the plant in it:

love

At the bottom left corner:

put the date here!

PAGE 7

No words

PAGE 8

A Letter for the Future

What would you like to say?

What are your **plans**, your **desires**,
your **dreams**? What **advice** would you give your future self?

Don't stop to think.
Let your thoughts turn
into **words** and/or **desires**
on the paper without judgement. . . Let it flow.

Write a letter to:

your future self

Dear self,

PAGE 9

We Have Many Versions of Ourselves

When we introduce ourselves, we usually start with the phrase, "**I am...**"

It seems like a something definitive, but in reality we have **many versions of ourselves**, don't we?

Knowing how different we are at each moment can help us free ourselves from what people think of us because we know our existence can't be summed up in just being one thing...

Knowing this is what makes us **unique**...

This exercise was inspired by an activity book in Portuguese called *Mulheres possíveis* (*Possible Women*).

With this in mind, tell us:
Who are you?

In the white box:

Write small

Write slowly

Write fast

WRITE BIG

PAGE 10

I Am, I Am Not

Complete the sentences with words or drawings:

I am

I am not

Everyone knows that

No one knows that

I want

I don't want

I play

I sing

If I were a book, I would be

If I were a color, I would be

PAGE 11

In the red area:

If I were a color, I would be red.

I have

I know

I dream

I support

If I were

If I flew

If I

If I were an object, I would be

If I was a character, I would be

PAGE 12

If I Could. . .

In the theatre, we often use
the magic “**if**”:

If I was another person?

If I could do anything?

The magic “**if**” helps us to fly into the universe
of imagination, and it can be your best friend.

It helps us to imagine other situations
and to travel the world.

What **if** we met face-to-face

to get to know each other?

How would you introduce yourself?
What would you say about yourself?

And what would you ask?
What would you like to know?

Tell this story by writing about it.

PAGE 13

Hello, my name is

PAGE 14

Inside the purple box:

If I Found . . .

Now, let's change the characters
and the location of this meeting a little.

Imagine **if** the person in front of you
was a very famous person
who wanted to interview you.

Who is this person interviewing you?

What is the purpose, context or location of the interview?

What questions does this famous person ask?

And how do you respond?

On the yellow part of the page:

Here, we begin to play
more with reality (you) and fiction
(the famous person and the location of the interview).

You can respond with partial truths
and also your own inventions. Play with fantasy.

Hello, we are here with. . .

PAGE 15

No words

PAGE 16

Questions

Now, ask a friend
what they think would be interesting to ask
when **they meet someone for the first time**.

In the white box:

If possible, ask
other people and write down
what they say.

On the yellow part of the page:

Write their suggestions here:

How was your day?

Now you have some different questions
in your workbook, right?

Try responding to these same
questions in your workbook.

PAGE 17

What No One Ever Asked Me Before

What would you like to tell that **no one ever asked you about before**?

Write the questions and your responses.

PAGE 18

Draw Yourself

Try to make a **self-portrait**. Have you ever drawn yourself? Try it here.

PAGE 19

If I Were an Object

Think of an object that describes **you**.

Draw the object.

Now, write about this object,
as if you were this object.

In the white box:

Example: I am a pencil.

Once there was a pencil,
a pencil that could write in all
the colors because it was. . .

PAGE 20

If I Were Water

*The river that sweeps everything away
is said to be violent.
But no one says that
the banks that channel it are violent.*

Bertolt Brecht

Imagine that the **trajectory of your life**
until now was made of water.

Draw your path,
thinking of the words:

Where is this water running to?

Was this water a river? A waterfall?
The sea? The rain?

Did this water run into dams?
Did it make rapids?

PAGE 21

If I Were Rain

If we imagine that we are **drops of water**, we can pretend that other people are, too, and **when these drops meet**, they become rain, rivers, the sea, lakes, waterfalls, and rapids.

Discuss your life journey as a raindrop with some friends.

Write or draw these adventures.

In the white box:

What do you have in common?

What is different about each of you?

In what rivers did you meet?

PAGE 22

I Become

(...) why do I write?
I write, almost as if I were obliged
To find myself
While I write
I am not the Other
But the voice itself
Not the object
But the subject.
I become the one who describes
And not the one who is described
I become the author,
And the authority
In my own story
I become the absolute opposition
To what the colonial project predetermined
I return to myself
I become.

Excerpt from the text *Enquanto eu escrevo*, translated by Anne Quiangala, by the black Portuguese artist and theorist Grada Kilomba.

Inspired by the poem, try to write about yourself as the **protagonist**, that is, as the author

of your own life. Only you know
the best way to tell **your story**.

PAGE 23

We invite you to begin writing your story
with “I become. . .”

I become

PAGE 24

My Fears

Imagine that you are filling balloons
with **your fears**.

Write your fears inside the balloons.

You can also draw **more ballons** on the page.

Now, pop the balloons.

Inside the balloon:

snake

PAGE 25

How Are You?

Sometimes, we say, “I’m fine!” without
really being fine. It’s an automatic response.

Observe how you’re feeling. If you want to and if you can,
close your eyes and explore your feelings.

Observe your breathing. You don’t need to breathe
differently. Just pay attention. **How is it?**

Now, observe **your body**, all of it.

And how is **your mind**?

Words on the right side of the page, after the arrows:

Fast?
Slow?

Tense?
Relaxed?

Silent?
Noisy?

Write here how you are feeling in
your breathing, your body, and your mind.

My breathing is

PAGE 26

Feelings in Jars

Put your feelings in these jars.

These feelings can spice up your writing
or warm you up in the winter!

Inspired by the book *Uma página de cada vez (A Page Each Time)*.

PAGE 27

Treasure Chest of Feelings

Imagine a moment of great joy
and let this sensation flood through your whole body.

Guard this feeling in your treasure chest.
Only you have the key to open it!

This key is yours!

PAGE 28

Words of Affection

Think of a **sentence** that has a
feeling of hope, love, and protection.

Write this sentence.

Now say this sentence to 3 different people, without explaining anything.

Observe the power of your words, how they can make someone's day better.

Repeat this exercise whenever you feel like it. Also, you don't need to have this workbook in your hands to do it.

Exercise inspired by *Livro de actividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities)*.

PAGE 29

Make a List Here of What Makes You Happy

It can be colors, animals, food, whatever makes you feel good.

1. Affection
- 2.
- 3.
- 4.

PAGE 30

Our Feet

The feet are the surface on which **our body's weight** rests. Their shape is quite clever so that we can walk, dance, run and balance ourselves. They deserve **special attention**, care, and pampering.

Let's move and feel our feet!

1. Sit in a position where you can comfortably **hold one of your feet**. You can also ask a partner to help you. First, do the entire exercise on **just one foot**.
2. **Stretch**, as if you have just woken up.
3. **Touch your foot** and feel the contact of your hands with the skin. Feel the textures, the softer parts, the thicker parts. Observe your foot to recognize all of it by touch.
4. **Massage the entire foot** as if you were kneading bread, with your entire hand.

5. Deepen the touch and **try to feel your bones**. Did you know that we have 26 bones in each foot? Take the opportunity to try to feel the shape of your bones.
6. Place your **fingers between your toes**, like a kind of hug between these parts of the body, creating space between your toes.
7. To finish, stand up, close your eyes and **feel the difference between your feet**, the one that has received a massage and the one that has not yet received one.
8. Now, let's go back to the first step to take care of the **other foot**.

Exercise inspired by *Livro de actividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities)*.

PAGE 31

No words

PAGE 32

Where These Feet Have Already Walked

Where have your feet already **walked**?

What **places** have they been?

On the grass, the dirt, the sand,
on the trunks of trees,
on a cold floor, on a hot sidewalk,
on the moon, on the stars, on the sun?

Write or draw some of these places,
whether they are real or imaginary.

My feet have already

PAGE 33

If These Feet Could Talk

From the perspective of the feet, we are going to play with writing.

If your feet could **talk**, what would they say?

Where have they **walked**? Where do they want to go?

When did their steps **fail** them?

When were they on the **tips of their toes**?

When did they **plant** themselves and take **root**?

Write as if your feet were
the authors of a story.

One time

PAGE 34

Space

Observe your surroundings. **Choose a point** in your environment, such as an object, for example, and walk towards it. When you reach it, choose another one, and walk towards it.

Stay **close** and try to notice the details.

Stay **far away** and notice how your point of view changes your perception.

Let your gaze be **guided by the space**, like someone trying to recognize it. You can play with the levels: bend down, stand on tiptoe...

Now, imagine that you want to **describe** this place to someone who cannot see the place where you are...

Describe or draw this space.

PAGE 35

Changes

Imagine you are a **place**.

What is it like?

What is it **needing**? A cleaning?
A shape? Reorganizing?

How would it be to **open** the windows?

Is today a beautiful day to **plant** new flowers
in this space?

What do you think about painting it? In what colors?

Describe or draw this space
and what changes you would like to make to it.

PAGE 36

The Magnifying Glass and the Telescope

The magnifying glass helps us see details in a **larger** size.

Inside the magnifying glass:

find something that is small and close that you want to magnify

Inside the telescope:

look at something that is very large and far away to focus on

On the blue part of the page at the bottom:

The telescope helps us to see distant things in **focus**.

PAGE 37

Looking at Questions

When do I look at myself?

When do I look?

When am I looked at?

When do eyes touch?

When is a look a hug?

When do I communicate with a look?

When do I linger looking?

When do I look down?

What other questions can we ask
in this style?

Write more questions.

When do my eyes

PAGE 38

The Touch of the Look

To look.

Is an action.

It is also a thing, the look.

The look of someone who looks at us.

The look of someone we observe while seeing something or someone else.

It is an organ of F E E L I N G.

Seeing, hearing, touching, smelling and tasting.

Is it possible to touch someone with a look?

Exercise inspired by *Livro de actividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities)*.

Write or draw how you could touch someone with a look.

We can touch

PAGE 39

To See with the Ears

Close your eyes and try to **sharpen** your listening.

What do you hear?

Is it possible **to see** with your ears?

What if space were described **through sounds**?

If you could hear beyond **the walls that surround you**, what would you hear?

Which sounds are **closest** to you?

Which sounds are **farthest away**? Are there repetitive sounds?
Are there human sounds?

Now describe the space where you are using the sounds that fill it.

PAGE 40

Whispering Words

In our ears, we can...
... whisper words **softly**...
... shout words **loudly**...
... sing words **with melody**...
... declare words of **love**...

Add words to the drawings,
trying to convey different feelings.

In the drawing at the bottom:

kindness

PAGE 41

Breathing Out

Inhale deeply through your nose. Exhale through your mouth,
letting out a soft AAAAAHHHHH sound.

Once more.

Now, inhale while raising your shoulders, and when you exhale,
let your shoulders relax.

Once more.

Let out a louder AAAAAHHHHH. You can open your mouth wider
to do the exercise.

Imagine that when you exhale with this AAAAAHHHHH, you are throwing
everything you no longer want
out of your body.

Complete the drawing with everything you want to blow away from you.

stress

PAGE 42

Who Knows How to Listen?

I always see courses advertised on
public speaking. I've never seen an ad
for a course on listening. Everyone wants to learn

how to speak. No one wants to learn how to listen.
I thought about offering a course on listening.
But I don't think anyone would sign up.

Excerpt from the text *Escutatória*, by writer Rubem Alves

The author of the text jokes about how hard it is to listen.
Why is that?

When do I **listen**?

Besides using my **ears**, how do I listen?

When do I **not** listen?

What do I **not** listen to?

When do others listen to **me**?

When do they **not** listen to **me**?

What do they **not** listen to?

Listen to yourself and use the
questions above to write something.

You can let the words come out without thinking too much,
expressing them in lines or single words,
in an abstract and disorganized way.

PAGE 43

Leave this page exactly as it is.

PAGE 44

Backbone

This line of small bones that runs along our back is full of nerves,
through which the spinal cord passes, and has tiny
sacs of lubricating fluid between each of the vertebrae.
Our spine is fully articulated, we can move it in many
ways. It curls, extends, twists.

*I did not fully translate the section above about choosing one term rather than another to describe the backbone, spine, or spinal column because in English all these terms refer to a rigid and straight structure.

Have you ever had problems with pain,
a stiff neck, or soreness in your spine?
Let's be kind to our spines for a moment.

You can do this step by step on your own, or you can guide a friend.

1. To begin, touch the **ends of the spine**. It starts near the head. Carefully use your fingers to find where the first vertebra fits into the skull.
2. Then go to the other end and find **the coccyx**, which is the end of your tailbone.
3. Lie down on your bed or on a hard surface. **Relax completely**. Surrender to the earth, without fear, without holding on to anything. Just breathe, releasing your weight more and more towards the floor, and **feel your entire spine**, from your neck to your coccyx.

PAGE 45

4. **Go from lying down to sitting up**, without stopping to feel your spine. When you are sitting all the way up, stabilize your weight firmly on your pelvis (hips). Try to stay **as straight as possible**, feeling the top of your head moving towards the sky. **Observe how your body feels**.
5. **Pay attention to the way your feet feel**, push the floor with them.
6. **Stand up**. Feel your spine aligned in this position and start moving, exploring all the movements that your spine can do. Drop your head and let your spine arch, turn back, try looking up, letting it stretch out completely. Look back, from one side to the other and feel the twists. Imagine that your spine is a snake, moving in various directions. Be free and experiment with joy and humor.

Exercise inspired by *Livro de actividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities)*.

Describe what sensations
you felt during this activity.

Write or draw.

PAGE 46

Hands as Paintbrushes

Imagine that your hands are paintbrushes and that you are going to paint the space around you with vertical, horizontal, circular, spiral movements... Imagine or sing a song, alone or with a partner, and dance "painting the space" while moving to the rhythm of the song!

Exercise inspired by *Livro de actividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities)*.

Dance.

dance s l o w l y

dance with your eyes closed

dance quickly

dance in as weird a way as you can

dance on tiptoes

PAGE 47

Making Faces

Let's move our faces.

Make as many different faces as you can.

Different expressions.

Smile.

Make big kisses.

Make baby kisses.

Imitate the sound of a fan, leaving your lips very loose: prprpr! vrvrrrrr!

PAGE 48

What Marks Us

Everything has, we all have, a face
and marks. The dog and the snake
and the seagulls and you and me, those who
live and those who have lived and all who
walk, crawl or fly: we all have a face and marks.

The Mayans believe this.

And they believe that the marks,
invisible, are more face than the visible face. They know you by your mark.

Eduardo Galeano

What are your visible and invisible marks?
Write based on this question/reflection.

PAGE 49

Words Can Heal

I write as if to save
someone's life,
probably my own.
Clarice Lispector

Word on the side in red letters:

L O
V E

Write in response to these questions.

You can use single words, phrases, or verses.

If words heal. . .

In the white box:

Inspired by this line by the author, imagine:

If words were medicine,
what would they cure?

If words were capable
of mending wounds, what would they be?

If words could fix someone's
life, what would they say?

PAGE 50

Exploring the Head and Face

With your hands open, touch your face.

Explore the touch on your entire head,
noticing the shapes and textures.

With your hands open, as if you were messing up your hair, **massage your scalp**, trying to relax through touch. You can do it to yourself or invite a partner to do it.

Still touching the scalp, gently move your fingertips.

On your face, use your fingertips to feel different textures, identifying the physical shapes, the sizes, the temperature, everywhere you can feel.

Notice particular shapes or sizes of parts of your face, go back to one of them.

Why did that part catch your attention?
Any memories? Does it feel good to touch?

Look for ways to move that part, as if you were molding clay. Notice if there has been any change. Is it more relaxed? Do you feel different?

Investigate the movements that cause you to relax. Massage your face, being kind to it, letting touch transform it.

PAGE 51

No words

PAGE 52

Words in Boxes

Magda Lemonnier cuts out words
from newspapers, words of all sizes,
and keeps them in boxes.

In a red box she keeps the angry words.

In a green box, the loving words.

In a blue box, the neutral words.

In a yellow box, the sad words.

And in a transparent box she keeps
the words that have magic.

Sometimes she opens and turns the

boxes over on the table, so that the words mix up in whatever way they want. Then the words tell Magda what happened and announce what will happen.
Eduardo Galeano

You can also put your words in boxes.

PAGE 53

Neutral words

Loving words

Sad words

Angry words

Words that have magic
abracadabra

PAGE 54

Meeting

Think of a **character**.

It could be an invented character, for example, a character from a soap opera you watch or a book you have read. But they could also be real, like a person you know.

Ask a friend to think of a **place**, real or imaginary.

Now, imagine that you **meet** this character in this place.

Write a scene with this character in this place.

—How nice to meet you here!

In the white box:

Write the name of the character here

Write the name of the place here

PAGE 55

Somewhere

Ask a friend to name five different places.

It can be anywhere in the world or an imaginary place. Now, ask them to name five actions (e.g. eating, walking).

List the places:

beach

List the actions:

tanning

Match each place to an action without repeating them.

Once you have five pairs, write a short story about each of them.

PAGE 56

Word by Word, We Write Poetry

Ask someone to tell you five random words. Write these words down.

Ask someone else to tell you five more words. List them here.

Find one more person and ask them for five more words. Write them here.

Look at these fifteen words and invent ways to put them together. They can be short sentences or poetry. Don't think much about it. Just write fluidly, without judgment.

PAGE 57

Improvising: Who? Where? What?

In the theatre we improvise by asking WHO? WHERE? And WHAT?

For example: SOMEBODY and SOMEBODY ELSE (who) meet in PLACE (where) and SOMETHING HAPPENS (what).

Decide who the people are in your story, where it takes place, and what happens.

Write the story that comes out of these choices.

Once upon a time. . .

PAGE 58

A Story in 7 Steps

Now we're going to play with writing a story in **seven steps**.

Use these seven items to write a story, filling in the gaps.

In the white box:

The story can be real or invented, or it can be real and invented at the same time.

Back on the yellow part of the page:

The steps are:

- | | |
|-----------------------------|------------------------------|
| 1. There was a time | 2. And everyday |
| 3. Until one day | 4. And then, because of this |
| 5. And also because of this | 6. Until finally |
| | 7. It was like this |

PAGE 59

Life Histories

Ask someone to tell you a **story** that they lived through. Pay close attention.

On the purple book:

My Stories
written by

On the yellow part of the page:

Then rewrite this story.
You can mix in your own narrative.

You can change the characters, the places,
the dates, and even what is real or fictional.

Step 1: Try to write as if you were telling the story
to someone.

Step 2: Try to write as if you were the protagonist
in the story, as if the story were your own.

PAGE 60

Memories

Now think about a story of **your own**.

A **memory** is an act of creation in the present.

In the present we give **significance** to the past, enabling ourselves to **construct** other narratives apart from those that **happened to us**.

Use your memories to write a text for the present moment.

New meanings and motivations may emerge out of what has already happened.

I remember. . .

PAGE 61

Time Machine

If you had a time machine, **where** would you want to go? It could be a moment or a place.

Write about this.

I would go to . . .

PAGE 62

Why Do I Write?

Why am I driven to write? Because I have no choice. Because I must keep the spirit of my revolt alive, and myself, too. Because the world I create in writing makes up for what the real world does not give me. In writing, I bring order to the world, I give it a handle so I can hold it. I write because life does not appease my appetites and my hunger. I write to record what others erase when I speak, to rewrite the poorly written stories about me. To become more intimate by myself and with myself. To discover myself, preserve myself, build myself,

achieve autonomy. To convince myself that I have value and that what I have to say is not a load of crap. To show that I can and that I will write, regardless of the warnings to the contrary. Finally, I write because I am afraid of writing, but I am even more afraid of not writing.

Gloria Anzaldúa, Chicana writer and theorist

Write your reflections based on your reading of the text. How did it touch you? What are the connections you can make with the author's words?

PAGE 63

Tell us what drives you to write.

I write because. . .

PAGE 64

(Re)Starting

We began our first journey in this book with a wish for our future. Something ends so that something else can begin. An end full of (re)starts.

Imagine living in a world where there is no domination, where women and men [and trans and non-binary people] are not alike or even always the same, but where the notion of mutuality is the ethos* that determines our interaction. Imagine living in a world where we can all be who we are, a world of peace and possibility. A feminist revolution alone will not create that world; we need to end racism, elitism, imperialism. But it will make it possible for us to be self-actualized people—women and men, [transgender people, regardless of sexual orientation]—who can create a loving community, live together, realize our dreams of freedom and justice, and live the truth that we are all 'created equal.' Come closer. See how feminism can touch and change your life and the lives of all of us. Come closer and learn, at the source, what the feminist movement is. Come closer and you will see: feminism is for everyone.

bell hooks, African American scholar

*ethos, a Greek word, meaning

a set of customs and habits of
behavior and culture
characteristic of a given
community, time, or region.

PAGE 65

Imagine your ideal world and write about it here. Let your words flow.
Let it come out like a dream, without thinking too much. Just imagine your better world.

This exercise was inspired by an activity book in Portuguese called *Mulheres possíveis* (*Possible Women*).

PAGE 66

How Was Your Experience?

*Because we will not be able to receive all these books back from the participants, I'm changing the questions here to encourage people to do a self-reflection here, rather than giving us feedback on their experience.

Reflecting on your writing process can be a good way to prepare yourself to write more in future. Here are a few questions to help you think about how you experienced writing as you worked your way through this book.

What did you think was **most interesting** in this book? Why?

Did you have any **trouble** with any of the exercises? Which one(s)?

What part(s) did you **not enjoy** doing? Why?

What would make you **enjoy writing more**?

Write about it here. See if you find any good strategies for doing more writing in future.

PAGE 67

These two pages are purposefully blank, open for you to fill in any way you desire: drawing, writing, making notes, writing poems or stories.

Enjoy this space of your own!

PAGE 68

No words.

PAGE 69

No words.

PAGE 70

On the back cover, can we add the logos for the Prison Creative Arts Project and Michigan Publishing Services?





Escaping Into Words:



A Creative
Writing Workbook

Hello! How are you?

Since 2017, our group of faculty and students from the State University of Santa Catarina (UDESC) in Southern Brazil has been offering theatre workshops inside the women's prison in the city of Florianópolis. In Portuguese our group is called ***Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância***, which in English would be something like Theatre and Prison: Practices of Performing Arts Infiltration in Detention Spaces. Our activities were suspended in 2020 at the start of the Covid-19 pandemic when volunteers were no longer allowed into the prison.

We developed this workbook as a way to stay connected to the women in the prison and to each other. We took inspiration from a project called ***Women with Possibilities*** (Mulheres Possíveis). We hope that this workbook can give us all a chance to breathe in these times, possibilities for self-perception and self-care, a space for expression, creation, and art making.

Our friends in the United States at the Prison Creative Arts Project (PCAP) at the University of Michigan asked our permission to translate this book into English and share it with people there. We are very glad that this book can now reach people in another nation and another language.

We would love to create with you in person, but when we cannot be together, we can still share these pages, words, images, and emotions.

May our words reach you like a hug, wrapped up in warmth!

write here the name you'd like to use
(it doesn't have to be your real name)

Conceived, organized, and written by

Professor Vicente Concilio (UDESC)

Professor Caroline Vetori (UDESC)

Edited by

Professor Anelise Zimmermann (UDESC)

Professor Sara Copetti Klohn (University of Rio Grande do Sul)

Graphic design by

Professor Anelise Zimmermann (UDESC)

Professor Sara Copetti Klohn (University of Rio Grande do Sul)

Clara Sohn (UDESC)

Fernanda Gonçalves (UDESC)

English translation by

Professor Ashley Lucas (University of Michigan)

Contact information for *Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*

teatroeprisao@gmail.com

Contact information for the Prison Creative Arts Project

pcapinfo@umich.edu

Acknowledgements

This workbook is indebted to the university community engagement programs *Programas de Extensão Pedagogia de Teatro e Processos de Criação* and *Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica* at the *Centro das Artes* at the *Universidade do Estado de Santa Catarina* (UDESC). It was printed in Brazil with resources from *Editais PAEX-PROCEU/UDESC* in 2020 and 2021, and the original edition in Portuguese was distributed in Brazil for free to people and organizations in the state of Santa Catarina.

The English edition was supported by the Public Engagement Faculty Fellows program at the University of Michigan, the UM Brazil Initiative, and Michigan Publishing Services. This edition was printed in Michigan and distributed for free in prisons throughout the state.

Call for Writing by Incarcerated Writers in Michigan

The *Michigan Review of Prisoner Creative Writing* showcases the talent and diversity of writers who are currently incarcerated in Michigan. This annual review serves as one facet of the University of Michigan's Prison Creative Arts Project, which brings those impacted by the justice system together with the University of Michigan community for artistic collaboration, mutual learning, and growth. As PCAP's literary review, it features short stories, poems, essays, and maybe even short plays from both beginning and experienced writers. It offers writing that comes from the heart and is unique, well-crafted, and lively.

We can only accept submissions from people currently incarcerated in the state of Michigan.

The *Michigan Review of Prisoner Creative Writing* is accepting submissions of poetry, fictions, plays, and short essays year-round. We tend to do most of the reading during the school year, and acceptance/ rejection letters go out at the end of the semesters (so if you send something during the summer, you may not hear back about it until December). Please do not send novel- or novella-length works or other whole books, as we cannot publish them. Please accompany your submission with a note that includes any pen names you want us to use, your MDOC or BOP ID number, and your current address.

The place to send them is:

**Attn: John F. Buckley
Prison Creative Arts Project
East Quad/Residential College
701 E. University Ave.
Ann Arbor, MI 48109-1245**

Guidelines

1 There is no right or ~~wrong~~ wrong.

Play with the words. You can express yourself any way that you want. You can write or draw. This workbook is yours!

2 Reading is also an act of creation.

The way in which you understand an activity is the way it should be done. The exercises in this book can be reimagined in whatever way you read them, which is personal. That is to say, no one can do this for you.

3 Make adaptations.

Transform these exercises as you see fit in the moment. For example, if you wanted to write in purple but don't have that color ink, you could write a note in the margin, saying: "I would have liked to have written this in purple."

4 Try to get in touch with yourself and with others.

These words, these games can be precious keys. They can open heavy and difficult doors. They can transport us to other places.

5 Take your time.

Don't rush to finish the activities or the workbook. After each exercise, think about it. Notice how it moved you, what it did to you physically, sensorially, emotionally. If you can, share it with a partner. Talk about your feelings and listen to theirs.

6 Use the workbook like a diary of experiments, creations, and things you have learned.

Please include the date of each activity. It can be nice to know when you wrote something and track your progress over time.

7 You don't need to do the activities in order.

Do the activities in the order that you find most interesting.



Let's go!
We'll see you on
the next page.

Planting Words

*tomorrow is at the corner of time,
we will meet there soon
and come across a new path,
fresh starts,
new encounters,
that demand days of growth,
ancient calendars that open the leaves of the
morning,
in the word hope there is waiting
let us wait and dance our dances*

A blank page is a universe
of possibilities to be created.

Here, symbolically, we
invite you to create a new day.

Plant words that can be seeds!

**Plant words—feelings—desires
in this fertile ground.**



put the date
here!



A Letter for the Future

What would you like to say?

What are your **plans**, your **desires**, your **dreams**?

What advice would you give your future self?

Don't stop to think.

Let your thoughts turn

into **words** and/or **desires**

on the paper without judgement. . . Let it flow.



Write a letter to:

your future self

Dear self,

We Have Many Versions of Ourselves

When we introduce ourselves, we usually start with the phrase, "I am..."

It seems like a something definitive, but in reality we have **many versions of ourselves**, don't we? Knowing how different we are at each moment can help us free ourselves from what people think of us because we know our existence can't be summed up in just being one thing... Knowing this is what makes us **unique**...



This exercise was inspired by an activity book in Portuguese called Mulheres possíveis (Possible Women).

With this in mind, tell us:
Who are you?

A large grid of small, light blue squares for writing, organized into 10 rows and 20 columns.

Write small

Write slowly

Write fast

WRITE BIG

I Am, I Am Not

Complete the sentences with words or drawings:

I am

I am not

Everyone knows that

No one knows that

I want

I don't want

I play

I sing

If I were a book, I would be

If I were a color, I would be

If I were a color,
I would be
red.

I have

I know

I dream

I support

If I were

If I flew

If I

If I were an object, I would be

If I was a character, I would be

If I Could...

In the theatre, we often use the magic “if”:

If I was another person?

If I could do anything?

The magic “if” helps us to fly into the universe of imagination, and it can be your best friend.

It helps us to imagine other situations and to travel the world.

What **if** we met face-to-face to get to know each other?

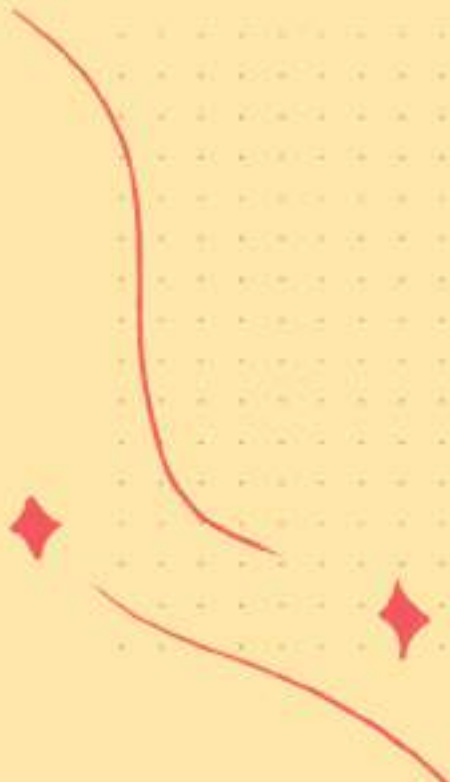
How would you introduce yourself?
What would you say about yourself?

And what would you ask?
What would you like to know?



Tell this story by writing about it.

Hello, my name is



If I Found

Now, let's change the characters
and the location of this meeting a little.

Imagine **if** the person in front of you
was a very famous person
who wanted to interview you.

Who is this person interviewing you?

What is the purpose, context or location of the interview?
What questions does this famous person ask?

And how do you respond?

Here, we begin to play
more with reality (you) and fiction
(the famous person and the location of the interview).

You can respond with partial truths
and also your own inventions. Play with fantasy.

Hello, we are here with...



Questions

Now, ask a friend
what they think would be interesting to ask
when **they meet someone for the first time**.

If possible, ask
other people and write down
what they say.

Write their suggestions here:

How was your day?

Now you have some different
questions in your workbook, right?

Try responding to these same
questions in your workbook.

What No One Ever Asked Me Before

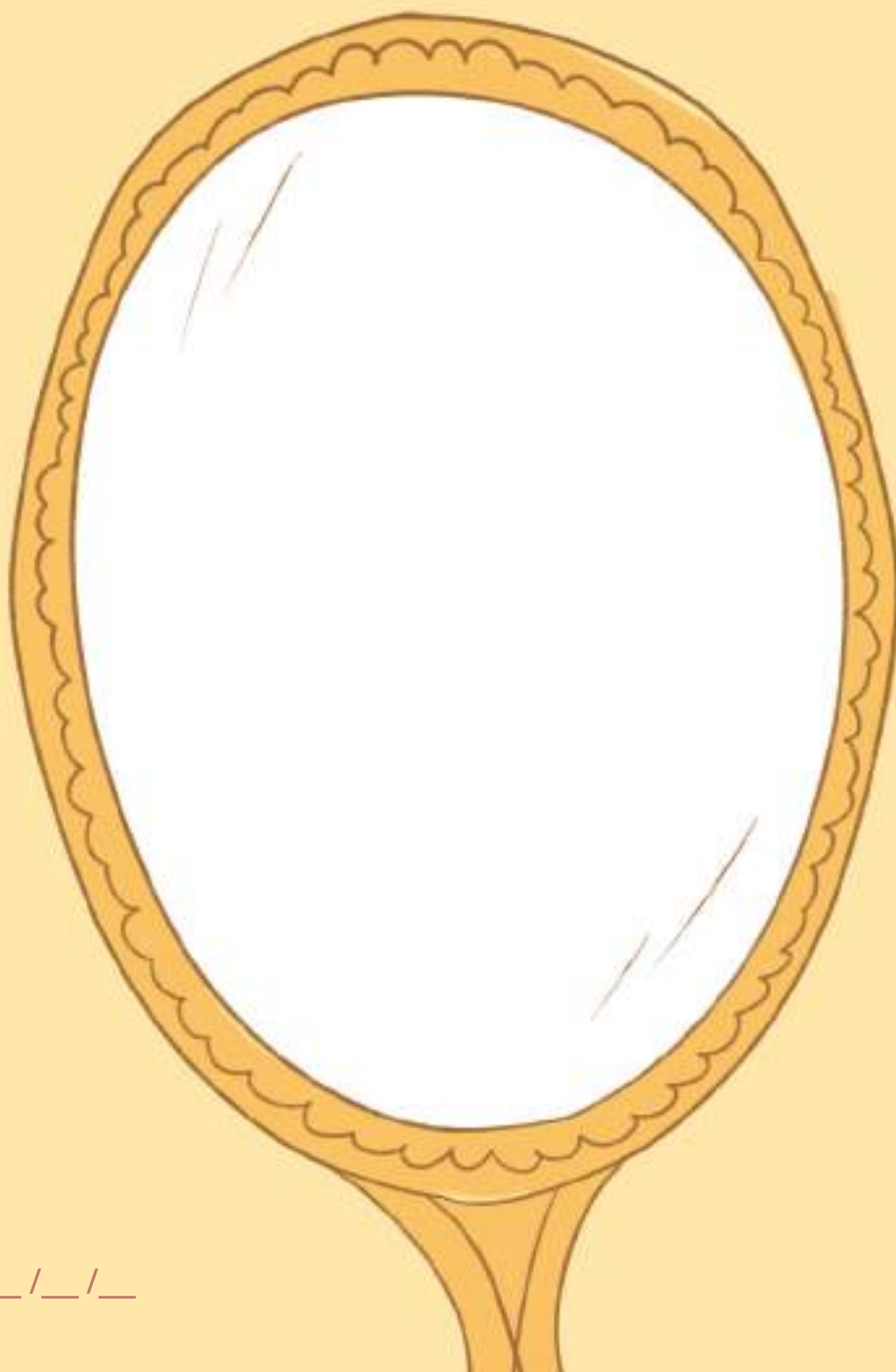
What would you like to tell that **no one ever asked you about before?**

Write the questions and your responses.



Draw Yourself

Try to make a **self-portrait**. Have you ever drawn yourself? Try it here.

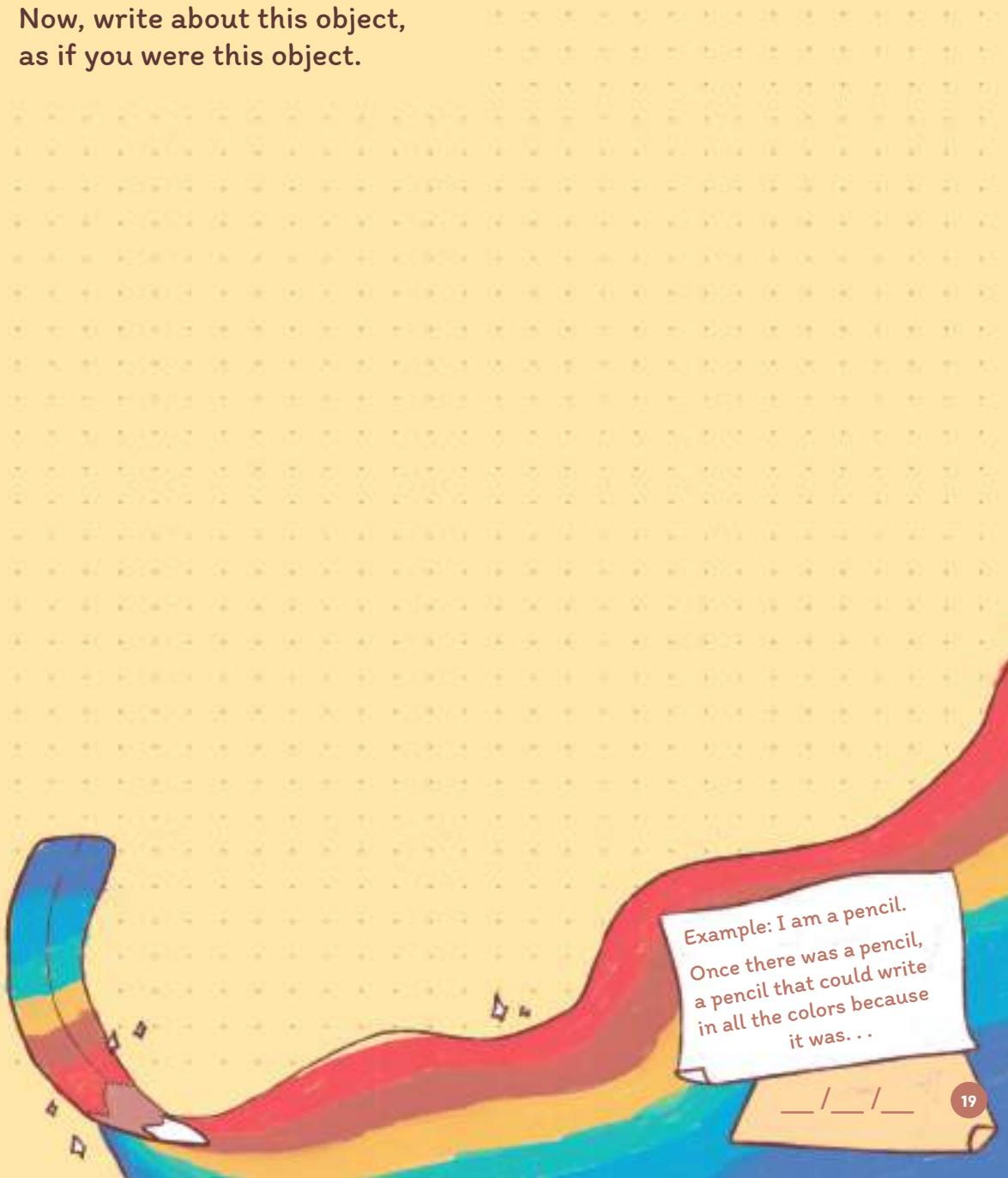


If I Were an Object

Think of an object that describes **you**.

Draw the object.

Now, write about this object,
as if you were this object.



The page features a large grid of small squares for drawing and writing. At the bottom, there is a colorful illustration of a rainbow with a white cloud. A speech bubble from the cloud contains the example text: "Example: I am a pencil. Once there was a pencil, a pencil that could write in all the colors because it was. . .". Below the speech bubble, there are three blank lines for writing: "___ / ___ / ___".

If I Were Water

“ *The river that sweeps everything away
is said to be violent.
But no one says that
the banks that channel it are violent.*

Bertolt Brecht

Imagine that the **trajectory of your life**
until now was made of water.

Draw your path,
thinking of the words:

Where is this water running to?

Was this water a river? A waterfall?
The sea? The rain?

Did this water run into dams?
Did it make rapids?

If I Were Rain

If we imagine that we are **drops of water**, we can pretend that other people are, too, and **when these drops meet**, they become rain, rivers, the sea, lakes, waterfalls, and rapids.

Discuss your life journey as a raindrop with some friends.

Write or draw these adventures.



What do you have in common?

What is different about each of you?

In what rivers did you meet?

I Become



“

*(...) why do I write?
I write, almost as if I were obliged
To find myself
While I write
I am not the Other
But the voice itself
Not the object
But the subject.
I become the one who describes
And not the one who is described
I become the author,
And the authority
In my own story
I become the absolute opposition
To what the colonial project predetermined
I return to myself
I become.*

Excerpt from the text *Enquanto eu escrevo*, translated by Anne Quiangala,
by the black Portuguese artist and theorist Grada Kilomba.

Inspired by the poem, try to write about yourself
as the **protagonist**, that is, as the author
of your own life. Only you know
the best way to tell **your story**.

We invite you to begin writing your story
with “I become. . .”

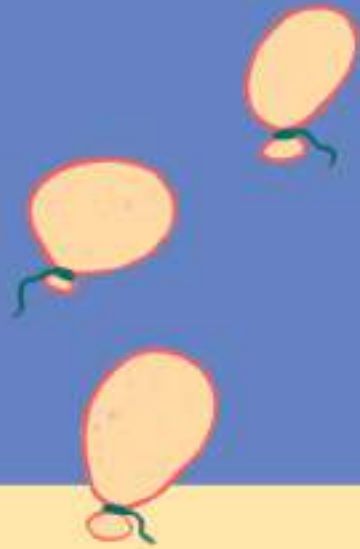
I become

My Fears

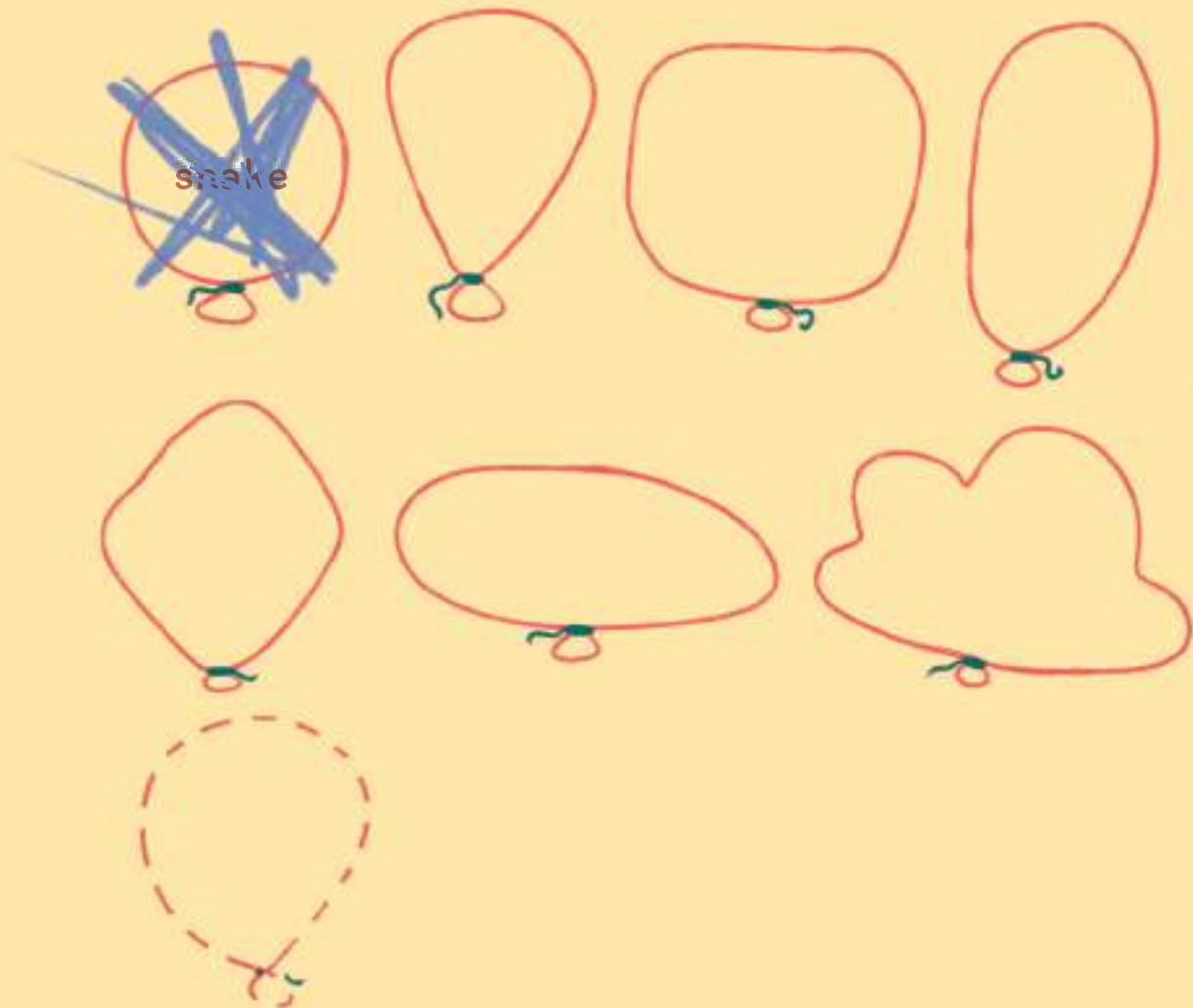
Imagine that you are filling balloons with **your fears**.

Write your fears inside the balloons.

You can also draw **more balloons** on the page.



Now, pop the balloons.



How Are You?

Sometimes, we say, "I'm fine!" without really being fine. It's an automatic response.

Observe how you're feeling. If you want to and if you can, close your eyes and explore your feelings.

Observe your breathing. You don't need to breathe differently. Just pay attention. **How is it?**

Now, observe **your body**, all of it.

And how is **your mind**?

Fast?
Slow?

Tense?
Relaxed?

Silent?
Noisy?

Write here how you are feeling in
your breathing, your body, and your mind.

My breathing is



Feelings in Jars

Put your feelings in these jars.

These feelings can spice up your writing
or warm you up in the winter!

Inspired by the book *Uma página de cada vez* (A Page Each Time).



Treasure Chest of Feelings

Imagine a moment of great joy
and let this sensation flood through your whole body.

Guard this feeling in your treasure chest.

Only you have the key to open it!



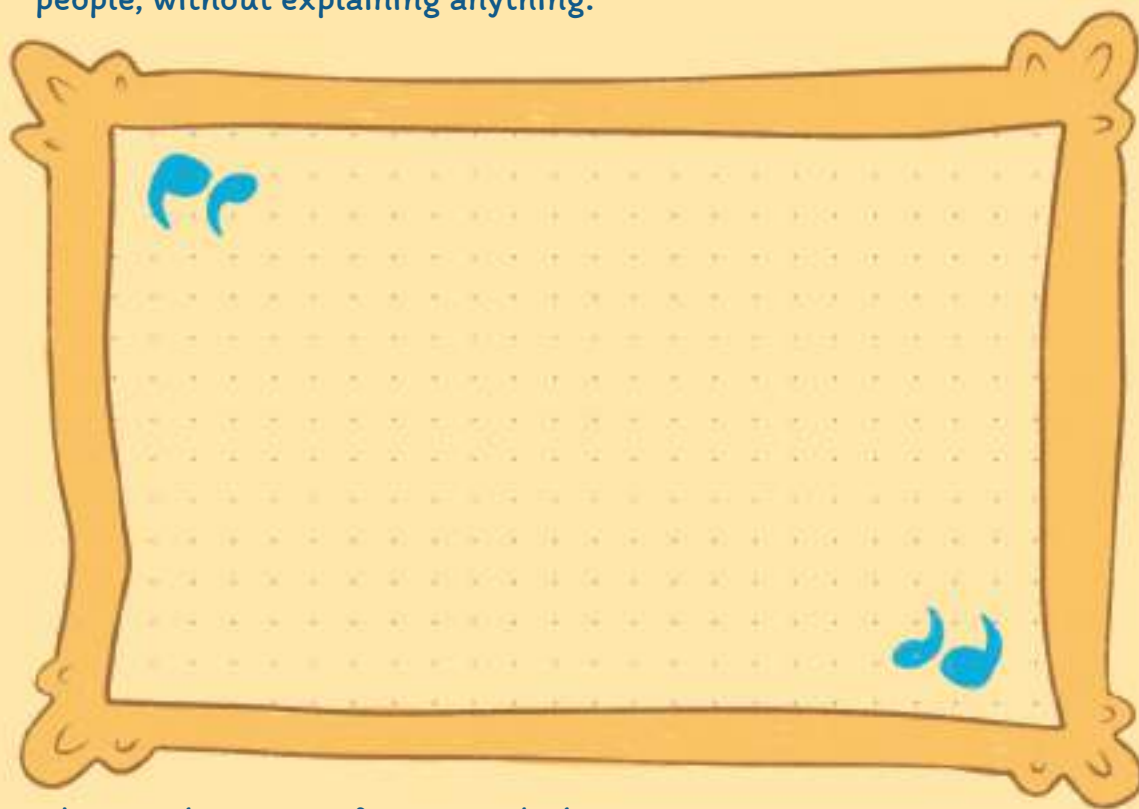
This key is yours!

Words of Affection

Think of a **sentence** that has a feeling of hope, love, and protection.

Write this sentence.

Now say this sentence to 3 different people, without explaining anything.



Observe the power of your words, how they can make someone's day better.

Repeat this exercise whenever you feel like it. Also, you don't need to have this workbook in your hands to do it.

Exercise inspired by *Livro de atividades: Mulheres possíveis* (Possible Women: Workbook of Activities).



Make a List Here of What Makes You Happy

It can be colors, animals, food,
whatever makes you feel good.

1. Affection

2.

3.

4.

Our Feet

The feet are the surface on which **our body's weight** rests.

Their shape is quite clever so that we can walk, dance, run and balance ourselves.

They deserve **special attention**, care, and pampering.

Let's move and feel our feet!

- 1 Sit in a position where you can comfortably **hold one of your feet**. You can also ask a partner to help you. First, do the entire exercise on just one foot.
Stretch, as if you have just woken up.
- 2 **Touch your foot** and feel the contact of your hands with the skin.
- 3 Feel the textures, the softer parts, the thicker parts. Observe your foot to recognize all of it by touch.
- 4 **Massage the entire foot** as if you were kneading bread, with your entire hand.
- 5 Deepen the touch and **try to feel your bones**. Did you know that we have 26 bones in each foot? Take the opportunity to try to feel the shape of your bones.
- 6 Place your **fingers between your toes**, like a kind of hug between these parts of the body, creating space between your toes.
To finish, stand up, close your eyes and **feel the difference**
- 7 **between your feet**, the one that has received a massage and the one that has not yet received one.
- 8 Now, let's go back to the first step to take care of the **other foot**.

Exercise inspired by Livro de atividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities).



An abstract graphic design featuring a bright yellow background. A thick, vibrant red wavy line curves from the top left towards the bottom right. In the upper right corner, there is a dark brown, irregular shape that resembles a stylized leaf or a piece of organic matter. The overall composition is minimalist and modern.

— / — / — 33

One time

Space



Observe your surroundings. **Choose a point** in your environment, such as an object, for example, and walk towards it. When you reach it, choose another one, and walk towards it.

Stay **close** and try to notice the details.



Stay **far away** and notice how your point of view changes your perception.

Let your gaze be **guided by the space**, like someone trying to recognize it. You can play with the levels: bend down, stand on tiptoe...



Now, imagine that you want to **describe** this place to someone who cannot see the place where you are...

Describe or draw this space.



Changes

Imagine you are a **place**.

What is it like?

What is it **needing**? A cleaning?

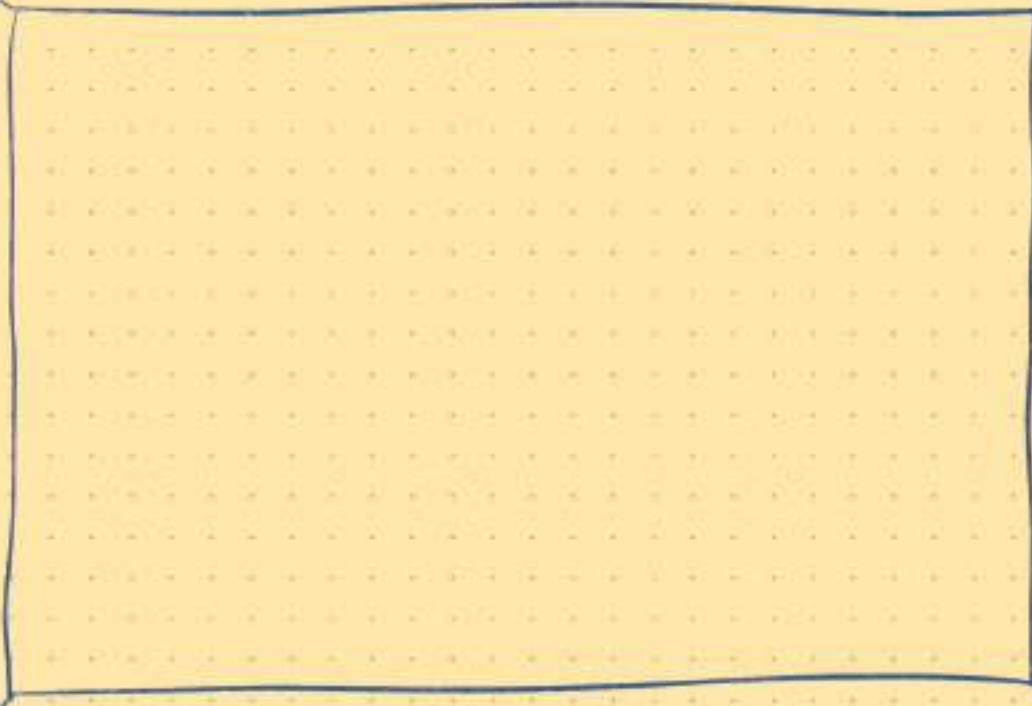
A shape? Reorganizing?

How would it be to **open** the windows?

Is today a beautiful day to **plant** new flowers
in this space?

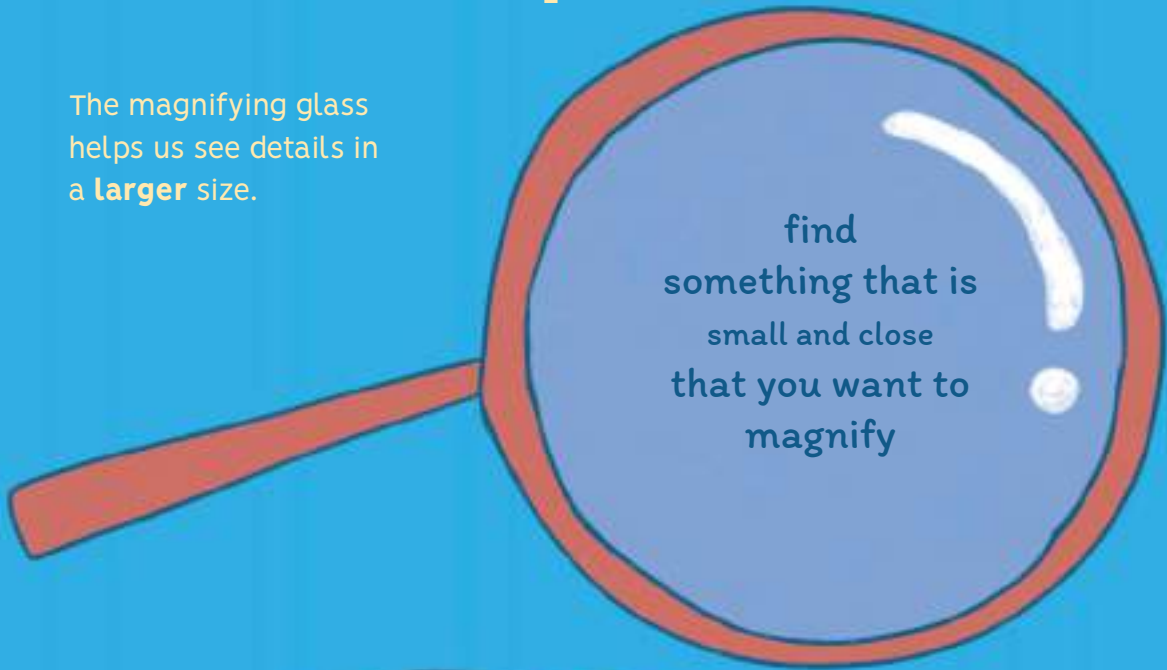
What do you think about painting it? In what colors?

Describe or draw this space
and what changes you would like to make to it.

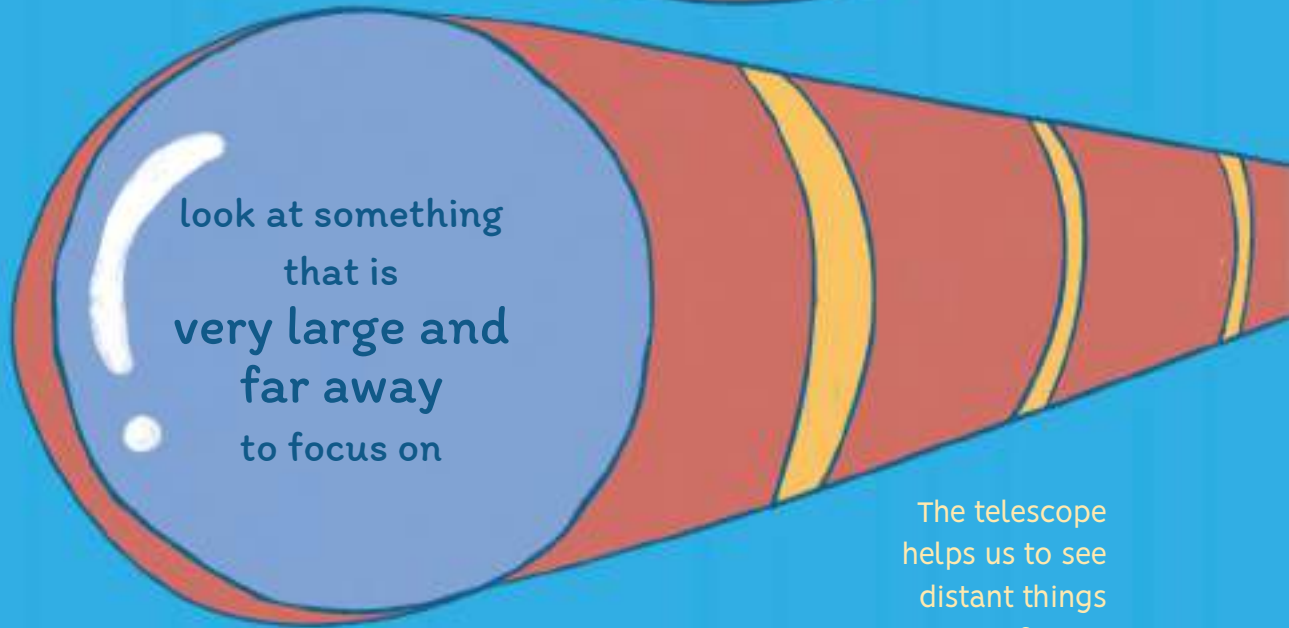


The Magnifying Glass and the Telescope

The magnifying glass helps us see details in a **larger** size.



find
something that is
small and close
that you want to
magnify



look at something
that is
very large and
far away
to focus on

The telescope helps us to see distant things in **focus**.

Looking at Questions

When do I look at myself?

When do I look?

When am I looked at?

When do eyes touch?

When is a look a hug?

When do I communicate with a look?

When do I linger looking?

When do I look down?



What other questions can we ask
in this style?

Write more questions.

When do my eyes

A large grid of small, faint question marks arranged in a 10x10 pattern, intended for writing more questions.

The Touch of the Look



To look.

Is an action.

It is also a thing, the look.

The look of someone who looks at us.

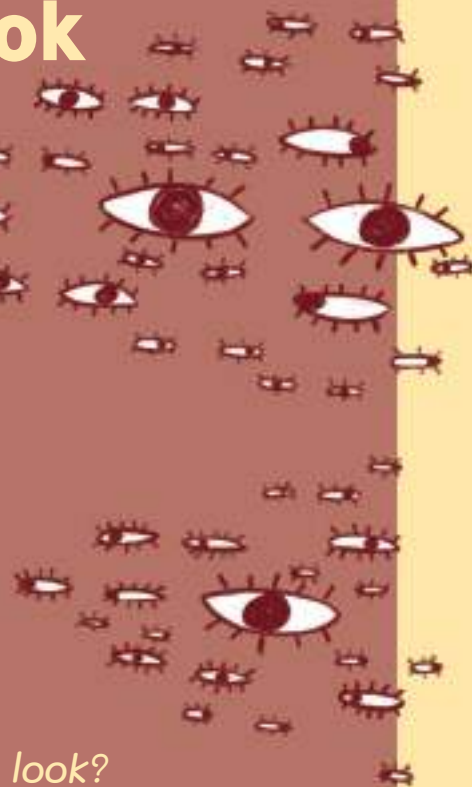
*The look of someone we observe
while seeing something
or someone else.*

It is an organ of F E E L I N G.

*Seeing, hearing, touching, smelling
and tasting.*

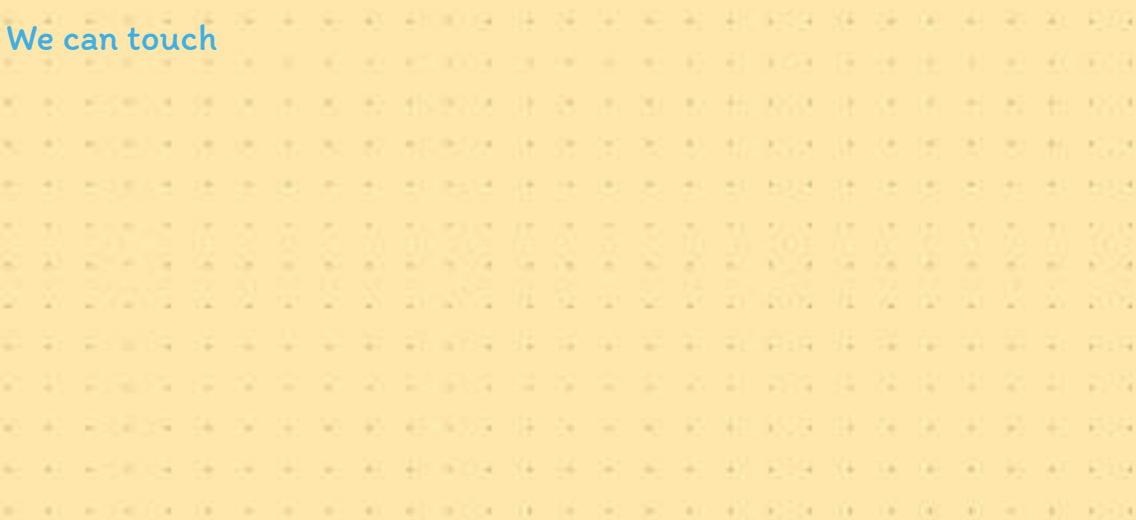
Is it possible to touch someone with a look?

Exercise inspired by Livro de atividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities).



Write or draw how you could
touch someone with a look.

We can touch



What do you hear?



Which sounds are **closest** to you?

Which sounds are **farthest away**? Are there repetitive sounds? Are there human sounds?

Whispering Words

In our ears, we can...

... whisper words **softly**...

... shout words **loudly**...

... sing words with **melody**...

... declare words of **love**...

Add words to the drawings,
trying to convey different feelings.



Breathing Out

Inhale deeply through your nose. Exhale through your mouth, letting out a soft **AAAAHHHHH** sound.

Once more.

Now, inhale while raising your shoulders, and when you exhale, let your shoulders relax.

Once more.

Let out a louder **AAAAHHHHH**. You can open your mouth wider to do the exercise.

Imagine that when you exhale with this **AAAAHHHHH**, you are throwing everything you no longer want out of your body.

Complete the drawing with everything you want to blow away from you.



Who Knows How to Listen?



I always see courses advertised on public speaking. I've never seen an ad for a course on listening. Everyone wants to learn how to speak. No one wants to learn how to listen. I thought about offering a course on listening. But I don't think anyone would sign up.

Excerpt from the text *Escutatória*, by writer Rubem Alves

The author of the text jokes about how hard it is to listen. Why is that?

When do I **listen**?

Besides using my **ears**, how do I listen?

When do I **not** listen?

What do I **not** listen to?

When do others listen to **me**?

When do they **not** listen to **me**?

What do they **not** listen to?



Listen to yourself and use the questions above to write something.

You can let the words come out without thinking too much, expressing them in lines or single words, in an abstract and disorganized way.



Backbone

This line of small bones that runs along our back is full of nerves, through which the spinal cord passes, and has tiny sacs of lubricating fluid between each of the vertebrae. Our spine is fully articulated, we can move it in many ways. It curls, extends, twists.

Have you ever had problems with pain, a stiff neck, or soreness in your spine? Let's be kind to our spines for a moment.

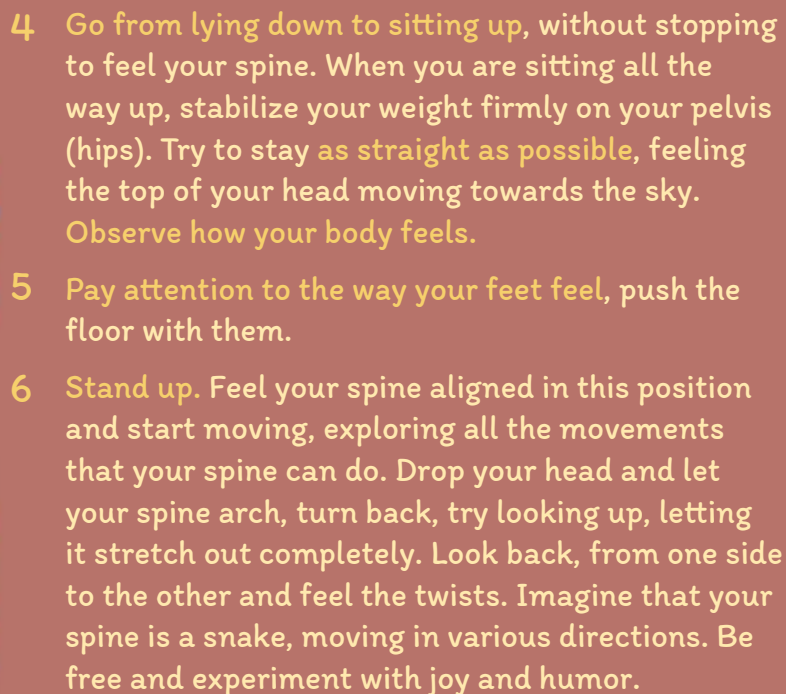
You can do this step by step on your own, or you can guide a friend.



- 1** To begin, touch the **ends of the spine**. It starts near the head. Carefully use your fingers to find where the first vertebra fits into the skull.
- 2** Then go to the other end and find the **coccyx**, which is the end of your tailbone.

- 3** Lie down on your bed or on a hard surface. **Relax completely**. Surrender to the earth, without fear, without holding on to anything. Just breathe, releasing your weight more and more towards the floor, and **feel your entire spine**, from your neck to your coccyx.





Describe what sensations you felt during this activity.

Write or draw.

45

Hands as Paintbrushes

“Imagine that your hands are paintbrushes and that you are going to paint the space around you with vertical, horizontal, circular, spiral movements... Imagine or sing a song, alone or with a partner, and dance “painting the space” while moving to the rhythm of the song!

Exercise inspired by Livro de atividades: Mulheres possíveis (Possible Women: Workbook of Activities).

Dance.

dance s l o w l y

dance with your eyes closed

dance quickly

dance in as weird a way
as you can

dance on tiptoes

Making Faces

Let's move our faces.

Make as many different faces as you can.



Different expressions.



Smile.

Make big kisses.



Make baby kisses.



Imitate the sound of a fan, leaving your lips very loose: prprpr! vrvrrrrrr!



What Marks Us

“Everything has, we all have, a face and marks. The dog and the snake and the seagulls and you and me, those who live and those who have lived and all who walk, crawl or fly: we all have a face and marks. The Mayans believe this. And they believe that the marks, invisible, are more face than the visible face. They know you by your mark.

Eduardo Galeano



What are your visible and invisible marks?

Write in response to this question/reflection.

A large grid of faint, repeating text prompts for reflection, such as "What are your visible and invisible marks?" and "Write in response to this question/reflection."

Words Can Heal



*I write as if to save
someone's life,
probably my own.*

Clarice Lispector



Write in response to
these questions.

You can use single words, phrases,
or verses.

If words heal. . .

Inspired by this line by the author,
imagine:

If words were medicine, what would
they cure?

If words were capable of mending
wounds, what would they be?

If words could fix someone's life,
what would they say?

Exploring the Head and Face

With your hands open, touch your face. Explore the touch on your entire head, noticing the shapes and textures.

With your hands open, as if you were messing up your hair, **massage your scalp**, trying to relax through touch. You can do it to yourself or invite a partner to do it.

Still touching the scalp, gently move your fingertips.

On your face, use your fingertips to feel different textures, identifying the physical shapes, the sizes, the temperature, everywhere you can feel.

Notice particulars shapes or sizes of parts of your face, go back to one of them.

Why did that part catch your attention?

Any memories? Does it feel good to touch?

Look for ways to move that part, as if you were molding clay. Notice if there has been any change. Is it more relaxed? Do you feel different?

Investigate the movements that cause you to relax. Massage your face, being kind to it, letting touch transform it.



Words in Boxes

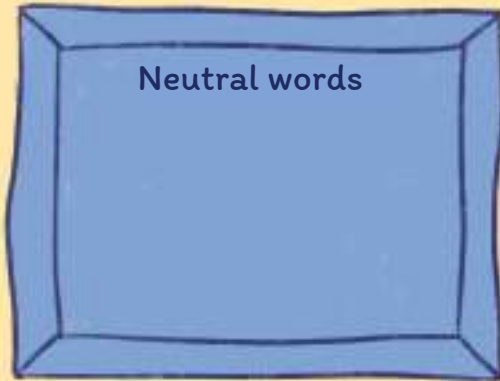
“

Magda Lemonnier cuts out words from newspapers, words of all sizes, and keeps them in boxes. In a red box she keeps the angry words. In a green box, the loving words. In a blue box, the neutral words. In a yellow box, the sad words. And in a transparent box she keeps the words that have magic. Sometimes she opens and turns the boxes over on the table, so that the words mix up in whatever way they want. Then the words tell Magda what happened and announce what will happen.

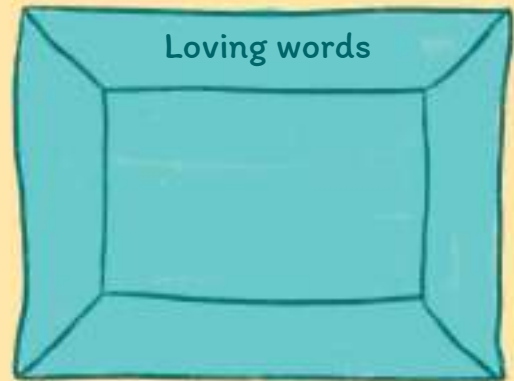
Eduardo Galeano

You can also put your words in boxes.





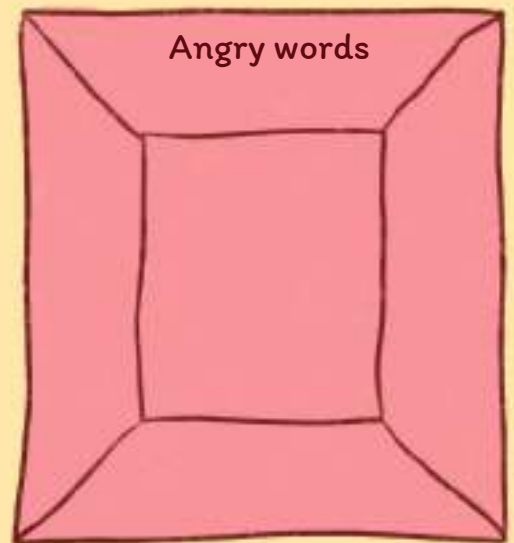
Neutral words



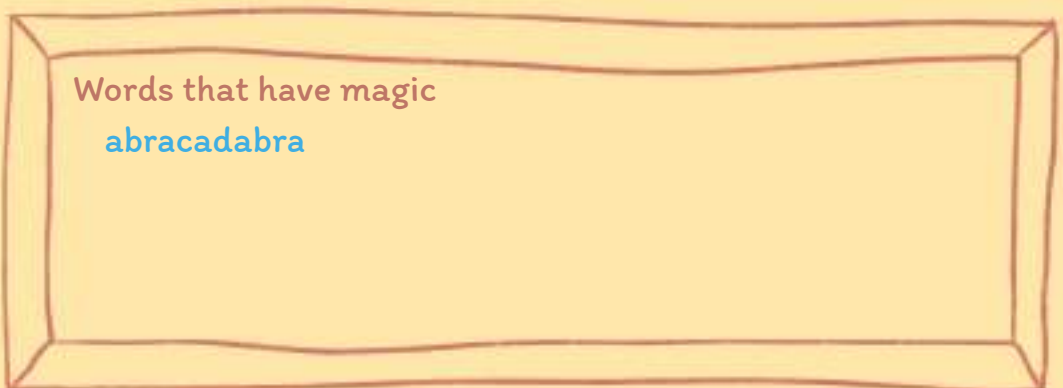
Loving words



Sad words



Angry words



Words that have magic

abracadabra

Meeting

Think of a **character**.

It could be an invented character, for example, a character from a soap opera you watch or a book you have read. But they could also be real, like a person you know.

Ask a friend to think of a **place**, real or imaginary.

Now, imagine that you **meet** this character in this place.



Write a scene with this character in this place.

— How nice to meet you here!

Write the name of the character here

Write the name of the place here

It can be anywhere in the world or an imaginary place.

List the places:

beach

List the actions:

tanning

2.

3.

4.

5.

Once you have five pairs, write a short story about each of them.

Word by Word, We Write Poetry

Ask someone to tell you five random words. Write these words down.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Find one more person and ask them for five more words. Write them here.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Ask someone else to tell you five more words. List them here.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Look at these fifteen words and invent ways to put them together.

They can be short sentences or poetry. Don't think much about it. Just write fluidly, without judgment.

Improvising: Who? Where? What?

In the theatre we improvise
by asking WHO? WHERE? And WHAT?

For example: SOMEBODY and SOMEBODY ELSE (who)
meet in PLACE (where) and SOMETHING HAPPENS (what).

Decide who the people are in your story,
where it takes place, and what happens.



Write the story that comes out of these choices.

Once upon a time. . .

A large grid of small, faint, repeating text blocks, likely a placeholder for a story or a series of prompts.

A story in 7 Steps

Now we're going to play with writing a story in **seven steps**.

Use these seven items to write a story, filling in the gaps.

The steps are:

The story can be real or invented, or it can be real and invented at the same time.

1. There was a time

2. And everyday

3. Until one day

4. And then, because of this

5. And also because of this

6. Until finally

7. It was like this

Life Histories

Ask someone to tell you a **story** that they lived through. Pay close attention.

Then rewrite this story.

You can mix in your own narrative.

You can change the characters, the places, the dates, and even what is real or fictional.

Step 1: Try to write as if you were telling the story to someone.

Step 2: Try to write as if you were the protagonist in the story, as if the story were your own.



A large grid of small, faint, repeating text blocks, likely a placeholder for a story or a series of prompts. The text is too small to read clearly but appears to be a series of short sentences or paragraphs arranged in a grid.

Memories



Now think about a story of **your own**.

A **memory** is an act of creation in the present.

In the present we give **significance** to the past,
enabling ourselves to **construct** other narratives
apart from those that **happened to us**.

Use your memories to write a text
for the present moment.

New meanings and motivations may emerge out
of what has already happened.

I remember. . .

A large grid of faint, light blue puzzle pieces arranged in a rectangular pattern, intended for writing a story.

Time Machine

If you had a time machine,
where would you want to go?
It could be a moment or a place.



Write about this.

I would go to ...

Why Do I Write?



“

Why am I driven to write? Because I have no choice. Because I must keep the spirit of my revolt alive, and myself, too. Because the world I create in writing makes up for what the real world does not give me. In writing, I bring order to the world, I give it a handle so I can hold it. I write because life does not appease my appetites and my hunger. I write to record what others erase when I speak, to rewrite the poorly written stories about me. To become more intimate by myself and with myself. To discover myself, preserve myself, build myself, achieve autonomy. To convince myself that I have value and that what I have to say is not a load of crap. To show that I can and that I will write, regardless of the warnings to the contrary. Finally, I write because I am afraid of writing, but I am even more afraid of not writing.

Gloria Anzaldúa, Chicana writer and theorist

Write your reflections based on your reading of the text.
How did it touch you? What are the connections you
can make with the author's words?

Tell us what drives you to write.

I write because. . .

A large grid of dots for writing, consisting of 20 rows and 40 columns of small, light blue dots on a light blue background.

(Re)starting

We began our first journey in this book with a wish for our future. Something ends so that something else can begin. An end full of (re)starts.



“

Imagine living in a world where there is no domination, where women and men [and trans and non-binary people] are not alike or even always the same, but where the notion of mutuality is the ethos that determines our interaction. Imagine living in a world where we can all be who we are, a world of peace and possibility. A feminist revolution alone will not create that world; we need to end racism, elitism, imperialism. But it will make it possible for us to be self-actualized people—women and men, [transgender people, regardless of sexual orientation]—who can create a loving community, live together, realize our dreams of freedom and justice, and live the truth that we are all ‘created equal.’ Come closer. See how feminism can touch and change your life and the lives of all of us. Come closer and learn, at the source, what the feminist movement is. Come closer and you will see: feminism is for everyone.*



*ethos, a Greek word, meaning a set of customs and habits of behavior and culture characteristic of a given community, time, or region.

bell hooks, African American scholar

Imagine your ideal world and write
about it here. Let your words flow.
Let it come out like a dream,
without thinking too much.
Just imagine your better world.

This exercise was inspired by an activity book in Portuguese called
Mulheres possíveis (Possible Women).



How Was Your Experience?

Reflecting on your writing process can be a good way to prepare yourself to write more in future.

Here are a few questions to help you think about how you experienced writing as you worked your way through this book.

What did you think was **most interesting** in this book? Why?

Did you have any **trouble** with any of the exercises? Which one(s)?

What part(s) did you **not enjoy** doing? Why?

What would make you **enjoy writing more**?



Write about it here. See if you find any good strategies for doing more writing in future.

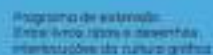


These two pages are purposefully blank, open for you to fill in any way you desire: drawing, writing, making notes, writing poems or stories.

Enjoy this space of your own!



25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100																								
101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200
201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300
301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400
401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500
501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600
601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700
701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800
801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900
901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000



M LSA PRISON CREATIVE ARTS PROJECT
CONTACT FOR DONORS

MAIZE BOOKS
Michigan Publishing
<http://www.maizebooks.org>